

Ariane Alves Eufrásio de Paula

O saber e a montagem: um estudo de
O Queijo e os vermes, de Carlo Ginzburg

Belo Horizonte
2020

Ariane Alves Eufrásio de Paula

O saber e a montagem: um estudo de
O Queijo e os vermes, de Carlo Ginzburg

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Tecnologia

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Maia

Belo Horizonte
2020

Paula, Ariane Alves Eufrásio de.
P324s O saber e a montagem: um estudo de O Queijo e os vermes, de
Carlo Ginzburg / Ariane Alves Eufrásio de Paula. – 2020.
100 f.
Orientadora: Claudia Maia

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em
Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2020.
Bibliografia.

1. Relação Saber-Poder. 2. Micro-história. 3. Ginzburg, Carlo,
1939-. O queijo e os vermes. I. Maia, Claudia. II. Título.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), avaliada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Roniere Silva Menezes – POSLING/CEFET-MG

Profa. Dra. Bruna Fontes Ferraz – CEFET-MG

Prof. Dr. Luiz Lopes – POSLING/CEFET-MG
(p/ Profa. Dra. Claudia Maia – orientadora – POSLING/CEFET-MG)

Belo Horizonte, setembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

À orientadora deste trabalho, Professora Claudia Maia, agradeço pelos muitos ensinamentos, pela atenção ao projeto, pela paciência com os momentos de dispersão, pelo carinho e pelos inestimáveis incentivos.

Aos funcionários e docentes do CEFET-MG, pela solicitude e, em especial, aos professores cujas disciplinas tive o privilégio de acompanhar e que ampliaram imensamente minha compreensão do mundo.

Aos amigos e familiares, pela segurança e os ouvidos cuidadosos.

Agradeço, fundamentalmente, a meu esposo, filha, pais e irmão Wesley de Paula, Julia, Paulo, Jacira e Breno, sempre em minha cabeça e coração.

[...] o historiador remonta os “restos”, porque eles próprios apresentam a dupla capacidade de desmontar a história e de montar junto os tempos heterogêneos, Outrora com Agora, sobrevivências com sintomas, latências com crises... Não se pode jamais separar o objeto de um conhecimento [...].

Georges Didi-Huberman

RESUMO

Esta dissertação pretende investigar a relação entre o saber e a montagem no livro *O queijo e os vermes*, do historiador italiano Carlo Ginzburg, publicado originalmente em 1976. Esta obra reconstitui e narra a história de Domenico Scandella, também conhecido como Menocchio, um camponês que teve suas ideias reprimidas pelo poder inquisitorial do século XVI. Os saberes e as leituras de que Menocchio se valeu para construir uma cosmogonia própria são investigados a partir do pensamento de Michel Foucault sobre discurso, saber e poder, e também do conceito de montagem de Georges Didi-Huberman. As investigações sobre transdisciplinaridade do professor Ivan Domingues colaboraram no sentido de considerar que a cosmogonia de Menocchio movimentava o campo do saber, reinventando novas possibilidades.

Palavras-chave: saberes; montagem; micro-história; *O queijo e os vermes*; Carlo Ginzburg

ABSTRACT

This paper aims at investigating the relation that exists between the knowledge and the assembly in the book *O queijo e os vermes*, written by the Italian historian Carlo Ginzburg, originally published in 1976. This book, reconstitutes and tells Domenico Scandella's history, also known as Menocchio, a farmer that has had his own ideas repressed by the inquisitorial power in the 16th century. The knowledge and the readings that Menocchio used to construct his own cosmogony are investigated based on Michel Foucault's thought on discourse, knowledge and power, and also regarding the concept of assembly (montage) from Georges Didi-Huberman. The investigations of Professor Ivan Domingues about transdisciplinarity collaborated in the sense of considering that Menocchio's cosmogony puts into movement the field of knowledge, reinventing new possibilities.

Keywords: knowledge; assembly; microhistory; *O queijo e os vermes*; Carlo Ginzburg

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	p. 09
CAPÍTULO PRIMEIRO – O saber e <i>O queijo e os vermes</i>	p. 25
1.1 O saber é poder.....	p. 25
1.2 Menocchio e a defesa de sua cosmogonia.....	p. 34
CAPÍTULO SEGUNDO – A montagem em <i>O queijo e os vermes</i>	p. 54
1.1 A teoria da montagem em Didi-Huberman.....	p. 54
2.2 <i>O queijo e os vermes</i> e a montagem.....	p. 61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 93
REFERÊNCIAS.....	p. 96

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Menocchio, o homem que ousou desconstruir saberes

*[...] é um homem como nós, é um de nós.
Mas é também um homem muito diferente de nós.*

Carlo Ginzburg

Carlo Ginzburg nasceu no dia 15 de abril de 1939, na cidade de Turim, Itália. É filho da escritora Natália Ginzburg e do intelectual antifascista Leone Ginzburg, ambos de origem judaica. Estudou na Escola Normal Superior de Pisa, mas deu continuidade a seus estudos no Instituto Warburg, em Londres, na Inglaterra. Renomado historiador, lecionou nas Universidades de Bolonha, Harvard, Yale e Princeton. É considerado um dos intelectuais mais notáveis da Itália e seus livros já foram traduzidos para 15 línguas. Tornou-se um dos principais nomes da micro-história e procurou esclarecer esse termo, recuperando os primeiros historiadores que propuseram discussões sobre o assunto, em “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”.¹ Num momento em que a História tradicional era a base do conhecimento, que se pretendia totalizador e generalizador, essa vertente se volta a fatos considerados “menores”, normalmente ignorados.

Uma História menos elitista, contada por sujeitos não canônicos, despertou o interesse de muitos seguidores da Escola dos Anales, inclusive do pesquisador Carlo Ginzburg, que propõe uma visão que parte dos “menores” para os “maiores”.² Segundo Jacques Revel (2010), “o programa de uma micro-história foi recebido como uma proposta nova, incômoda, nem que fosse porque rompia com os hábitos da historiografia dominante” (REVEL, 2010, p. 434). Em *O queijo e os vermes* (1976), Ginzburg apresenta sua pesquisa com fundamentação na micro-história. Ele trata da história de Menocchio, um sujeito pertencente ao estamento dos camponeses, que tenta

1 GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: _____. *O fio e o rastro: verdadeiro, falso, fictício*. Trad. Bruna Freire D’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

2 “Giovanni Levi, Simona Cerutti começaram a trabalhar numa coleção, publicada pela editora Einaudi, intitulada precisamente ‘Micro-histórias’. Saíram, a partir de então, uns vinte volumes, de autores italianos e estrangeiros; alguns dos títulos italianos foram traduzidos para várias línguas; chegaram até falar de uma ‘escola micro-histórica italiana’”. (GINZBURG, 2007, p. 249-250).

se incorporar no mundo das Letras, para que possa defender o seu pensamento, a sua cosmogonia sobre a criação do mundo. Esta dissertação propõe um estudo sobre esse livro de Ginzburg e usa sua tradução brasileira que inclui, além dos 62 capítulos que compõem o estudo, o prefácio à edição inglesa, o prefácio à edição italiana e o posfácio de Renato Janine Ribeiro, escrito para a tradução brasileira. Nos prefácios, Ginzburg explica que chegou à história de Menochio por acaso. Ele passou parte do verão de 1962 em Udine e consultou o arquivo da Cúria Episcopal daquela cidade. Esse arquivo preservava um acervo importante de documentos inquisitoriais e, àquela época, ainda inexplorado. O estudo dos julgamentos da seita de Friuli resultou em seu livro *I benandanti: stregoneria e culti agrari tra Cinquecento e Seicento*, publicado no ano de 1966, em Turim (GINZBURG, 2006, p. 9). Em um desses julgamentos, Ginzburg encontrou o material para o estudo de *O queijo e os vermes*, conforme expõe no excerto a seguir.

Ao folhear um dos volumes manuscritos dos julgamentos, deparei-me com uma sentença extremamente longa. Uma das acusações feitas a um réu era a de que ele sustentava que o mundo tinha sua origem na putrefação. Essa frase atraiu minha curiosidade no mesmo instante, mas eu estava à procura de outras coisas: bruxas, curandeiros, *benandanti*. Anotei o número do processo. Nos anos que se seguiram aquela anotação ressaltava periodicamente de meus papéis e se fazia presente em minha memória. Em 1970 resolvi tentar entender o que aquela declaração poderia ter significado para a pessoa que a formulara. Durante esse tempo todo a única coisa que sabia a seu respeito era o nome: Domenico Scandella, dito Menocchio. (GINZBURG, 2006, p. 9)

Graças a uma grande documentação, Ginzburg teve condições de contar a história de Menochio, de saber quais eram suas “leituras e discussões, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas e desesperos” (GINZBURG, 2006, p. 9). O historiador, para tratar de reconstruir a história desse integrante da classe popular, precisou ter um conhecimento da época, aproximar-se das fontes e analisá-las. Através desse trabalho Ginzburg passa a utilizar, em *O queijo e os vermes*, o conceito de circularidade cultural,³ para apresentar a história de um moleiro que foi muito

3 Circularidade cultural é um conceito cunhado pelo autor Mikhail Bakhtin na obra *Estética da criação verbal* (2003) e foi utilizado por Carlo Ginzburg na obra *O queijo e os vermes* (2006). O conceito expressa um entrecruzamento da cultura erudita com a popular, que ora convivem, ora se distanciam. “Bakhtin resume o termo ‘circularidade’: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas, acontecia um relacionamento circular feito de influências recíprocas”. (GINZBURG, 2006, p. 10).

perseguido por ter um pensamento próprio anticlerical. Com o intuito de abordar exemplos de aplicabilidade da micro-história, Ginzburg (2007) destaca uma das primeiras experiências utilizadas desse conceito, a do estudioso americano George R. Stewart, em 1959: entre outros trabalhos, “ele destaca a paixão pelo detalhe microscópico” (GINZBURG, 2007, p. 250), uma máxima que prevalece nos objetivos da micro-história, sempre a busca do aparentemente considerado menor. A tipicidade também é uma característica preponderante na micro-história. É a partir do sujeito simples e cotidiano que se escrevem as histórias. O moleiro, o camponês ou o aborígene, indivíduos até então invisíveis, passam a ser objetos de pesquisa, conforme aponta o excerto a seguir.

Luiz González e González inseriu a palavra ‘micro-história’ no subtítulo de uma monografia (*Pueblo en vilo. Microhistoria de San José de Gracia* [Uma aldeia em tumulto], cidade do México 1968). Ele investiga, no espaço de quatro séculos, as transformações de uma aldeia minúscula, ‘ignorada’. Mas as pequenas dimensões são resgatadas pela tipicidade: é esse (além do fato de que González e González nasceu e morou lá) o elemento que justifica a escolha de San José de Gracia entre mil outras aldeias análogas. Aqui micro-história é sinônimo de local, escrita, [...] numa ótica qualitativa e não quantitativa. (GINZBURG, 2007, p. 251-252)

Provavelmente, graças a esse trabalho dos micro-historiadores, o cotidiano foi revelado como uma possibilidade tão relevante quanto os grandes feitos. A partir dele, são revelados os costumes, cultos, religiões, muitos aspectos que podem ser lidos pelos estudos dedicados à cultura. A partir do micro, é possível entender o macro e toda uma “teia social”. Com essa expressão, pretende-se exemplificar os integrantes de uma sociedade; não há neutralidade, e nem uma verdade absoluta, mesmo para aqueles que se abstêm da decisão, pois estes também estão optando por um posicionamento. Um estudo que poderia ser tomado como da micro-história é o de Renato Serra, *Partenza di un gruppo di soldati per la Libia*, que, segundo Ginzburg,

retoma as reflexões de Tolstói (sem nomeá-lo), mas desenvolve-as numa direção completamente diferente. Toscas cartas mandadas pelos soldados à família, artigos de jornal escritos para agradar a um público distante, relatos de ações de guerra rabiscados às pressas por um capitão impaciente, reelaborações de historiadores cheios de veneração supersticiosa por esse tipo de documento: todas essas narrativas, independentemente do seu caráter mais ou menos direto, têm (explica Serra) uma relação altamente problemática com a

realidade. Em frases que se tornam pouco a pouco mais rápidas e quase febris, Serra registra o ritmo de um pensamento que gira em torno da alta contradição não resolvida entre a certeza da existência da “coisa em si” e a desconfiança na possibilidade de alcançá-la por meio dos depoimentos. (GINZBURG, 2007, p. 272)

Ginzburg (2007) cita, ainda, uma importante argumentação de Serra, do livro em questão, sobre os documentos e a veracidade deles, como se pode ver no excerto a seguir.

Tem gente que imagina de boa fé que um documento pode ser uma expressão da realidade [...]. Como se um documento pudesse exprimir algo diferente de si mesmo [...]. Um documento é um fato. A batalha, outro fato (uma infinidade de outros fatos). Os dois não podem fazer um. [...] O homem que age é um fato. E o homem que conta é outro fato. [...] Todo depoimento dá testemunho apenas de si mesmo, do seu momento, da sua origem, do seu fim, e de nada mais. [...] Todas as críticas que fazemos à história implicam o conceito da história verdadeira, da realidade absoluta. É preciso enfrentar a questão da memória; não na medida em que é esquecimento, mas na medida em que é memória. Existência das coisas em si (SERRA *apud* GINZBURG, 2007, p. 273).

Esse ponto de vista corresponde à suposta neutralidade existente na História, algo difícil de acontecer, quando se entendem as relações entre as pessoas impregnadas de interesse, já que em toda ação há um objetivo. Assim, o documento deve ser lido acatando influências do tempo e da identidade daquele que o faz. Dessa maneira, pode-se inferir que a decifração final do documento depende da intenção, da realidade e da visão do sujeito presente, em relação a um fato e a um indivíduo do passado, tendo que seguir o pressuposto da inexistência de uma verdade absoluta, e ao mesmo tempo preservar a existência das coisas em si como memória, isto é, uma espécie de gaveta que contém objetos necessários para a composição de um resultado final. A ingenuidade constitui um desses instrumentos determinantes de um todo, e, para tanto, Cobb utiliza-se da irônica simpatia de Queneau pelos personagens modestos, para relatar a atração pelos saberes ainda não reconhecidos, como exposto por Ginzburg (2007), no excerto transcrito a seguir.

Cobb também partia da irônica simpatia de Queneau pelos personagens tímidos, modestos, provincianos dos seus romances; apropriava-se das suas palavras para contrapor os fatos do cotidiano — os únicos interessantes — aos da política; e concluía assumindo como mote a colorida imprecisão lançada Zazie sobre Napoleão.

Essencialmente, uma exaltação da historiografia menor Cobb não usa o termo “micro-história”) contra a historiografia centrada nos grandes e poderosos. A ingenuidade dessa interpretação é evidente. Queneau não se identificava em absoluto com seus personagens. A ternura pela vida provinciana de Le Havre coexistia nele com uma onívora, enciclopédica, paixão pelos saberes mais imprevisíveis. (GINZBURG, 2007, p. 256)

No meio dessa multiplicidade de saberes, procura-se alcançar a convivência dos saberes não reconhecidos. Para tanto, Ginzburg (2007) destaca uma discussão entre “Furet e Le Goff, que sugeriam reatar os laços fazia tempo desfeitos entre história e etnologia, adotando uma perspectiva largamente comparada, baseada na recusa explícita (Le Goff) de um ponto de vista eurocêntrico”. (GINZBURG, 2007, p. 258-259). Nessa perspectiva, é importante compreender que a história não é um mero relato, mas sim uma reconstituição de uma verdade flexível, influenciada por seu interlocutor. E, ao “reatar laços entre história e etnologia”, o estudo, a partir das fontes, ou seja, dos documentos, possibilita a interpretação no âmbito da antropologia sociocultural, com a finalidade de uma apreciação comparativa das culturas, como se pretende mostrar neste estudo, quais sejam, a popular e a erudita.

O título do texto de Ginzburg, “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”, é provocativo porque ele relata quase todo o contexto histórico de micro-história, desde seus seguidores da Escola dos Annales até as discussões da História Moderna. Em um momento do texto, Ginzburg informa que “Le Goff ressaltava que a atenção ao homem cotidiano sugerida pela etnologia ‘conduz naturalmente ao estudo das mentalidades, entendidas como ‘o que menos muda’ na evolução histórica.” (GINZBURG, 2007, p. 259).

Assim, a História estava mudando; naquele momento, “Furet se dedicava àqueles temas de história política e história das ideias que havia considerado intrinsecamente refratários a *histoire sèrielle*. Questões consideradas periféricas pulavam para o centro da disciplina e vice-versa. As páginas dos *Annales* (e das revistas de meio mundo) eram invadidas pelos temas indicados por Le Goff, em 1973, como: a família, o corpo, as relações entre os sexos, as classes de idade, as facções, os carismas”. (GINZBURG, 2007, p. 260).

Era um momento diferente da história, que, durante muitos anos, dava prioridade aos assuntos puramente políticos e econômicos, além de voltar seu olhar basicamente aos grandes “heróis”. Essa história começou a ser superada quando surgiu a Escola dos Annales e alguns pesquisadores se dedicaram àqueles sujeitos simples da história, isto é,

do cotidiano. Nesta pesquisa, esse sujeito simples da história está sendo representado pela figura do moleiro, o personagem Domenico Scandella, conhecido também como Menocchio; um sujeito, como tantos outros daquele século XVI, com restrita formação educacional.

No início de um período, ainda muito marcado pelos preceitos medievais, os mosteiros e os conventos eram centros de aprendizagem, que produziam livros, reuniam bibliotecas com acervos complexos e ensinavam os jovens, porém, as escolas e as universidades aos poucos os substituíram.

No 13º capítulo, “Leitores da aldeia”, Ginzburg conta que apenas um de seus livros foi comprado por ele, o restante foi doado. Segundo Ginzburg, “Sabe-se que em Udine, desde o início do século XVI, havia sido aberta uma escola para ensinar, sem exceção, filhos de cidadãos assim como de artesãos e populares, grandes ou pequenos, sem nenhum tipo de pagamento” (GINZBURG, 2006, p. 69), um incentivo, portanto, à educação dos núcleos populares.

Segundo Charles Parain, “As revoltas camponesas, que marcaram esse amplo período de crise, tiveram resultados diferentes, mas todas possuíam um caráter comum:

[...] nenhuma dela pôde provocar uma transformação social revolucionária, um novo modo de produção; nesse sentido assemelham-se às revoltas de escravos em Roma, pois não trazem consigo nem os meios, nem a concepção de um novo regime social. (PARAIN, 2006, p. 32)

Dessa maneira, como não houve uma mudança estrutural, os pequenos avanços, como os “primeiros passos” à alfabetização dos populares, não tinham a pretensão de formar pensadores, e portanto Domenico Scandella foi uma exceção, indulgente e moderno “cosmopolita do século XVI. Dizia que ninguém sabia realmente qual era a melhor religião, e que, embora fosse católico, se tivesse nascido entre os turcos, teria vivido na religião deles achando que era a melhor. O moleiro pensava de uma forma, porém se contradizia com algumas de suas ações: batizou seus filhos, apesar de negar os sacramentos

Ginzburg defende ainda que há um elemento de conversão nesse estudo,

que é constituído pela rejeição do etnocentrismo e da teleologia que caracterizavam (salientava Furet) a historiografia que nos foi transmitida pelo século XIX. A afirmação de uma entidade nacional, o advento da burguesia, a missão civilizadora da raça branca e o

desenvolvimento econômico proporcionaram sucessivamente aos historiadores, conforme o ponto de vista e a escala de observação adotados, um princípio unificador que era ao mesmo tempo de ordem conceitual e narrativa. A história etnográfica de tipo serial propõe romper com essa tradição. Nesse ponto os caminhos percorridos pela história serial e pela micro-história divergem: uma divergência que é, ao mesmo tempo, intelectual e política. (GINZBURG, 2007, p. 261-262)

Na parte final do texto “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”, fica clara a visão de Giovanni Levi sobre a micro-história, que engloba o estudo daqueles sujeitos até então ignorados, cita até a palavra historietas, como as histórias menores, não tão importantes quanto às canônicas, e resgata a palavra “micro-história” de Queneau (*Les fleurs bleues*, 1965). Giovanni Levi trabalha com o termo “herança imaterial”, que representa toda a rede de contatos sociais que as pessoas realizam, pelas quais se identificam pertencentes a determinado núcleo; com isso, as pessoas adquirem a capacidade de se reconhecerem e, conseqüentemente, criam uma identidade. Essa ideia, tal como defendida por Levi, citado por Ginzburg 2007, pode ser entrevista no excerto a seguir.

Recentemente, Giovanni Levi falou da micro-história, concluindo: “É um autorretrato, não um retrato de grupo”. Eu tinha me proposto a fazer a mesma coisa, mas não consegui. Tanto os limites do grupo de que eu fazia parte quanto os limites do meu próprio me pareceram retrospectivamente móveis e incertos. Descobri com surpresa quanto haviam sido importantes, sem eu saber, livros que eu nunca tinha lido, acontecimentos e pessoas de que ignorava a existência. (GINZBURG, 2007, p. 277)

Isso é a micro-história, que concede a oportunidade de descobrir novos saberes em fontes até então desconsideradas ou não conhecidas. O moleiro lia os livros não aceitos pela igreja, naquele momento, considerava relevantes as informações muitas vezes desconsideradas, ou como afirmava Menocchio, questões que não renderiam lucros para a igreja; isto é, fatos locais de sujeitos anônimos, entre outros, conforme evidenciado no fragmento a seguir.

Piero della Francesca, Galileu, uma comunidade de tecelões piemonteses do século XIX, um vale da Ligúria do século XVI: esses exemplos escolhidos ao acaso mostram que as pesquisas micro-históricas italianas examinaram tanto temas de importância reconhecida, ou dada como evidente, quanto temas antes ignorados

ou relegados a âmbitos considerados inferiores, como a história local. (GINZBURG, 2007, p. 276)

O livro de Ginzburg busca reconstruir a cultura e o contexto social em que viveu Menocchio e como ele se envolveu nesse contexto, sobretudo como leu alguns livros a que teve acesso e que impacto essa leitura teve na cultura oral que era seu patrimônio e de grande parte da sociedade da época. O contato entre as duas culturas foi estudado por Ginzburg a partir do conceito de circularidade cultural de Mikhail Bakhtin: “entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG, 2006, p. 18).

No texto de Ginzburg, um fenômeno, também de interação entre os diferentes, é conhecido como uma “configuração social” que consiste no “resultado da interação de incontáveis estratégias individuais: um emaranhado que somente a observação próxima possibilita reconstituir” (GINZBURG, 2007, p. 277). A personagem de Ginzburg (2006) também se manifestava individualmente, além de se sentir orgulhoso, quando estava junto dos letrados, numa perspectiva de se reorganizar, na exposição dos pensamentos, mesmo sob condição de agente subversivo.

Diante de tais discussões, torna-se premente a análise de algumas questões, que serão discutidas nesta dissertação, como: até que ponto a ciência é desprovida dos interesses, é apolítica? Como avaliar as aspirações do personagem (Menocchio) objetivamente e entender a importância da sua cosmogonia, que é influenciada por outros de seu estamento social e das leituras de sujeitos “letrados”?

A busca do novo pensamento, ainda não reconhecido, altera a forma de ver, sentir e imaginar de uma sociedade. Essa questão é muito complexa, principalmente quando atinge as pessoas, segundo o entendimento de Ginzburg (2007, p.262), ao afirmar que “a identificação dos indivíduos com o papel que representam como atores econômico ou sociocultural é duplamente enganadora, porque põe entre parênteses um elemento óbvio, pois, em qualquer sociedade, a documentação é intrinsecamente distorcida.” (GINZBURG, 2007, p. 262).

Essa forte presença intelectual e política é característica marcante do moleiro de *O queijo e os vermes*. No tocante a sua personalidade, Menocchio era um homem que

não recebia passivamente as ideias alheias, era um representante das massas que denunciava a soberba doutrinal, conforme expõe no excerto a seguir.

E vocês, padres e frades, querem saber mais do que Deus; são como o demônio, querem passar por deuses na Terra, saber tanto quanto Deus da mesma maneira que o Demônio. Quem pensa que sabe muito é quem nada sabe. Acho que a lei e os mandamentos da igreja são só mercadorias e que se deve viver acima disso. (GINZBURG, 2004, p. 41-42)

É evidente que Menocchio desperta um forte sentimento de contradição perante a Inquisição e o Clero, que o perseguem além de torturá-lo. Afinal, ele constituía uma provável ameaça ao controle social vigente, no momento em que poderia incentivar outros a expor seu pensamento, e, com isso, apontar as injustiças que ocorriam no século XVI. Para fazer esse relato, Ginzburg (2007) se utiliza de uma interessante análise entre História e Narrativa, como se vê no fragmento a seguir.

Essa relação direta com a realidade só pode se dar (ainda que não necessariamente) no terreno da ficção: ao historiador, que só dispõe de rastros, de documentos, a ele é por definição vedado. Os afrescos historiográficos que procuram comunicar ao leitor, com expedientes muitas vezes medíocres, a ilusão de uma realidade extinta, removem tacitamente esse limite constitutivo do ofício do historiador. A micro-história escolhe o caminho oposto: aceita o limite explorando as suas implicações gnosiológicas e transformando-as num elemento narrativo. (GINZBURG, 2007, p. 271)

O texto “Micro-história duas ou três coisas que sei a respeito” mostra que Ginzburg, antes de começar a escrever *O queijo e os vermes*, estudou muito tempo sobre as relações entre hipóteses de pesquisa e estratégias narrativas (a leitura recente dos *Exercícios de estilo* de Queneau havia estimulado muito sua disponibilidade para a experimentação).⁴

Eu propusera a mim mesmo reconstruir o mundo intelectual, moral e fantástico do moleiro Menocchio por meio da documentação produzida por aqueles que o tinham mandado para a fogueira. Esse projeto, sob certos aspectos paradoxal, *podia* traduzir-se num relato uniforme. Podia, mas evidentemente não devia: por motivos que eram ao mesmo tempo de ordem cognitiva, ética e estética. Os obstáculos

4 Richard Cobb também tinha percebido, na mesma época, as implicações metodológicas dos *Exercícios*: “além de seu brilho paródico e coloquial, [o livro] também pode ser descrito como ensaio sobre o valor relativo e a interpretação conflitante de evidências históricas”. (GINZBURG, 2007, p. 265)

postos à pesquisa eram elementos constitutivos da documentação, logo deviam tornar-se parte do relato; assim como as hesitações e os silêncios do protagonista diante das perguntas dos seus perseguidores. (GINZBURG, 2007, p. 265)

Abordando elementos como o cotidiano de comunidades ou a biografia de indivíduos anônimos, os historiadores se dedicam à exploração das fontes por meio de narrativas e da descrição etnográfica que permitiu incluir no trabalho desses pesquisadores um grande número de fontes de pesquisas até então desconsideradas. Uma frase que melhor se encaixa a esta pesquisa poderia ser: “a realidade é fundamentalmente descontínua e heterogênea”, pois foi a partir da “primeira experiência de micro-história com Kracauer que ela se evidenciou”:

Segundo Kracauer a melhor solução é a seguida por Marc Bloch em *Lá Société féodale* (a sociedade feudal): um contínuo vaivém entre micro e macro-história, entre *close-ups* e planos gerais ou grandes planos gerais (*extreme long shots*), por manter continuamente em discussão a visão conjunta do processo histórico, por meio de exceções aparentes e causas de breve período. Essa receita metodológica desembocava numa afirmação de natureza decididamente ontológica, a frase citada acima”. (GINZBURG, 2007, p. 269)

Assim como defendia Kracauer, Domenico Scandela também acreditava que “não há uma verdade ou religião absoluta”, o processo acaba por ser descontínuo e heterogêneo. Esse personagem, apesar de “ser um homem como nós, era bem diferente de nós” (GINZBURG, 200), afinal, seu contexto histórico apresentava um ponto de vista bem diferente dos tempos atuais. O século XVI foi agitado porque a esfera religiosa se via conturbada com a Contrarreforma,⁵ a imprensa era acusada de trazer ideias nefastas à população, porém de maneira superficial, ao entender que os camponeses majoritariamente eram analfabetos e o acesso aos livros era limitadíssimo.

Os documentos eram raros e poucas pessoas sabiam escrever. A partir de 1200, as cortes reais, os departamentos do governo, os funcionários da Igreja e os administradores de feudos começaram a fazer registros detalhados de suas atividades. Eles tinham muitos escribas treinados para ajudá-los.

⁵ A Contrarreforma foi um movimento em resposta a Reforma Protestante de Martinho Lutero, que em pleno século XVI foi responsável por gerar grandes tensões e conflitos no continente europeu entre católicos e protestantes. Os atos aplicados pela instituição católica ganhavam as indagações do ex-monge e teólogo, que examinou as Escrituras Sagradas e logo promoveu a tradução na qual defendeu, entre outros argumentos, a salvação pela fé. Com a expansão desse movimento religioso, a Igreja Católica promoveu a Contrarreforma, um projeto de evangelização organizado e estruturado para difundir a fé cristã católica com atuação da Companhia de Jesus e o apoio dos países mercantilistas Portugal e Espanha, a fim de recuperar os adeptos à salvação através das obras.

Nesse contexto, havia algumas exceções, como o moleiro, um homem comum, que em meio a essas mudanças se via, de certa forma, instigado a pensar no seu dia a dia com uma amplitude maior de saberes que não fosse apenas a rotina do campesinato. Com isso, aumentaram os conflitos das pessoas que ousavam disseminar um pensamento diferente e acabavam por entrar em embates com as autoridades, como é o caso de Menocchio perseguido pela inquisição, que, apesar de trabalhar em seus dois moinhos, também sabia ler e escrever.

Quando Menocchio leu as *Viagens de Mandeville*, uma literatura fantástica, não reconheceu esse gênero como uma ficção. Na verdade, ele leu essa literatura como um documento e, para ele, não havia nenhuma fé ou religião absoluta. Com essa cabeça moderna, foi considerado um ecumênico do seu tempo. Devido a sua opinião, acabou por ser denunciado ao Tribunal da Santa Inquisição e, quando foi interrogado, usou um manto de pessoa herética, mas, mesmo assim, sentiu-se orgulhoso por estar pela primeira vez debatendo com pessoas eruditas. Assim, sentindo-se como um filósofo ou profeta, ao falar do mundo, por meio de sua cosmogonia, automaticamente, ele questionou o mundo real, o que, naquele período, era inadmissível.

O queijo e os vermes, livro a que se dedica esta dissertação, é um dos trabalhos que trouxe notoriedade a Ginzburg (2007), no que diz respeito à micro-história. O historiador, ao se dedicar à história de Menocchio, adentra o terreno da cultura para analisar os diferentes discursos entre a cultura erudita e a popular, desenvolvendo assim um raciocínio por meio do qual compreende que essas duas culturas não se sobrepõem uma à outra; ao contrário, ele procura argumentar que há uma interação entre a cultura letrada e a cultura não letrada, a partir dos estudos bakhtinianos sobre o conceito de circularidade cultural.

Há nesse livro de Ginzburg um utopismo mundano de viés humanista: “A imagem de uma sociedade mais justa era projetada de maneira consciente num futuro não escatológico. Não o filho do Homem no alto sobre as nuvens, mas homens como Menocchio, os camponeses de Montereale que ele tentara inutilmente convencer, por exemplo, através de sua luta, deveriam ser os mensageiros do ‘mundo novo’” (GINZBURG, 2006, p. 139). Quando esse personagem propõe a leitura de um “mundo novo”, é evidente a observação de um processo que ora se constrói, ora se desconstrói. Assim, um dos objetivos desta pesquisa é ler a história desse moleiro a partir do conceito de montagem de Georges Didi-Huberman, para quem a “montagem se origina

de um elemento fundamental da poética brechtiana, que se resume numa arte de dispor as diferenças, as coisas” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 12), como a lógica de um quebra-cabeça por meio do qual utilizam-se as peças que correspondem às suas ideias para, no final, alcançar um pensamento, no caso de Menocchio, sua cosmogonia. Nela Menocchio liga os saberes, segundo sua leitura de mundo, a partir de um olhar impregnado das transformações econômicas, políticas e principalmente sociais que se iniciavam no turbulento século XVI.

A montagem é uma estratégia moderna, uma proposta que se orienta através de um “novo olhar” acerca da disposição das coisas; um raciocínio para a análise artística, e dessa maneira vai conquistando mais espaço. Segundo Didi-Huberman, “a montagem representa o ápice dessa evolução (moderna, formalista) [...]. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.100), conforme excerto abaixo:

[...] e é por isso que saudamos o espírito resoluto com o qual Bloch a coloca artística e filosoficamente no centro da Literatura e do pensamento ‘vanguardista’. Ali onde a montagem, na sua forma originária, como fotomontagem, pode produzir um efeito marcante e, às vezes, considerável no nível do trabalho de efervescência, esse efeito deve-se precisamente ao fato de que ele justapõe, de maneira surpreendente, pedaços de realidade totalmente diferentes nos fatos isolados, arrancados de seu contexto. A boa montagem tem efeito de um chiste bem sucedido. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 100)

Nesse sentido, pretende-se tomar a cosmogonia de Menocchio como um atlas, conforme argumento Didi-Huberman (2017), para quem o dicionário é uma ferramenta denotativa, diferentemente do atlas, que é conotativo e oferece um leque de possibilidades para a criação imaginativa em busca de montagens. Assim “o Atlas, em contrapartida ao dicionário, dá-nos a possibilidade [...] de um olhar abrangente [...]. É assim que o atlas, infalivelmente, transforma *a gaia ciência* em *gaia ciência inquieta*”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 259). Uma cosmogonia englobará conhecimentos procedentes da denotação, mas conseqüentemente impregnados de influências conotativas de seu portador, podendo ser elas de ordem psíquica, religiosa, política e econômica. Essa é a condição do moleiro de Ginzburg, que faz uma releitura dos princípios sociais civilizacionais que lhe foram passados a partir de uma idealização social, mas que não são aceitos pela sociedade em que vive. A partir do pensamento de Walter Benjamin, Didi-Huberman argumenta que as metáforas contribuem para a

conclusão de que a finalidade do processo é a experimentação, ponto forte desse personagem que experimenta suas observações mesmo contra a vontade alheia:

Na filosofia de Benjamin, cada intenção “morre pela verdade”, e o verdadeiro divide-se em “ideias imóveis envolvidas por seu halo: as “imagens”. No entanto, as imagens autênticas, as notações caústicas e as profundidades precisas dessa obra, sua maneira de ser essencialmente original, e as descobertas de suas sondagens transversais não habitam conchas de caracóis ou cavernas misteriosas atrás de uma vitrine. Elas se acham, ao contrário, no processo público, enquanto figuras dialéticas da experimentação do processo. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 82)

Aby Warburg, pensador a que Didi-Huberman se dedicou para elaborar sua teoria sobre a montagem, diante do sentido da sensatez e do saber, compreendera bem que o pensamento não é uma matéria de formas encontradas, mas de formas transformantes, ele que “dispunha suas imagens como pequenas molas numa tela esticada, sobre uma armação de forma que pudesse desmembrar, destruir, o quadro inicial, e tornar a iniciar outro, para novamente o desconstruir”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 50). Uma lógica semelhante à utilizada pelo personagem principal do livro *O queijo e os vermes*, de Ginzburg (2006), seria a ação de recriar saberes, a partir de concepções até então definidas como prontas e acabadas.

O primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “O saber e *O queijo e os vermes*” aborda o tema do saber em predisposição ao poder, tendo como base a teoria de Michel Foucault, especificamente os livros *A ordem do discurso*, *Estratégia poder-saber*, *Arqueologia do saber* e *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. A partir dessas leituras foi possível entender a principal função da produção de discursos em uma sociedade; a partir da dialética uns controlam os outros. Na história analisada de Ginzburg, eram o Estado e o Clero quem mais controlava o sistema por volta do século XVI. Segundo Bakhtin, eram esses que ditavam as regras da sociedade. Era difícil a aceitação de uma cultura diversa da erudita, principalmente quando se tinham grandes nomes como Febvre e Abel Lefranc que se restringiam apenas ao “olhar” das letras. São relatadas também as principais características daquela sociedade europeia na Idade Média, predominantemente estratificada e tradicionalista. São abordadas, também, algumas discussões ligadas à oposição razão e loucura, além de uma abordagem da razão a partir da lógica de Jacques Rancière.

No livro *Poder e saber*, Foucault destaca a relação do “Saber com o Poder” e argumenta que o poder isolado não existe, e sim as interações de capacidade, nas quais estão presentes as diversas esferas transdisciplinares do saber, as quais, simultaneamente, se revelam como verdades, no momento em que obedecem à orientação e aos interesses de seus grupos determinantes. Foucault propõe uma discussão sobre a “filosofia espontânea dos que não filosofam”, próxima à realidade do principal personagem de Ginzburg, que pensou e criou uma cosmogonia, que representa uma espécie de filosofia não reconhecida.

Na segunda parte desse capítulo, intitulada “Menocchio e a defesa de sua cosmogonia”, é apresentada uma reflexão acerca dos objetos de que o moleiro se ocupa em seu discurso. Nessa pauta são apresentados os saberes independentes das ciências, isto é, aqueles de origem popular ligados a uma tradição oral. E a partir daí surgem os conflitos entre os favoráveis e os não favoráveis a esses saberes não canonizados. Para o esclarecimento dessas questões foram destacadas algumas partes do livro *O queijo e os vermes*, as quais demonstram o conflito entre o moleiro e o Clero. Utilizou-se do pensamento sobre as fronteiras de Cássio Hissa para demonstrar a intensidade desses obstáculos e ao mesmo tempo entender conceitos gerais de liberdade e repressão. E para explicar a interação entre cultura erudita e popular explorou-se do conceito de circularidade cultural de Mikhail Bakhtin, que trata das “influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo [...] (GINZBURG, 2006, p.101) na Europa pré-industrial. Cultura erudita e popular se encontram através da história de vida de um moleiro friulano, de origem simples e que alcança seus primeiros contatos com representantes de uma cultura diferente da sua.

Ele desenvolve uma cosmogonia própria constituída de um pensamento com aspectos próximos da corrente humanista. Para entender o percurso e desenvolvimento de suas ideias, optou-se por usar alguns fundamentos da Transdisciplinaridade, que incentiva “o movimento dos saberes”. No contexto da história do Menocchio há uma participação do Movimento da Reforma Protestante, do Renascimento e tantos outros que comprometeram a ordem daquela sociedade do século XVI, conhecida, principalmente, em seu aspecto fechado e estratificado, aspecto que será abalado com uma maior flexibilização dessa sociedade, advinda por exemplo pelas Grandes Navegações que ocorreram por volta dos séculos XV e XVI, e foram responsáveis,

principalmente, pela primeira visão completa da forma do mundo a que chega a humanidade.

O segundo capítulo se dedica ao estudo da montagem segundo a visão do estudioso Didi-Huberman, para quem a montagem possui uma tendência a “dispor as diferenças dis-pondo as coisas” a partir de uma “dialética das formas” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.121), assim como um quebra-cabeça de informações. Esse é o papel da montagem introduzida por Aby Warburg, que utilizava a disposição de pranchas, depois a adaptação as fotografias, até a aplicabilidade no campo das ideias. Nessa pesquisa, especificamente, com o objetivo de explicar o movimento e/ou a disposição do pensamento do moleiro, a montagem funcionou a partir da lógica da experimentação com a finalidade da organização do conhecimento.

Essa dinâmica, que não se conforma com ideias fixas e arcaicas, está ciente de que o tempo é uma constante ininterrupta e paralela, suscetível a inúmeras influências, sejam elas de vertentes religiosa, cultural, econômica e/ou política. A partir dessa visão, há uma busca pela leitura do que ainda não foi lido, em torno de uma possível informação, que ainda não foi escrita. O homem, quando está aberto para o que não foi lido e o que não foi escrito, é construtivo, pois age e pensa a favor de si e do grupo, possibilitando a circulação de inúmeros saberes, sem imposições hierárquicas. Um modelo semelhante acontece quando alguns aspectos sagrados são associados a aspectos pagãos, conforme excerto abaixo:

Portanto, Ghirlandaio efetivamente *montou* em seus afrescos todos os registros do sagrado e do profano, do privado e do público, do espaço distante (Belém) e do espaço próximo (Florença), da história crística e da história franciscana (que era a imitação dela), do estilo setentrional realista e do estilo meridional classista, dos valores medievais e dos valores renascentistas, do humanismo intelectual e do “materialismo” burguês, dos nascimentos e mortes de todos os tipos, para integrá-los num grande sistema figurativo cristão, frequentado pelas sobrevivências do paganismo antigo (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 408-409).

Assim, a religião pode conviver, de certa maneira, com a perspectiva pagã, ou mesmo “frequentar” algumas características. Sagrado e Profano são duas realidades diferentes, assim como cultura erudita e popular, norte e sul, entre outros opostos. Esse é o pressuposto social mais antigo que existe, estabelecer um mínimo contato possível sem discriminar, já que são todos integrantes de uma mesma sociedade. Diante dessa condição as “fronteiras funcionariam como uma espécie de separações arbitrárias”, que

tentam separar o inseparável, ciente de que um agrupamento existe em função do outro, mesmo quando apresentam uma raiz diferente da outra, conforme citação abaixo:

As fronteiras, como sabemos, amiúde são separações arbitrárias no ritmo geológico de uma mesma região. Que faz o clandestino quando quer cruzar uma fronteira? Usa um intervalo já existente_ uma linha de fratura, uma fenda, um corredor de erosão_ e que, se possível, passe despercebido aos guardas como um “detalhe”. Assim funciona a “iconologia do intervalo”, seguindo os ritmos geológicos da cultura para transgredir os limites artificialmente instituídos entre disciplinas. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 418-419)

Com a “iconologia do intervalo”, os representantes da cultura popular tendem a transgredir uma sociedade eurocêntrica, e por meio da Transdisciplinaridade adquirem um reconhecimento para a institucionalização do diferente nos meios de comunicação de cada realidade populacional. À frente desses movimentos está sempre um líder, que como Menocchio se sacrifica muitas vezes em nome de um ideal coletivo.

CAPÍTULO PRIMEIRO

O saber e *O queijo e os vermes*

1.1. O saber é poder

Neste capítulo realiza-se um estudo do conceito de saber e sua relação com o poder na obra *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*, de Carlo Ginzburg, em que o principal personagem, Menocchio, é punido pela Inquisição porque ousou desobedecer ao clero no século XVI. A Igreja utilizava como principal instrumento de exploração o desconhecimento de grande parte da população, manipulada pelos “donos do saber” como massa de manobra estamental. Conforme excerto abaixo:

Começou denunciando a opressão dos ricos contra os pobres através do uso de uma língua incompreensível como o latim nos tribunais: “Na minha opinião, falar latim é uma traição aos pobres. Nas discussões os homens pobres não sabem o que se está dizendo e são enganados. Se quiserem dizer quatro palavras, têm que ter um advogado”. Mas esse era só um exemplo de uma exploração geral, da qual a Igreja era cúmplice e participantes: “E me parece que na nossa lei o papa, os cardeais, os padres são tão grandes e ricos, que tudo pertence à Igreja e os padres. Eles arruinam os pobres. Se têm dois campos arrendados, esses são da Igreja, de tal bispo ou de tal cardeal. (GINZBURG, 2006, p. 41)

Assim, quem detinha o saber, também detinha o poder. Para contar e compreender a história de Menocchio, principal personagem de *O queijo e os vermes*, as discussões de Ginzburg se centraram, principalmente, na questão da cultura, e para tal o autor se valeu do conceito de “circularidade cultural” de Mikhail Bakhtin. Menocchio é um sujeito comum e percebe que é no saber que estão presentes os instrumentos de poder:

Menocchio era conscientemente orgulhoso da originalidade de suas ideias, por isso, desejava expô-las às mais altas autoridades civis e religiosas. Ao mesmo tempo, porém, sentia necessidade de dominar a cultura de seus adversários. Compreendia que a escritura e a capacidade de dominar e transmitir a cultura escrita eram fontes de poder. Não se limitou, portanto, a denunciar a “traição dos pobres” pelo uso de uma língua burocrática (e sacerdotal) como o latim. O horizonte de sua polêmica era mais amplo. “O que é que você pensa, os inquisidores não querem que nós saibamos o que eles sabem”. (GINZBURG, 2006, p. 105)

Domenico Scandella, como também era conhecido o moleiro, se encontrava em oposição ao pensamento predominantemente elitista e clerical daquela sociedade pertencente à Idade Média, e tentava por meio da cultura oral e de suas leituras disseminar a sua cosmogonia, além de questionar o poder da Igreja. Conforme argumenta Ginzburg, “[...] com a Reforma Protestante surgiu uma facilidade de tomar a palavra, e expor as opiniões; por meio da Imprensa essas mesmas palavras ficaram à disposição desse moleiro, e tantos outros que lutassem para exprimir a obscura visão de mundo que fervilhava dentro deles” (GINZBURG, 2006, p. 105).

No entanto, não eram todos os discursos que podiam ser proferidos. Segundo Michel Foucault, “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada [...], por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9). Apesar dessa dificuldade, o moleiro insistia e revelava seu pensamento; mancomunava-se com os seguidores do protestantismo, enfim pensadores que não permitiam serem cerceados pelo poder clerical.

Na verdade, Estado e igreja “andavam” quase juntos, eram eles quem ditavam as regras, o que poderia ser dito ou não. Um exemplo é a figura de François Rabelais, que era tão combatido, em função da manifestação do riso. Os pensadores que eram aceitos, normalmente, correspondiam àqueles que defendiam a cultura oficial. Segundo Bakhtin, “Febvre, tanto quanto Abel Lefranc, ignoravam a cultura cômica popular da Idade Média e do Renascimento. Para eles, apenas o aspecto *sério* tinha o direito de cidadania no pensamento e na cultura” (BAKHTIN, 1987, p. 113). Nesse mesmo período histórico, o século XVI, vivia o moleiro Menocchio.

Não se permitia nenhuma abertura a culturas populares. Em relação a Febvre e Abel Lefranc, segundo Bakhtin, “Suas brilhantes análises dos diferentes domínios e esferas das culturas não vão praticamente além da cultura oficial.” (BAKHTIN, 1987, p. 113) conforme excerto abaixo:

É por essa razão que ele apenas percebe e aprecia na obra de Rabelais o que pode ser compreendido e interpretado no plano sério da cultura oficial e, conseqüentemente, o essencial em Rabelais, o verdadeiro Rabelais, permanece fora de seu campo de estudo. Como já observamos, Febvre considera que para o historiador o anacronismo, a modernização, é um pecado capital. Ele acusa corretamente Abel Lefranc e outros especialistas disso. Mas, infelizmente, ele mesmo incorre nesse pecado quando aborda o riso. Ele ouve o riso

rabelaisiano com os ouvidos do homem do século XX, e não como ele era ouvido em 1532. Por isso ele não pôde ler Pantagruel com os olhos de um homem do século XVI, no que a obra comporta de capital. (BAKHTIN, 1987, p. 113-114)

Tempos que dificultam o olhar dos sujeitos em relação ao seu contexto real, por isso as muitas dificuldades para compreender o diverso, e o julgamento desses indivíduos entende que a melhor opção seria deixar de lado o não compreendido, e Febvre não aceita uma visão de mundo cômica, conforme citação a seguir:

Quando Rabelais ri, Febvre acha que ele se diverte placidamente, que ele se entrega a brincadeiras inocentes que, como todas as brincadeiras, não revelam absolutamente sua verdadeira concepção de mundo, uma vez que para ele qualquer concepção do mundo só pode ser séria (BAKHTIN, 1987, p. 114).

Assim como o mundo na Idade Média não poderia ser cômico, segundo Febvre, não era compreensível priorizar o estudo dos sujeitos populares, em detrimento daqueles considerados canônicos, segundo a História Positivista. Nesse período histórico já surgia indícios do Renascimento, que se apresentava como uma tendência mais humanista. Segundo Ivan Domingues 2001, “a convivência entre os sujeitos dessa sociedade era orientada por meio da “amizade”, a qual motivava uma boa dimensão da convivência humana. Essa configuração de sociedade seria “a mais justa, com possibilidades de oferecer boa educação e cidadãos virtuosos

Dessa maneira, o homem tinha mais possibilidades de se expressar, aperfeiçoar seus saberes e elaborar suas ideias, o que, conseqüentemente, resulta na elaboração do pensamento. Enfim, tudo começa pela exposição das ideias, que logo se transformam no discurso, nesse momento considerado transgressivo; um pensamento que ora emana da cultura erudita, ora da popular. Daí a relevância dos estudos da micro-história; por muito tempo, era dada ênfase ao estudo dos grandes “heróis”. Para muitos historiadores a História era vista de cima para baixo. Esse positivismo vem sendo superado desde o surgimento da Escola dos Annales. Ginzburg contribuiu para romper a abordagem tradicional da História. Justifica-se, assim, a entrada dos agentes tidos até então como figurantes. Exemplo: refletir sobre a Revolução Francesa a partir de um simples camponês, que teve importância dentro do processo histórico e não somente a partir do grande herói, Napoleão Bonaparte. Nessa atmosfera das ideias está presente o discurso. Segundo Foucault,

[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar. Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. (FOUCAULT, 2009, p. 10)

Essa exclusão acontecia na história de Menocchio, narrada por Ginzburg, em que a sociedade tentava excluir o moleiro para que ele não lutasse em busca de seu poder de fala e, conseqüentemente, em defesa de sua cosmogonia. Outro segmento social que foi bastante cerceado é o “daqueles” considerados alienados. Foucault demonstra essa questão ao tratar da oposição razão e loucura:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, devido a sua ausência de sanidade. Em contrapartida, podem lhe atribuir estranhos poderes, como o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (FOUCAULT, 2009, p. 11)

Em algum momento, durante o julgamento de Menocchio, levantaram a hipótese de que ele seria louco, devido a sua ousadia e ao fato de sua cosmogonia apresentar traços bastante fantásticos. Um de seus filhos procurou confirmar tal hipótese, de maneira a tentar proteger o pai e livrá-lo da punição.

Segundo Foucault, o saber “se constitui de um conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e que são indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar” (FOUCAULT, 2008, p. 204). O lugar seria daqueles que detêm o saber, por meio do conhecimento de uma organização ou grupo estamental, com isso, torna-se possível adiantar as decisões e orientá-las segundo seus interesses; era o que o Clero realizava no século XVI.

Na obra *Vigiar e punir*, de Foucault, há uma argumentação que se firma na concepção de que conhecimento e poder estão ligados, que a produção do conhecimento é organizada por uma “genealogia do poder”. “À descentralização operada pela genealogia nietzschiana, o tema opôs a busca de um fundamento originário que fizesse da racionalidade o telos da humanidade e que prendesse a história do pensamento à

salvaguarda dessa racionalidade, à manutenção dessa teleologia e à volta, sempre necessária, a este fundamento” (FOUCAULT, 2008, p. 14-15). A partir dessa visão a História e filosofia estariam unidas sob o viés da percepção humanista do saber, o qual oferece poder àqueles que conseguem utilizá-lo, não a partir de um método único, mas sim através das “produções de verdades”, conforme explicação abaixo, extraída da obra *Poder e Saber*, de Foucault:

A arqueologia do saber não é um livro de metodologia. Não tenho um método que aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes. Ao contrário, diria que é um mesmo campo de objetos que procuro isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por mim [...]. Neste sentido também não sou de modo algum estruturalista [...] já que eles tinham essencialmente como alvo definir um método [...] que fosse válido para toda uma série de objetos diferentes: a linguagem [...], a arquitetura [...]. Este não é absolutamente o meu problema: procuro fazer aparecer essa espécie de camada, ia dizer essa interface, como dizem os técnicos modernos, a interface do saber e do poder, da verdade e do poder. É isso, eis aí meu problema (FOUCAULT, 1977, p. 229).

Foucault procura fazer aparecer a relação do “saber como poder” através de estudos genealógicos, que têm como base os fatos históricos direcionados com auxílio das teorias filosóficas, pelas quais a História se revela na observação das lutas sociais, comportamentos e ideologias que conseqüentemente resultarão na produção de conhecimento. E assim o poder isolado não existe, mas as interações de poder, nas quais estão presentes as diversas esferas transdisciplinares do saber, que ao mesmo tempo se revelam como verdades, no momento em que obedecem, o direcionamento e o interesse de seu respectivo grupo:

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. São essas relações verdade/poder, saber/poder que me preocupam. Então essa camada de objetos, ou melhor, essa camada de relação, é difícil de apreender; e como não há teorias gerais para apreendê-las, eu sou, se quiserem, um empirista cego, quer dizer, estou na pior das situações. Não tenho teoria geral e tampouco tenho um instrumento certo. Eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que são destinados a fazer aparecer

objetos. Os objetos são um pouquinho determinados pelos instrumentos, bons ou maus, fabricados por mim. (FOUCAULT, 1977, p. 229)

Foucault se considera um “empirista cego”, pois “garimpa” seus próprios instrumentos de pesquisa, não possui uma teoria própria, tem a vantagem de uma “certa” liberdade. Ele se direciona a partir da experimentação em suas próprias reflexões, e utiliza de uma maneira bastante inteligente a questão da verdade, ao defini-la como muitas “verdades”. Afinal, para cada cultura, etnia ou grupo político haverá uma verdade, diferente de outras. Ele chegou a declarar: “Dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, foi do terceiro que falei mais longamente [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 19). Isso porque se concentra nessa discussão os estigmas do poder, que podem levar à dominação de um grupo pelo outro. Foucault argumenta:

Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Em *O queijo e os vermes* o moleiro não dispensava a verdade da tradição oral, pois era a partir dela que os representantes da cultura popular demonstravam seus trabalhos, de forma original. Outros remanescentes das ideias humanistas e/ou camponeses adeptos da Reforma também poderiam se unir a Menocchio nessa missão, que segundo Ginzburg não dependia apenas dos livros em si: “[...] do encontro da página escrita com a cultura oral é o que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva”, a sua verdade. E para tanto, é de grande importância conhecer os meandros da razão.

Entender a razão é muito importante no contexto das discussões acerca das relações de poder. Segundo Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, todo sujeito acaba “navegando” nas relações de poder, mesmo contra sua vontade, pois obrigatoriamente está incluído em uma mesma sociedade. Para Jacques Rancière, por sua vez, “Resta, pois, ao homem razoável submeter-se à loucura cidadã, esforçando-se para não perder a sua razão” (RANCIERE, 2005, p. 130). Uma colocação perfeita para a situação do moleiro, que foi até confundido como louco. Em todo momento que Domenico se

manifestava, teria que arcar com as consequências “cidadãs”, isto é, aquelas impostas pelo Estado e a Igreja do século XVI. Suas ideias se aproximavam daquelas dos filósofos que “acreditavam ter encontrado o meio: a obediência que não pode ser *passiva*, dizem eles, não pode haver deveres sem direitos” (RANCIÈRE, 2005, p. 130). Assim se comportava Menocchio, buscava frequentemente expressar o que pensava, mesmo diante do perigo iminente a sua pessoa e familiares. Para esse homem a sua razão era maior, até mesmo do que seu instinto de proteção.

Segundo Rancière, “A vontade razoável [...] é antes de qualquer coisa a arte de se vencer a si próprio. A razão se conservará fiel, controlando seu próprio sacrifício [...] (RANCIÈRE, 2005, p. 131), isto é, o homem se permite mascarar a sua verdade temporariamente, sob a orientação de uma verdade de outrora. Na história de Menocchio, seria a verdade do Clero e do Estado a prioridade, mas ele dá continuidade ao seu propósito, que incluía o pensamento anticlerical e sua cosmogonia. Segundo Ranciere seria a “capacidade de vencer a si próprio” em nome de um ideal:

A razão se conservará fiel, controlando seu próprio sacrifício. O homem razoável é *virtuoso*. Ele aliena parcialmente sua razão ao comando da desrazão, para manter esse foco de racionalidade que é a capacidade de se vencer a si próprio. Eis como a razão conservará sempre um refúgio inexpugnável, no seio da desrazão.

A desrazão social é a guerra, em suas faces: o campo de batalha e o tribunal. O campo de batalha é o verdadeiro retrato da sociedade, a implicação exata e integral da opinião que a funda. “Quando dois homens se encontram, eles se tratam polidamente, como se acreditassem serem iguais em inteligência; mas, quando um dos dois está no meio do país do outro, já não se fazem mais tantas cerimônias [...], tudo, no intruso denota uma origem bárbara [...] Em geral, cada povo se crê, de boa fé, superior ao outro; e basta que as paixões se intrometam, eis que a guerra explode: mata-se tanto quanto se pode, [...] Mais se mata, mais se é glorioso [...] e esse tráfico de sangue é chamado de amor à pátria [...] é em nome da pátria que vos lançais como bestas selvagens sobre o povo vizinho. (RANCIÈRE, 2005, p. 131-132)

Esse estranhamento em relação ao outro também acontece no discurso, em que determinado grupo estamental não aceita o pensamento do outro. O moleiro era uma exceção ao sistema medieval, pois queria ouvir o outro, a cultura erudita, além de expor suas ideias, na verdade ele se conduzia pela razão. Segundo Rancière, “A razão é o poder de aprender todas as línguas. Ela pode, portanto, aprender a língua da assembleia e do tribunal. Ela pode aprender a praticar a desrazão” (RANCIÈRE, 2005, p. 134).

Assim, a desrazão é considerada um ato que Domenico Scandella praticava às vezes, afinal, precisava defender a sua cosmogonia, porém, quando a situação ficava crítica, momento em que a inquisição o perseguia, como “bestas selvagens”, o moleiro e seus filhos entravam em um consenso de alegar que ele estava louco, uma “válvula de escape”; pois o que adiantaria se ele não se defendesse? Morreria e todo o seu ideal estaria acabado.

Como os grandes filósofos, Aristóteles, Platão e Sócrates, Menocchio acreditava que a obediência não pode ser pacífica, e para tanto deu seu “grito de emancipação”, em relação ao pensamento clerical; dessa maneira ele revelava o que pensava sobre essa instituição, alimentando a convicção de que era possível mudar o pensamento das pessoas ao seu redor.

Rancière, no subcapítulo “Como desraoar razoavelmente”, de *O mestre ignorante*, refere-se à história de Sócrates, que se recusa a “estudar a arte dos sicofantas Anitos e Meletos” (RANCIÈRE, 2005, p. 136), conforme o excerto abaixo:

Estariamos – poder-se ia objetar – assim tão distantes de Sócrates? Também ele ensinava, no *Fedro* como na *República*: o filósofo pratica a boa mentira [...]. Não nos referimos, portanto, aos privilégios dos sábios, mas ao poder dos homens razoáveis. E este poder se resume em uma opinião: a da igualdade das inteligências. É essa opinião que faltou a Sócrates e que Aristóteles não pôde corrigir. A mesma superioridade que permite ao filósofo estabelecer as pequenas distinções imperceptíveis, o dissuade de falar a “companheiros de escravidão”. Sócrates não quis fazer um discurso para agradar o povo, para seduzir a “grande besta”. Ele não quis estudar a arte dos sicofantas Anitos e Meletos. (RANCIÈRE, 2005, p. 136)

Sócrates não estava preparado para enfrentar seus acusadores, e nem tão pouco, se preocupou em fazer se entender pelo povo, na sua perspectiva, segundo Ranciere 2005 ele partiu da opinião que todos ali tinham um mesmo nível de “inteligência”, pelo qual Meletos e Anitos provaram o contrário. De acordo com esse filósofo, conforme a citação abaixo:

Ora, os discursos de Anitos e Meletos são uma manifestação da inteligência humana, *ao mesmo título* do que os de Sócrates. [...] Sócrates, o “*ignorante*”, se imaginou, quanto a ele, superior aos oradores de tribunal, teve preguiça de aprender sua arte e consentiu com a desrazão do mundo. Por que agiu de tal modo? Pela mesma razão que perdeu Laios, Édipo e todos os heróis trágicos: ele acreditou no oráculo delfico; pensou, que a divindade o havia eleito que ela lhe havia dirigido uma mensagem especial. Ele partilhou da loucura dos

seres superiores: a crença no gênio. Um ser inspirado pela divindade não aprende os discursos de Anitos, não os repete, não busca, quando é preciso, apropriar-se de sua arte. Por isso é que os Anitos são mestres na ordem social. (RANCIERE, 2005, p. 136-137)

Portanto, como Sócrates, Menocchio buscou mostrar para todos a "verdade", sem se importar com as consequências; acreditando dessa maneira, que sua "superioridade" intelectual provaria a eles, aquele posicionamento que lhe custaria a vida e reputação. Assim como no episódio do “Oráculo de Delfos e Sócrates”, o aldeão, “o eleito”, provara o “fruto proibido”, pelo qual oferece o dom do conhecimento, isto é, do bem e do mal, onde à luz do que leu em sua biblioteca, contava que a razão chegaria a todos, ambos (o filósofo grego e o moleiro) foram julgados por suas ideias, as quais não iam ao encontro do pensamento vigente.

Nesse diálogo em que é incluída uma coletividade (o contexto dos camponeses friulanos que se rebelaram contra os nobres venezianos), torna-se ativa a ciência que estuda a vida e a cultura dos povos antigos por meio dos resquícios deixados por esse coletivo. Assim funciona o método arqueológico, por meio do diálogo, de investigações e pesquisas que vão rastreando respostas.

É semelhante a especificidade que Foucault (2008) tentou fazer surgir, a partir de uma “filosofia espontânea dos que não filosofam”, em meio aos estudos da arqueologia, pelo qual, revela diferentes concepções de pensamento e tendências, torna-se um reducionismo se apegar aos métodos; porém aqueles estudiosos que não aceitam se libertar das regras extremas, consideram os pensadores livres como “presunçosos”.

Menocchio foi um deles, colocou em destaque a história oral, um ramo de estudos que resgata a sabedoria popular, porém incapaz de modificar realmente a velha forma de análise, aquela considerada oficial, e que muitas vezes é incapaz de “transpor o limiar da ciência”, no entanto, para a “História das Ideias” inicia-se a experiência de acoplar mais uma estratégia de pensamento, a micro-história que aposta no sentido dos considerados “menores” para os “maiores”, conforme excerto abaixo:

Não é fácil caracterizar uma disciplina como a história das ideias: objeto incerto, fronteiras mal desenhadas [...] procedimento sem retitude e sem fixidez. [...] Por um lado, ela conta a história dos elementos secundários e das margens. Não a história das ciências, mas a dos conhecimentos imperfeitos, [...] história das filosofias obscuras que perseguem as literaturas, a arte, as ciências, o direito, a moral, e até a vida cotidiana dos homens; história dos tematismos seculares que jamais se cristalizaram em um sistema rigoroso e

individual, mas que formaram a filosofia espontânea dos que não filosofavam. História, não da literatura, mas do rumor lateral, da escrita cotidiana e tão rapidamente apagada que nunca adquire o *status* da obra ou que imediatamente o perde [...]. (FOUCAULT, 2008, p. 155-156)

Se a História é para o homem, nada mais condizente do que analisar, pesquisar e refletir o seu cotidiano, ele pode ser tanto o ator quanto o “espectador”, depende da perspectiva que se deseje alcançar. No cotidiano é possível identificar inúmeras possibilidades de facilitar a vida, tanto social, quanto política e econômica; um “olhar” íntegro, quase desprovido de vaidades, em que se enxerga a realidade de um sistema social com suas lacunas, oferece mais possibilidades de reação aos problemas, de cada contexto histórico.

1.2. Menocchio e a defesa de sua cosmogonia

A cosmogonia é uma espécie de filosofia não reconhecida, e para esse personagem representava uma conquista, resultado de suas leituras, vivências e reflexões. A metáfora do queijo se refere ao “nascimento dos seres e saberes”, que de certa forma resultam da mistura de muitas experiências, assim como o ser humano também é resultado da mistura dos genes do pai com os da mãe. “A cosmogonia de Menocchio se localiza nesse terreno, ainda quase inexplorado, de relações e migrações culturais”. (GINZBURG, 2006, p. 103)

Nessa atmosfera diferente, através das metáforas, o moleiro tinha como principal objetivo contestar as injustiças daquele período por meio de sua visão de mundo:

Vamos a partir do elemento mais evidente na linguagem de Menocchio: sua densidade metafórica. As palavras da experiência cotidiana já citadas – “criança no ventre da mãe”, “rebanhos”, “queijo” e outras – são introduzidas por metáforas [...]. A função das metáforas nos discursos de Menocchio é outra; em certo sentido, inversa. Num universo linguístico e mental como o seu, fortemente marcado por uma fidelidade absoluta às palavras, mesmo as metáforas devem ser tomadas com rigor ao pé da letra. O conteúdo destas, jamais casual, faz transparecer a linha do verdadeiro e não explicitado discurso de Menocchio. (GINZBURG, 2006, p. 108)

Dessa maneira acontece a construção metafórica, anunciada na filosofia de Domenico Scandella, um sentido figurado pelo qual alcança novas perspectivas de realidade. Assim é possível surgir do “suposto irrelevante” vida, como a teoria sobre a putrefação do queijo e o surgimento dos anjos e Deus. Essas visões não eram óbvias para o moleiro, ele

[...] reproduzia sem saber, mitos antiquíssimos, remotos. Num mito indiano, mencionado já nos Veda, a origem do cosmo é explicada pela coagulação – semelhante à do leite – das águas do mar primordial, batidas pelos deuses criadores. (GINZBURG, 2006, p. 103)

Assim os saberes eram transmitidos de geração a geração através da “oralidade”, muitas vezes por meio dos mitos, que se faziam essenciais dependendo da crítica de seu interlocutor, para essa pesquisa, o moleiro, que, enxergava no saber a saída de muitas injustiças.

Neste estudo, observa-se que a questão do saber é muito importante para tratar dos objetos de que Menocchio se ocupa em seu discurso. “Há saberes que são independentes das ciências (que nem são seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2008, p. 204-205). Ao utilizar o exemplo deste moleiro, fica em evidência a variabilidade do saber, que nem sempre surgirá do laboratório científico ou de representantes letrados. Os saberes se organizam por arquivos, os quais, segundo Foucault,

Dá se por fragmentos, regiões e níveis, melhor, sem dúvida, e com mais clareza na medida em que o tempo dele nos separa: em termos extremos, não fosse a raridade dos documentos, seria necessário o maior recuo cronológico para analisá-lo. (FOUCAULT, 2008, p. 148)

O discurso de Domenico Scandella, quanto à elaboração de sua cosmogonia, também se formou a partir de fragmentos, regiões e leituras que se organizaram de forma a se diferenciar das imposições do clero e da cultura erudita. Conforme argumentou Foucault, “[...] a arqueologia não supera as diferenças, mas realiza a análise das mesmas, ao dizer em que consistem, além de *diferenciá-las*” (FOUCAULT, 2008, p. 192). Tal procedimento se realiza a partir de quatro etapas. A primeira: “a arqueologia, ao invés de considerar que o discurso é feito apenas de uma série de acontecimentos

homogêneos (as formulações individuais), distingue, na própria densidade do discurso, diversos planos de acontecimentos possíveis” (FOUCAULT, 2008, p. 193). Destaca-se, nesse sentido, a heterogeneidade do discurso do moleiro, que se forma a partir de diversos planos de acontecimentos possíveis, suas leituras, sacramentos da igreja, Reforma protestante, entre outros, conforme excerto abaixo:

Qual a relação entre uma cosmogonia como a de Menocchio – o queijo primordial do qual nascem vermes que são os anjos – e a Reforma? Como remeter à Reforma afirmações como as atribuídas a Menocchio por seus conterrâneos: “Tudo o que se vê é Deus e nós somos deuses”; “O céu, a terra, o mar, o ar, o abismo e o inferno, tudo é Deus”? É melhor imputá-las, por enquanto, a um substrato de crenças camponesas, velho de muitos séculos, mas nunca totalmente extinto. A Reforma, rompendo a crosta da unidade religiosa, tinha feito vir à tona, de forma indireta, tal substrato; a Contrarreforma, na tentativa de recompor a unidade, trouxe-o à luz, para expulsá-lo. (GINZBURG, 2006, p. 56)

A segunda etapa: “Para analisar tais acontecimentos, é insuficiente constatar modificações e logo relacioná-las seja ao modelo teológico e estético da criação (jogo de suas originalidades e invenções), seja ao modelo psicológico da tomada de consciência (com sua transcendência, com seus precedentes obscuros, suas antecipações, suas circunstâncias favoráveis, seus poderes de reestruturação), ou, ainda, ao modelo biológico da evolução.” (FOUCAULT, 2008, p. 193). Menocchio representava um sujeito que pensava bastante, chegava a discutir suas opiniões e reafirmava sempre seu posicionamento que não distinguia muito o teor do texto lido, se mais ou menos científico, mais ou menos teológico, mais ou menos ficcional, e procurou difundir suas ideias:

O fato de saber ler e escrever favoreceu o moleiro. “Em 28 de setembro de 1583 Menocchio foi denunciado ao Santo Ofício, sob a acusação de ter pronunciado palavras heréticas e totalmente ímpias sobre Cristo. Não se tratava de uma blasfêmia ocasional: Menocchio chegara a tentar difundir suas opiniões, discutindo-as (‘*praedicare et dogmatizare non erubescit*’; ele não se envergonhava de pregar e dogmatizar). Esse fato agravava muito sua situação”. (GINZBURG, 2006, p. 32)

A terceira colocação de Foucault argumenta o seguinte: “Dizer que uma formação discursiva substitui outra não é dizer que todo um mundo de objetos,

enunciações, conceitos, escolhas teóricas absolutamente novas, surge armado e organizado em um texto [...], mas sim que aconteceu uma transformação geral de relações [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 194-195). Em relação à história de Menocchio, pode-se analisar por meio da maneira como o moleiro lia seus livros. Ela não está preocupada com a ideia de completude, vai se construindo por meio da montagem, como será argumentado no segundo capítulo, quando o moleiro destaca alguns aspectos em detrimento de outros, de acordo com a citação extraída do capítulo “Beco sem saída?”:

Confrontando, uma por uma, as passagens dos livros por ele citados com as conclusões às quais chegava (ou até mesmo com o seu modo de referi-las aos juízes), nos vemos às voltas, invariavelmente, com lacunas e deformações, às vezes profundas. Qualquer tentativa de considerar esses livros ‘fontes’ no sentido mecânico do termo cai ante a agressiva originalidade da leitura de Menocchio. Mais do que o texto, portanto, parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menocchio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa – um filtro que fazia enfatizar certas passagens enquanto ocultava outras, que exagerava o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Menocchio deformando a sua leitura. Essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral. (GINZBURG, 2006, p. 72)

A última etapa desse método arqueológico: “O aparecimento e a destruição das positivities,⁶ o jogo de substituições a que dão lugar não constituem um processo homogêneo que se desenrolaria, em toda parte, da mesma maneira.” (FOUCAULT, 2008, p. 196). Esse processo pode ajudar a ler a originalidade de Domenico Scandella, que, apesar e por causa das lacunas, exercia um fascínio aos sujeitos de seu estamento social. A insatisfação com o Clero persiste:

No final do interrogatório de 28 de abril, depois de ter expresso sem nenhuma restrição suas acusações contra a Igreja, os padres, os sacramentos e as cerimônias eclesiásticas, respondendo a uma pergunta do inquisidor, Menocchio declarou: “Eu acredito que a imperatriz neste mundo seja mais importante que Nossa Senhora, mas lá Nossa Senhora é maior, porque de lá nós somos invisíveis”. (GINZBURG, 2006, p. 74).

⁶ Analisar positivities é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjunto de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas (FOUCAULT, 2008, p. 203).

O moleiro expressa nos interrogatórios a sua insatisfação com o Clero, relacionando sua argumentação com os livros lidos. E ao pronunciar novos discursos, automaticamente ele produz conhecimento, pois segundo Foucault (1996) “[...] não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar [...] coisas ditas uma vez [...] porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 21-22). E assim a dinâmica se realiza a partir de uma contínua produção de conhecimento, que está mais ou menos relacionado ao alcance do poder. Para Menocchio, como se esperava, os obstáculos – ou as fronteiras, para muitos estudiosos – são maiores e exercem um poder incomensurável, a inquisição.

Cássio Hissa explica “[...] que os campos de estudo fragmentados em saberes também poderiam estar cerceando a liberdade e os potenciais críticos e criativos dos indivíduos [...]” (HISSA, 2002, p. 210). Menocchio é duramente excluído como um louco, é como se ele representasse uma “chama” de saber que, ao invés de ser acolhida, com o objetivo de acrescentar ao conhecimento, é fortemente discriminada.

O aspecto da luta de classes já pesquisado por Michel Foucault como sendo um dos responsáveis a impulsionar a produção de discursos e, conseqüentemente, o desenvolvimento do poder leva à conclusão de que a seguinte afirmação é verdadeira: “Quem sabe mais, tem mais poder”. Porém, “até que ponto deve se atribuir à divisão do trabalho as origens da inventividade, como quis Adam Smith [...]” (HISSA, 2002, p. 213), se, na concepção de verdade, também convive uma imensidão de possibilidades criativas, e com uma grande vantagem, com menos ambição e egoísmo, conforme já dito na relação verdade e poder?

Quanto ao saber, em pleno século XVI, como humanistas, agnósticos e renascentistas faziam “aflorar” sua inventividade num contexto marcado pela repressão? A resposta é que travaram uma luta contra os representantes do poder; apesar dos poucos recursos, tinham muita persistência. Segundo Hissa, é papel do cientista: “construir os elos entre sua especialização e o seu contexto de relações, muito mais amplo. Somente assim, inclusive, pode ser tomado como crítico e como cientista”. (HISSA, 2002, p. 214). De alguma maneira, Menocchio também tentava construir os elos entre seu saber e o contexto de relações entre a cultura erudita e popular na Itália daquele século XVI, as quais é apresentada na obra de Ginzburg por meio da “Circularidade cultural”. “A impressionante convergência entre as posições de um

desconhecido moleiro friulano e as de grupos de intelectuais dos mais refinados e conhecedores de seu tempo repropõe com toda força o problema da circularidade cultural formulado por Bakhtin” (GINZBURG, 2006, p. 19).

Assim, o termo circularidade recorrente nas obras de Mikhail Bakhtin serviu para que o historiador Carlo Ginzburg confirmasse a presença de uma relação que transcorria de maneira dialógica e circular entre a cultura erudita e a cultura popular na Europa do século XVI. Segundo Diana Barros, “o dialogismo serve como um princípio constitutivo da linguagem e é a condição do sentido no discurso” (BARROS, 2003, p. 2), e por isso tão relevante para os estudos da “circularidade cultural”. Assim, um enunciado ou um discurso não pode ser compreendido se não for estudado em seu aspecto dialógico. Esse aspecto supera as tradicionais classificações sociais e pode possuir laços intensos que chegam até distantes períodos da antiguidade. Ginzburg almeja com seu livro *O queijo e os vermes* questionar a premissa de que as ideias emanam originalmente da alta cultura ou das classes dominantes, que elas vêm das “cabeças dos monges e dos professores universitários e certamente não de moleiros e camponeses” (GINZBURG, 2006, p. 155).

Ao ser aproximar do diferente, e proporcionar a comunicação, o dialogismo se evidencia como uma característica fundamental na construção das identidades culturais e sociais ao longo do processo de comunicação que cada sociedade proporciona. E, para entender melhor esse raciocínio, é importante ter em mente os significados e importância da cultura erudita, conhecida também como Letrada, juntamente com a Popular ou Oral. Ciente que a cultura Letrada é proveniente, principalmente, dos mosteiros pertencentes a Igreja Católica, em meados do século XVI, era destinada apenas a um grupo seletivo, que poucos podiam frequentar; então restava à maioria dos representantes populares utilizarem o saber como uma forma de resistência, com a finalidade de reduzir a dominação exercida pelos estamentos sociais correspondentes ao período, ainda muito marcado pelos preceitos medievais.

Cultura popular está longe de ser um conceito bem definido. Segundo Chartier,

[...] é possível reduzir as inúmeras definições da cultura popular a dois grandes modelos de descrição e interpretação. O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico, coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a

cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada. (CHARTIER, 1995, p. 179-180)

Para ler a obra analisada nesta pesquisa, se enquadra melhor o primeiro modelo, pelo qual a cultura popular corresponde a um “sistema autônomo”, que não se reduz à cultura legitimada, pelo contrário, conforme indica o conceito de circularidade cultural utilizado por Ginzburg para ler a história de Menocchio, acaba também por influenciar esta cultura. Em alguns momentos o moleiro é considerado louco, pelos monásticos daquele período ainda muito marcado pelos preceitos medievais, porém ele estava na mais perfeita sanidade mental, ao refletir e questionar as coisas do mundo. Era tão inteligente que utilizava a cultura oral como uma espécie de “tática produtora de sentido” com a finalidade de exercer seus interesses, conforme excerto abaixo:

As formas “populares” da cultura, desde as práticas do cotidiano até às formas de consumo cultural, podem ser pensadas como táticas produtoras de sentido, embora de um sentido possivelmente estranho àquele visado pelos produtores. “A uma produção racionalizada, expansionista e centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde uma *outra* produção, chamada “consumo”. Ela é matreira e dispersa, mas se insinua em todos os lugares, silenciosa e quase invisível, pois não se manifesta através de produtos próprios e sim através de *modos de usar* os produtos impostos pela ordem econômica dominante. Este tipo de modelo de inteligibilidade permite transformar profundamente a compreensão que se tem de uma prática ao mesmo tempo exemplar e central: a leitura. (CHARTIER, 1995, p. 185)

O moleiro desenvolveu o seu próprio código de leitura, que conseqüentemente foi influenciado pelas práticas do seu cotidiano, seu senso crítico, enfim, seu modo próprio de usar os produtos impostos pela ordem econômica vigente naquele século XVI. Nesse “elo de saberes”, esse código representava a sua interpretação acerca das leituras e das escolhas que realizava. Segundo Hissa, “A leitura das coisas e dos seres, sua interpretação, representação e crítica requer, portanto, do artista ou do cientista, um movimento simultâneo de isolamento e integração [...]”. (HISSA, 2002, p. 215) Nesse sentido,

A especialização, nesses termos, é até mesmo indispensável. Ao contrário do que pensam muitos, a especialização, diferentemente da fragmentação, emerge como a possibilidade de “expansão real do global”. Ela surge como um percurso construído pelo próprio

desenvolvimento da ciência, sobretudo quando referenciada pelo contexto de conexões entre objetos e seres, e seu universo de relações, no sentido de fundamentar o conhecimento integrado e transdisciplinar: o movimento das vanguardas do pensamento. (HISSA, 2002, p. 215)

As vanguardas também romperam com um passado cultural extremamente tradicionalista, e permitiram a entrada de uma nova forma de fazer arte; da mesma maneira como o moleiro tentava superar a visão única, predominantemente clerical, e lançar mão de uma nova perspectiva de ver sua realidade estamental, com um viés mais aberto e criativo. No capítulo “Queijos místicos e queijos reais” é explicado um pouco do sentido da cosmogonia de Domenico Scandella, conforme o excerto abaixo:

Assim, na sua linguagem densa, recheada de metáforas ligadas ao cotidiano, Menocchio explicava sua cosmogonia tranquilamente, com segurança, aos inquisidores estupefatos e curiosos (caso contrário, por que teriam conduzido um interrogatório tão detalhado?). Apesar da grande variedade de termos teológicos, um ponto permanecia constante: a recusa em atribuir à divindade a criação do mundo – e, ao mesmo tempo, a obstinada reafirmação do elemento aparentemente muito bizarro; o queijo, os vermes-anjos nascidos do queijo. (GINZBURG, 2006, p. 101).

Ciente de que os saberes não só emanam da alta cultura, uma relação extremamente desigual de saber-poder pode conduzir à supressão ou deslocamento de muitas formas próprias de conhecimento, justamente daqueles sujeitos não ligados ao poder legitimado. Para tratar desse “deslocamento de saberes” é interessante observar o papel da transdisciplinaridade. Segundo Domingues, “a experiência da transdisciplinaridade exigirá a reinvenção das atividades científicas e intelectuais. Seu cultivo levará ao fim do especialista disciplinar, fundado [...] no (*expert*) [...]” (DOMINGUES, 2005, p. 27). A Transdisciplinaridade foi um termo cunhado por Edgar Morin, para quem “a superespecialização, o confinamento e o despedaçamento do saber. Todos esses, não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira” (MORIN, 1999). Apesar de o objeto de pesquisa estar situado no período histórico do século XVI, a estratégia transdisciplinar funciona como uma ferramenta de análise que contribui para o entendimento da lógica de pensamento do moleiro. Pensamento este que se aproxima da utopia, pode-se dizer, afinal, os

representantes do poder, naquele contexto histórico, impossibilitavam em demasia o diferente. Para Rancière,

A utopia é o não-lugar, o ponto extremo de uma reconfiguração polêmica do sensível, que rompe com as categorias da evidência. Mas também é a configuração de um bom lugar, de uma partilha não polêmica do universo sensível, onde o que se faz, se vê e se diz se ajustam exatamente. (RANCIÈRE, 2005, p. 61)

Menocchio, antecipando de alguma maneira a transdisciplinaridade, também movimentava o campo do saber, ao possibilitar a reinvenção de novas possibilidades que proporcionam um maior campo de visão acerca do conhecimento multidisciplinar. Segundo Domingues,

A necessidade de promover a instauração da inteligência coletiva, mediante a cooperação de especialistas oriundos de diversos campos disciplinares, se explica pelo atual estado do conhecimento, caracterizado – vimo-lo pela acumulação e expansão de uma massa enorme de informações, numa escala tal e numa velocidade tal que até mesmo o especialista não tem o controle da situação, não sabendo o que se passa no interior de sua disciplina e especialidade. (DOMINGUES, 2005, p. 27)

Esses são saberes sem fronteiras, que transitam de uma disciplina para outra. O pensamento do moleiro, de tendência laica, se encontrava em constante contradição com a ideologia cristã, o que resultou em muitos conflitos envolvendo a inquisição. O clero não aceitava outras concepções que colocassem em risco toda a sua supremacia e poderio sobre os fiéis; e o moleiro com seu “novo” pensamento punha em perigo esse controle. A igreja queria passar a ideia de que todo o conhecimento necessário estava presente nela, portanto, o que vinha de fora deveria ser desconsiderado.

Estudos contemporâneos, como o de Domingues, revelam que “hoje, é simplesmente impossível alguém dominar o conhecimento em extensão e em profundidade, qualquer que seja a área do conhecimento” (DOMINGUES, 2005, p. 28). No contexto da história de Menocchio, o objetivo não foi apenas alcançar uma possível “totalidade” de saberes e/ou conhecimentos, mas diferenciá-los devido a sua origem e não permitir o uso de “novas ferramentas do pensamento” (Domingues, 2005, p. 155). Dentro dos “objetos de que o moleiro se ocupou para desenvolver o seu discurso”, de alguma maneira, podemos dizer que se aplica a transdisciplinaridade, ainda que esse conceito tenha sido desenvolvido muito posteriormente:

A transdisciplinaridade nada mais é do que uma tentativa articulada de enfrentar a complexidade gerada pelo grande número de novas disciplinas que a cada momento são acrescentadas ao conjunto do saber contemporâneo. Esse crescimento disciplinar desmedido exige o uso de novas ferramentas de pensamento para estabelecer pontos de contato entre as diversas áreas do conhecimento humano. (DOMINGUES, 2005, p. 155)

Acredita-se que essa complexidade sempre existiu, ainda que o conhecimento não fosse tão compartimentalizado no século XVI. Com relação aos “princípios teóricos e metodológicos” da transdisciplinaridade, Domingues ressalta que “para efetuar a árdua tarefa de ultrapassar as fronteiras e articular harmonicamente as diversas disciplinas, a abordagem transdisciplinar precisa de um conjunto de princípios [...] que permitam um enfoque unificado” (DOMINGUES, 2005, p. 155):

De acordo com Nicolescu, os princípios que animam a transdisciplinaridade são três: a aceitação de que a realidade possui níveis, a adoção da lógica do terceiro incluído e o apelo à abordagem sistêmica. Com respeito ao primeiro desses princípios, a própria Carta da Transdisciplinaridade, redigida em 1994 por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu, afirma no artigo 2: *O reconhecimento de diversos níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Toda tentativa de reduzir a realidade a um único nível, regido por uma única lógica, não se situa no campo da transdisciplinaridade.* (DOMINGUES, 2005, p. 156)

Também para Menocchio era inadmissível a existência e reconhecimento de apenas um nível de realidade; a cultura erudita, junto com o conhecimento da Igreja, era pouco e limitador para uma sociedade que “fervilhava” com o início do movimento da Reforma protestante. Existia também uma visão diferente, com tendência Renascentista, próxima às ideias de Menocchio. Segundo Olgária Matos, esse movimento apresentava uma espécie de “releitura dos clássicos”:

No Renascimento, com a releitura dos clássicos no século XV, Pico della Mirandola, filósofo cristão iniciado na cabala hebraica, cunhou a expressão “dignidade humana”, fundando o humanismo. A pessoa é entendida sempre como digna e não apenas a nobreza pelo sangue. Quanto à escravidão, longe de ser natural, é monstruosa e são horríveis a luta e a perseguição por divergência de culto ou de estirpe. Os humanistas passaram, ao contrário dos medievais, a considerar os acontecimentos políticos, científicos e históricos do ponto de vista da ação voluntária dos homens, devendo-se cultivar e celebrar a verdadeira essência humana pelas *studia humanitatis*. Não mais o

Medievo da contemplação ascética cristã que julga as ações humanas diante da vida eterna e do mundo divino: preparando o homem para a santidade e não para a cidade, manteve-se uma visão antitética dos valores estéticos emocionais – treva-luz, superstição-razão, paganismo-cristianismo –, dada a ofensa fatal que representaram as obras contra-natureza introduzidas pela presença do homem no mundo, como o Mal radical. (MATOS *apud* DOMINGUES, 2001, p. 63)

Esse “Mal radical” constitui o receio quanto ao diferente, além do risco da perda da supremacia do Clero e nobreza perante os camponeses e demais agentes populares. O discurso do moleiro demonstrava uma ameaça, mesmo ciente de que “o poder não é o sentido do discurso” (FOUCAULT, 1977, p. 254), conforme citação abaixo:

O discurso é uma série de elementos que operam no interior do mecanismo geral do poder. Consequentemente, é preciso considerar o discurso como uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado. (FOUCAULT, 1977, p. 254)

Esse poder orientado se direcionava conforme a fala do moleiro; havia momentos em que falava muito da religião e seus aspectos, em outros a denunciava como uma instituição corrupta. Menocchio desejava um mundo novo com mais igualdade social e para isso acreditava que a igreja poderia se apresentar como um exemplo mais humilde, sem usufruir de tanto luxo, enquanto muitos fiéis viviam na pobreza. As falas que circulavam na Itália, principalmente em Montereale, através de bocas como a do moleiro, camponeses, carpinteiros, entre outros, produzia um conhecimento dinâmico e transversal: a cada realidade diferente, atribuem-se novos significados.

O segundo princípio da transdisciplinaridade auxilia na leitura da história de Domenico Scandella, que viveu contradições resultantes de seu posicionamento estamental, um sujeito que arriscou a dizer o que pensava, e por meio dessa ação poderia comprometer a supremacia da realidade clerical. Segundo Domingues, “O segundo princípio, a *lógica do terceiro incluído*, formalizada pelo romeno Stéphane Lupasco, é invocada por Nicolescu para lidar com as contradições geradas pela admissão desses diferentes níveis de realidade (DOMINGUES, 2005, p. 156). Uma dessas contradições se espelha na repressão, quando o moleiro, ao utilizar frequentemente a cultura oral e disseminar seu pensamento, atingia a ciência, a religião,

a política, enfim a sociedade daquele período ainda muito marcado pelos preceitos medievais. Para ele, “No princípio este mundo era nada, e [...] a água do mar foi batida como a espuma e se coagulou como o queijo, do qual nasceu uma infinidade de vermes; esses vermes se tornaram homens [...], essas palavras foram ditas por Menocchio.” (GINZBURG, 2006, p. 103).

Por causa dessas atitudes, entre outras, passaram-se mais alguns interrogatórios, e a intimidação só aumentava. Segundo Hissa “a repressão é a explicitação de territórios, de domínios, de fronteiras ou, antes disso, é a atitude de um poder que pretende se preservar” (HISSA, 2002, p. 44). E mais:

A repressão que se manifesta na linguagem, e especialmente nos domínios do saber, é sutil, sofisticada. Pode propor liberdade, enquanto aprisiona. Pode sugerir a integração e a comunhão, quando de fato divide e constrói a distância. A linguagem: “[...] esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana [...]. A língua: “[...] um modo de agir, [...] um modo de ação sobre o Outro”. O discurso: instrumento de edificação dos limites que apartam os homens do mundo e os homens dos . (HISSA, 2002, p. 44)

No momento em que Menocchio assume uma postura fora do habitual para aquele século XVI, ele provoca um conflito entre diferentes ideologias que tendem a influenciar a dinâmica das culturas. Ginzburg discute até que ponto os eventuais elementos da cultura hegemônica, encontráveis na cultura popular, são frutos de uma aculturação mais ou menos deliberada, até que ponto costumes, visão de mundo e atitudes de indivíduos representantes das massas são de natureza própria ou estão fortemente impregnados da ideologia dos grupos elitistas da sociedade. Quanto ao terceiro princípio da transdisciplinaridade, Domingues explica:

O terceiro princípio da transdisciplinaridade corresponde ao paradigma dos sistemas, que surgiu no século XX e envolve a aplicação dos conceitos de *caos*, de *complexidade* e das *ciências não-lineares*. De acordo com Henagulph, esse paradigma acabou com todas as nossas esperanças de descrever e controlar a natureza em termos simples (DOMINGUES, 2005, p. 157).

Para ler o pensamento de Menocchio, esse paradigma de sistemas, em virtude de sua não-linearidade, seria a montagem, tema do capítulo segunda desta dissertação. Segundo Domingues, “[...] o maior problema gerado pela tentativa de romper fronteiras entre disciplinas está em enfrentar as inevitáveis contradições que surgem quando

domínios heterogêneos são sobrepostos ou simplesmente colocados lado a lado”. (DOMINGUES, 2005, p. 159).

Além da “circularidade” existente na obra de Ginzburg entre cultura erudita e popular, há também a diversidade entre crenças e costumes étnicos absorvidos por Domenico Scandella em suas leituras, que foram apresentados nos capítulos da obra intitulados “Mandeville” e “Pigmeus e canibais”:

A diversidade das crenças e dos costumes registrados por Mandeville levou-o a se interrogar sobre o fundamento de suas próprias crenças, de seu comportamento. Aquelas ilhas, em grande parte imaginárias, lhe deram um ponto de apoio a partir do qual passou a olhar o mundo em que nascera e crescera. ‘Tantas raças, e [...] tão diversas leis’, ‘muitas ilhas, cada uma vivendo à sua maneira’, ‘muitos e diversos tipos de nações, uns acreditando de um modo, outros de outro’ – durante o processo, Menocchio insistiu nesse ponto, retornando sempre a ele. Na mesma época, um nobre de Périgord, Michel de Montaigne, sofria um choque relativista análogo lendo os relatórios sobre os indígenas do Novo Mundo (GINZBURG, 2006, p. 87).

E nesse processo de sobreposição de crenças, costumes e até personalidades, não foi fácil para um sujeito do núcleo popular almejar tão construtivo capital cultural, afinal, “Menocchio não era Montaigne, era só um moleiro autodidata. Sua vida transcorrerá quase exclusivamente entre os muros da aldeia de Montereale. Não sabia grego nem latim (no máximo alguns fragmentos de orações): lera poucos livros, em geral por acaso (GINZBURG, 2006, p. 87). Porém tinha em sua fala um poder transformador. Poder que podia mudar a sua realidade estamental e a de outros camponeses, apesar de viver em uma sociedade hierárquica e sem mobilidade social, a partir da sua “prática discursiva” ele cria ou mesmo liberta outras possibilidades de pensamento. Como em uma espécie de desmistificação, a partir do seu “olhar” os indivíduos não deveriam viver apenas sob um aspecto de adoração, por exemplo de imagens, mas sim perceber com mais frequência a ciência com seus métodos empíricos, como os remédios medicinais na eficácia e cura das doenças

No capítulo “De Concórdia a Portogruaro”, são demonstrados alguns traços dessa personalidade de Menocchio, que pedia perdão durante seus julgamentos, mas não desistia de seus ideais, “[...] para ele não era necessário adorar as relíquias dos santos, pois eram como qualquer braço ou pernas, nossas [...]” (GINZBURG, 2006, p.44) conforme citação abaixo:

[...] Menocchio dissera aos seus conterrâneos (e confirmara durante o processo) “que a sagrada Escritura fora inventada para enganar os homens”. Então temos: negação da doutrina, negação dos livros sagrados [...] ‘Quanto as relíquias dos santos, são como qualquer braço, cabeça, mão, ou perna, acho que são iguais aos nossos braços, cabeças, pernas e não devem ser adorados ou reverenciados (...). Não se devem adorar as imagens, e sim Deus, só Deus, que fez o céu e a terra; vocês não veem’, exclamou Menocchio para os juízes, ‘Que Abraão jogou todos os ídolos e imagens no chão, e adorou só a Deus?’. (GINZBURG, 2006, p.44).

Diante dessa incomunicabilidade entre Menocchio e alguns representantes da nobreza e clero, a liberdade fica ameaçada, juntamente com suas possibilidades criativas e de inovação. Segundo Hissa, “a crise das narrativas oficiais é a crise da modernidade e da ciência moderna [...]” (HISSA, 2002, p. 44), também é a das fronteiras que enaltecem o poder da linguagem e da ciência sobre as outras linguagens. Além disso, pode também representar a crise das fronteiras interdisciplinares. Tudo isso com interações que buscam a liberdade, conforme excerto abaixo:

Essa liberdade é um luxo que toda sociedade deveria proporcionar a seus cidadãos: tantas linguagens quantos desejos houver: proposta utópica, pelo fato de que nenhuma sociedade está ainda pronta a admitir que há vários desejos. Que uma língua, qualquer que seja, não reprima a outra [...]. (HISSA, 2002, p. 44)

Menocchio não permite a repressão de sua língua e desejos. Para ele, era necessário buscar uma visão mais científica, sem deixar de lado alguns aspectos religiosos, para que algumas “injustiças sociais” tivessem fim. Não havia uma oficialização para a busca desses direitos, porque essa era uma sociedade fechada e estamental. Permaneciam à margem dessa realidade estratificada manifestações, cultos e ações populares, que frequentemente eram perseguidas, além de serem classificadas como heréticas. O moleiro não era ateu, porém aspirava por uma igreja mais empática e menos corrupta, de acordo com o trecho extraído do capítulo “Falar muito contra os superiores”. Menocchio desejava uma igreja

que abandonasse seus privilégios, que se fizesse pobre com os pobres, ligava-se a formulação, na esteira dos Evangelhos, de um conceito diferente de religião, livre de exigências dogmáticas, resumível a um núcleo de preceitos práticos: “Gostaria que se acreditasse na majestade de Deus, que fôssemos homens de bem e que se fizesse como Jesus Cristo recomendou, respondendo àqueles judeus que lhe perguntaram que lei se deveria seguir. Ele respondeu: ‘Amar a Deus e

ao próximo’.” Uma tal religião simplificada não admitia, para Menocchio, limitações confessionais. (GINZBURG, 2006, p. 41)

Na obra de Ginzburg, o saber, com todas as suas possibilidades, está presente no pensamento subversivo do moleiro, assim como em outras ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais e decisões políticas. Os saberes são válidos e relevantes por causa da sua multiplicidade; eles fazem o mundo se desenvolver.

Para Boaventura de Sousa Santos, há uma “política dos saberes” que organiza a dinâmica do conhecimento, conforme excerto abaixo:

Um conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes, que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos, e a esse diálogo entre saberes denomina-se ecologias de saberes. Existem disputas quanto à seleção do que se deve estudar ou não, a chamada política dos saberes (MENEZES; SANTOS, 2009, p. 23)

Menocchio era o “não” daquela sociedade, pois formulava um pensamento que era “invisível” àquele período. Segundo Boaventura “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal.⁷ Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis” (MENEZES; SANTOS, 2009, p. 23). Era o que acontecia com a cosmogonia e o pensamento desse moleiro, que reforçava as ideias de tendência humanista e remanescentes da Reforma. Segundo Boaventura, “Tudo aquilo que é considerado inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considerada como sendo o outro” (MENEZES; SANTOS, 2009, p. 23-24). E o clero do contexto de Menocchio o considerava o outro, aquele que não deveria ser ouvido e sim ignorado.

A oratória interessante, que resgatava aspectos culturais tanto da cultura erudita como da popular, qualificava o pensamento do moleiro, e ao mesmo tempo representava uma ameaça aos poderosos daquela época. A característica “abissal” do pensamento de Menocchio prevalecia, pois, segundo Boaventura de Sousa Santos, “[...] havia uma impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha [...] Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante” (MENEZES;

7 “Não pretendo que o pensamento moderno ocidental seja a única forma de pensamento abissal. Pelo contrário, é muito provável que existam, ou tenham existido, formas de pensamento abissal fora do Ocidente. Não é meu propósito analisa-las neste texto. Defendo apenas que, abissais ou não, as formas de pensamento não ocidental têm sido tratadas de forma abissal pelo pensamento moderno ocidental. (SANTOS, 2009, nota 1)

SANTOS, 2009, p. 24); no caso dessa análise corresponde a cultura monástica, predominantemente erudita.

No capítulo “Os três anéis”, é demonstrada a diversidade do pensamento de Menocchio, que chega a ser considerado um multiculturalista de seu tempo, conforme citação abaixo:

Tudo o que vimos até agora demonstra que Menocchio não reproduzia simplesmente opiniões e teses de outros. Seu modo de lidar com os livros, suas afirmações deformadas e trabalhosas são sem dúvida sinais de uma reelaboração original. É evidente que esta não partirá do nada. Cada vez com mais nitidez, vemos como ali se encontram, de modos e formas a serem ainda precisados, correntes cultas e correntes populares. (GINZBURG, 2006, p. 93)

Menocchio possuía uma identidade complexa, com tendências tanto populares quanto eruditas. É possível que seja essa característica que tanto atraiu a atenção para o seu pensamento, mas ao mesmo também o desejo de elimina-lo. Segundo Boaventura, “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal.” (MENEZES; SANTOS, 2009, p. 31). Essa parte da sociedade estamental, que almejava se afirmar ainda mais, era formada pelo clero juntamente com a nobreza feudal, conforme excerto abaixo:

O Friuli da segunda metade do século XVI era uma sociedade com características profundamente arcaicas. As grandes famílias da nobreza feudal ainda preponderavam na região. Instituições como a chamada servidão de *mesnada* tinham sido conservadas até o século anterior, por muito mais tempo, portanto, que nas regiões vizinhas. O antigo parlamento medieval mantivera as próprias funções legislativas, mesmo estando o poder efetivo nas mãos dos lugares-tenentes venezianos já algum tempo. Na verdade, a dominação de Veneza, iniciada em 1420, tinha deixado, na medida do possível, as coisas como eram antes. A única preocupação dos venezianos havia sido criar um equilíbrio de forças tal que neutralizasse as tendências subversivas de parte da nobreza feudal friulana.

No princípio do século XVI, os conflitos no interior da nobreza tinham se agravado. Foram criados dois partidos: os *Zamberlani*, favoráveis a Veneza, reunidos em torno do poderoso Antonio Savorgnan (que morreria como traidor no Império), e os *Strumieri*, hostis a Veneza, liderados pela família dos Torreggiani. Devido a essa disputa política entre facções nobres, teve início um violentíssimo conflito de classes. (GINZBURG, 2006, p. 46)

Porém o que acontece apenas parece um “sacrifício”, na verdade ocorre um “trocar de lugar”, pelo qual se identifica a lógica da transdisciplinaridade, que de tempos em tempos, revela a cultura e/ou sujeito mais forte, aquele que vence as adversidades e encontra na dificuldade um estímulo à superação dos obstáculos. Assim, a partir do contexto histórico de um período ainda muito marcado pelos preceitos medievais, com um “olhar” em Montereale, na situação de Menocchio, desperta-se o lado pessoal ao presenciar a subjetividade de um indivíduo, que, apesar de defender seu discurso com toda força, não deixa de ser “aquele pai de família, que também precisa proteger os seus”. Daí a utilização do “território arqueológico” que, segundo Foucault, pode atravessar textos literários ou filosóficos “O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas”. (FOUCAULT, 2008, p. 205)

O território arqueológico muitas vezes “não responde às normas científicas vigentes”, ele segue uma tendência do próprio significado da palavra arqueologia, busca no estudo das diferentes culturas e modos de vida uma resposta a suas indagações, isto é, vai a campo, “garimpa” informações, “tateia”, vasculha, os diferentes discursos, enfim, busca nas próprias indagações os instrumentos para desenvolver sua pesquisa, que pode nascer tanto de um objeto científico, quanto histórico, literário ou filosófico. Foucault destaca o exemplo da *Palingénésie philosophique*, que explica uma “espécie de reencarnação filosófica”, a qual não oferece uma explicação científica, sua orientação tende a seguir com mais frequência uma espécie de parâmetro metafísico.

Portanto a simples história de vida de um moleiro pode ser investigada como uma perspectiva relevante, e não menos importante que a científica, porque oferece muitas “aberturas” transdisciplinares, com a finalidade de reconstituição de uma ideologia ainda desconhecida, a dos não canonizados. Segundo Foucault “É sem dúvida aí, nesse espaço de ação, que se estabelecem e se especificam as relações da ideologia com as ciências [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 207). A esse mascaramento da realidade, somam-se outras práticas discursivas, que podem envolver também a política ou a economia. A partir de tal reflexão, Foucault antecipou quatro proposições, que podem ser identificadas sucintamente na obra de Ginzburg.

A primeira: “A ideologia não exclui a cientificidade” (FOUCAULT, 2008, p. 208). Carlo Ginzburg aponta alguns fatos históricos que se apresentam no meio do

enredo do moleiro. No capítulo “Luteranos’ e anabatistas”, o autor analisa a influência do movimento anabatista⁸ com esse personagem, conforme excerto abaixo:

Todavia, apesar das analogias apontadas, não parece possível definir Menocchio como um anabatista. O valor positivo que ele formulou a propósito da missa, da eucaristia e também, dentro de certos limites, da confissão, era inconcebível para um anabatista. Sobretudo um anabatista que via no papa a encarnação do Anti-cristo, nunca teria dito uma frase como aquela de Menocchio a respeito das indulgências: ‘[...] acredito que sejam boas, porque se Deus pôs um homem em seu lugar, que é o papa, e mandou perdoar, isso é bom, porque é como se recebêssemos de Deus, já que são dadas por seu representante’. Tudo isso veio à tona durante o primeiro interrogatório, transcrito em Portogruaro (28 de abril): a atitude de Menocchio, confiante, chegando mesmo a ser insolente às vezes, nos leva mais uma vez a abandonar a hipótese de que tais afirmações tivessem sido ditadas pela prudência ou pelo cálculo. Além disso, a heterogeneidade dos textos indicados por Menocchio como ‘fontes’ de suas ideias religiosas é o que se pode imaginar de mais distante dos preconceitos rígidos e sectários dos anabatistas. (GINZBURG, 2006, p. 54)

A essa proposição também constituem dados científicos, no momento em que há uma análise qualitativa dos fatos históricos, ao executar a ação de apanhar as fontes e examiná-las criteriosamente conforme o ofício do cientista. É necessário, antes de tudo, seguir a orientação de Rancière nesse sentido: “Não há linguagem da razão. Há somente um controle da razão sobre a intenção de falar [...]. A linguagem não científica nas pesquisas passa a se reconhecer como tal, e não contradiz a razão” (RANCIÈRE, 2005, p. 121).

“As contradições, as lacunas, [...] podem assinalar o funcionamento ideológico de uma ciência (ou de um discurso com pretensão científica) [...], porém a análise de tal funcionamento deve ser feita entre as regras [...] (FOUCAULT, 2008, p. 208). Uma delas, bem democrática por sinal, é o fato de considerar os “dois lados da moeda”, pelo qual Ginzburg investiga a manifestação da cultura oral representada na figura do moleiro, um homem que nasceu no núcleo popular, mas também dá ênfase a suas passagens e “permanências” no núcleo erudito, tipicamente, clerical.

“Corrigindo-se, retificando seus erros, condensando suas formalizações, um discurso não anula forçosamente sua relação com a ideologia [...] (FOUCAULT, 2008,

⁸ Esse foi um movimento religioso protestante radical do período da Reforma Protestante do século XVI na Europa, caracterizado pela discordância das reformas realizadas por Lutero e Zuínglio. Ele pode ser considerado protestante, mas não reformado. Essencialmente, os anabatistas protestaram contra as reformas que não realizavam aprofundamentos e mudanças como idealizavam. Tal movimento, então, opôs-se a católicos e reformadores. (MENEZES, 2011, p. 1)

p. 208). A esse aspecto se associam também as interferências de pensamento que podem alterar um contexto, como a cultura popular, porém a base, seu princípio maior ideológico, permanece a mesma. As interferências, na verdade os pensamentos e ideias desses grupos populares, passam por inferências que os modificam. Ginzburg optou por pesquisar um moleiro, esse agente das massas, ciente de que a partir do olhar de um sujeito simples (o micro) é possível compreender (o macro), enfim, uma pequena parcela, alfabetizada daquela estrutura social do século XVI. “Grandes estratos de analfabetos, numa sociedade em que estes constituíam três quartos da população, os camponeses aptos a ler eram com certeza uma pequena minoria” (GINZBURG, 2006, p. 14).

“Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não é revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo [...], e sim colocá-la [...] como formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 208). Quando Ginzburg realiza a escolha teórica da micro-história, ele revela seu modo de funcionamento a partir de um caso real, mas não demonstra os pressupostos filosóficos; isto é, suas ferramentas, semelhante ao critério de Foucault, que vai tateando um por um os seus passos, na medida em que aparecem as lacunas. E finalmente desemboca no estudo dos indivíduos não canônicos da História.

Ao “ressuscitar” a trajetória de um sujeito anônimo, desconsiderado por muitos pesquisadores de renome na historiografia geral, Carlo Ginzburg, entre tantos outros aspectos analisados, alerta também quanto ao “perigo do homem regular sua vida por meio de ilusões”. Um princípio tão antigo, típico do período histórico em que estava situado o principal personagem desse autor, o século XVI, ainda idade medieval, em que despontavam os primeiros “raios luminosos” da Renascença, que incomodavam, e muito, o estamento de poder, Igreja e Estado.

A consideração acima, do “perigo das ilusões”, é tão antiga, mas ao mesmo tempo muito contemporânea em várias áreas como ciência, economia, subjetividade e política; é de suma importância ao oferecer um significado para a vida, que seja construtivo, na medida que satisfaz o indivíduo e o seu grupo social. E também, que não se faça dessa “ilusão” uma “ferramenta exploradora de poder”, conforme citação abaixo:

Nesse horizonte, e com Maquiavel, dá-se o “nascimento da ideologia e o humanismo”. Sem recurso à transcendência mítica ou teológica na

representação da vida social, o homem deve encontrar de agora em diante por si e em si mesmo os critérios de suas próprias certezas e de seu autoconhecimento: “o lugar político”, escreve Abensour, “constitui-se como mediação entre o homem e o homem”. No caso, a superstição, a religião, a teologia que efetivam uma separação drástica entre a Terra e o Céu. O homem do humanismo cívico [...] faz a si e por si mesmo [...]. O perigo mais ameaçador provém do interior do próprio homem e é tanto mais insidioso quanto menos reconhecível: trata-se da tendência do homem a comportar-se de maneira ilógica, a regular sua vida por ilusões e objetos factícios, como os fantasmas da vida eterna celeste que vêm importunar o cérebro dos vivos. Quanto aos homens de ciência, estes abandonam as explicações mágico-religiosas acerca do mundo natural e do universo humano, o que resulta na reabilitação da vida cívica, da vida na cidade e para a cidade, pela retomada da afirmação aristotélica segundo a qual o homem é um animal político que só pode alcançar a excelência na e pela condição de cidadão. (DOMINGUES, 2001, p. 64)

Condição essa tão perseguida por Menocchio, numa época em que não era nem permitido expressar o que se pensava, quanto menos agir e tentar mudar uma realidade estamental, tipicamente fechada. Ainda não existia a noção de “coesão social”, expressão de Domingues. Ginzburg finaliza sabiamente a obra argumentando que esse personagem é uma exceção, quando se estudam sujeitos não canônicos, e ressalta uma falha histórica, ao ressaltar os outros [...] indivíduos simples, mas significantes, que como Menocchio, não são considerados pela História Oficial.

CAPÍTULO SEGUNDO

A montagem em o queijo e os vermes

2.1 A teoria da montagem de Didi-Huberman

Neste capítulo, realiza-se uma exposição da teoria da Montagem do estudioso Didi-Huberman, a qual sustenta a análise da obra *O queijo e os vermes*. O principal objeto de investigação nessa história é o aspecto de desconstruir e construir pensamentos que Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, empreende a partir de sua cosmogonia anticlerical. Denunciado ao Santo Ofício, devido a sua personalidade audaciosa, ele criou uma cosmogonia própria e saiu difundindo-a para sua comunidade. Tal espécie de filosofia não reconhecida foi influenciada pelo contexto histórico da época, em que havia muitos conflitos envolvendo a Contrarreforma, as Grandes Navegações, as Teorias da Geração espontânea e a Revolta Protestante, movimentos esses que, de uma forma ou de outra, questionavam a supremacia da Igreja Católica.

Semelhante à lógica da montagem, esse moleiro resgata influências de cada um desses eventos, com o objetivo de constituir o seu pensamento. Segundo Didi-Huberman, “A montagem aparece como operação do conhecimento histórico na medida em que caracteriza também o objeto desse conhecimento [...]” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 133). Portanto, não só o moleiro se vale de uma montagem, mas também o próprio Ginzburg, pois o pensamento da montagem se alinha aos objetivos da micro-história:

[...] o historiador *remonta* os “restos”, porque eles próprios apresentam a dupla capacidade de *desmontar* a história e de *montar* junto os tempos heterogêneos, Outrora com Agora, sobrevivências com sintomas, latências com crises... Não se pode jamais separar o objeto de um conhecimento [...]. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 133)

Nesse sentido, Ginzburg remonta as “pistas” sobre a presença desse moleiro no século XVI, na Itália, a partir de fontes que lhe permitem contar a história desse sujeito, por meio de perspectivas contemporâneas, no momento em que Menocchio manifestava sintomas da modernidade ao revelar uma presença multicultural.

Segundo Didi-Huberman, a Montagem possui uma tendência a “dispor as diferenças dis-pondo as coisas” a partir de uma “dialética das formas” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 12), como um quebra-cabeça de informações. A impetuosidade do moleiro e sua característica de “dispor” as coisas – suas leituras dos livros e do mundo – leva-nos a pensar que o desenvolvimento de seu pensamento se dá por montagem. Tendo como base inicialmente a montagem fotográfica, Didi-Huberman se vale do pensamento de Ernest Bloch para explicar a montagem:

A montagem fotográfica é que foi primeiro compreensível para muitos, a fotografia recortada e colada de novo numa “montagem”. A palavra é, certamente, mais antiga quando se trata de máquinas. Sobre o corpo humano enxerta-se também pele, transplantam-se órgãos internos; mas a parte transplantada não preenche aqui, no melhor dos casos, senão a função que corresponde ao lugar, nada mais. Na montagem cultural e técnica, ao contrário, a coesão da antiga superfície é destruída e uma nova coerência é constituída. Essa nova coerência não pode ser constituída apenas porque a antiga não cessa de aparecer sempre mais aparente, frágil como uma simples coerência de superfície. Enquanto que a objetividade desviava [questões de fundo] por um verniz brilhante, a montagem mostra, muitas vezes, a confusão que está por trás [e] aparece culturalmente como a forma suprema da intermitência fantasmática (...). Nessa medida, a montagem mostra menos que a Objetividade, a fachada da época, e revela mais seu bastidor (*Hintergrund*). (BLOCH *apud* DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 124)

Conforme a citação acima, é a montagem cultural a responsável pela intercalação das histórias; abandona-se a “coesão antiga” e uma nova coerência é constituída, com ênfase nos fatos não visíveis, os denominados “bastidores”. Para este trabalho, especificamente, “os bastidores” corresponderiam àqueles estudados pela micro-história, que oferece visibilidade aos sujeitos, fatos ou coisas não canônicas. Para Didi-Huberman, foi Walter Benjamin o grande exemplo desse historiador que dos bastidores, que “certamente considerou as coisas a contrapelo”. “Um dia ele foi velho, leu todos os livros. Mas compreendeu rapidamente que o leito da história é complexo, não cristalino, semelhante a um monte de trapos” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 123). Nesse sentido, a “inocência” se faz presente, no momento em que os participantes acreditam num relato fidedigno a um tempo passado, mas que na verdade pode ser manipulado, semelhante a um adulto interferindo numa “brincadeira de criança”, conforme citação abaixo:

Logo, procurou na impureza – na escória – a espessura temporal das coisas. Quando se aproximava a hora de fechar a Biblioteca Nacional, ele sumia nas passagens parisienses, talvez na “passagem do Desejo” [...]. O historiador, segundo Benjamin, vive sobre um monte de trapos: é o erudito das impurezas, dos restos da história. É o arqueólogo do inconsciente da história. Ele salta de um objeto de angústia a outro, mas seu próprio salto é de uma criança. O historiador, segundo Benjamin, é uma criança que brinca com os farrapos do tempo. Uma criança que brinca e que, metodicamente, inventa as condições de seu saber, de sua história. [...] A criança escava, conta e decifra seus trapos. Ali ela também adormece, sonha e acorda para novos deciframentos. Em suma, o objeto histórico não se constitui de acordo com a fenomenologia trivial, tal como era vista, por exemplo, por Fustel de Coulanges: não se faz história imaginando-se “voltar ao passado” para recolher os “fatos” e dominar o seu saber. O movimento é bem mais complexo, mais dialético: ele é feito de saltos, deve incessantemente responder a uma tensão essencial nas coisas, nos tempos e na própria psyché. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 123-124)

A montagem apresenta grande relevância nessa pesquisa, ainda que se proponha ler a história de Menocchio, acontecida no século XVI, a partir de um conceito pensado para tratar das poéticas mais recentes: “O conhecimento pela montagem foi uma resposta das vanguardas modernas aos excessos da própria modernidade, de sua cientificidade “positivista” [...] (JACQUES, 2018, p. 219), com um viés de tendência transversal, conforme excerto abaixo:

[...] da ideia de progresso inelutável e acrítico, mas também uma resposta contra os diferentes fechamentos metodológicos funcionalistas e contra os formalismos estetizantes, ambos ainda dominantes em diferentes campos disciplinares. O pensamento pela montagem propõe uma forma aberta de conhecimento por relações, por associações inusitadas de ideias, por “afinidades eletivas”, como diria Goethe e Benjamin, ou pela “lei da boa vizinhança”, como na biblioteca de Warburg. Um tipo de conhecimento transversal que atravessa campos distintos e explora seus limiares, explodindo seus limites e fronteiras. (JACQUES, 2018, p. 219)

Essa observação transversal tem relação com a análise de *O queijo e os vermes* através do conceito da montagem, porque, ao contar a história do moleiro, um tema atravessa o outro. Com essa dinâmica que envolve movimento, o principal personagem do livro monta uma Cosmogonia, além de pensamentos, muitas vezes, de tendência anticlerical. Optou-se pelo conceito da montagem porque a escolha da história do

moleiro como objeto de pesquisa do historiador Carlo Ginzburg buscou fazer sentido contrário à História Positivista, isto é, observar um sujeito simples para alcançar relevantes respostas, ao invés de seguir a tradição, como sempre foi feita, de optar quase sempre por sujeitos canônicos.

O pensamento de Didi-Huberman sobre a montagem se baseia de forma particular no Atlas Mnemosyne, a obra do historiador da arte alemão Aby Warburg, que demonstra uma busca variada, a partir do pensamento visual, que pode envolver diferentes culturas ou grupos sociais. Segundo Didi-Huberman, “os pensamentos são atravessadores de fronteiras, portanto esse seria um processo esperado que culminaria numa “desterritorialização dos objetos de conhecimento”, conforme excerto abaixo:

A montagem de que se trata em *Mnemosyne* não é, evidentemente, um *processo* que Warburg tivesse precisado tomar emprestado de Georges Braque, Kurt Schwitters ou Alexandre Rodchenko para confeccionar seu atlas. Não é apenas um modo de fabricar o objeto que nos impõe ver em *Mnemosyne* o emprego de uma montagem, e sim, acima de tudo, o próprio *paradigma* do pensamento que o sustenta e do conhecimento que resulta dele, William Heckscher percebeu isso com clareza, ao falar das construções warburgianas em termos de “descompartimentalização” [decompartmentalization] e “interpenetração” [interpenetration]. Ele cita a esse respeito, aliás, um dito de Warburg de que “os pensamentos são atravessados de fronteiras, isentos de impostos alfandegários” [*Gedanken sind zollfrei*]. Ora, só a montagem como *forma de pensamento* permite especializar essa “desterritorialização” dos objetos de conhecimento. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 406)

Essa “desterritorialização” dos objetos de conhecimento realizada por Menocchio surge de maneira conflitante, no momento em que “monta” o pensamento não esperado, “sintomático”, aquele que “assombra” as estruturas dominantes da sociedade. O sintoma “[...] seria a expressão de um conflito psíquico, como mensagem do inconsciente, e pode permitir a expressão de uma mensagem relacionada a invenção-criação”. (MAIA; MEDEIROS; FONTES, 2012, p. 1). Dessa maneira, para o potencial inventivo/criativo não há barreiras, e sim uma maior abertura.

O conceito de montagem implica muitas vezes a não obediência à sucessão normal dos acontecimentos. Segundo Didi-Huberman. “A montagem é uma explosão de *anacronias* porque procede uma *explosão da cronologia*. A montagem separa coisas habitualmente reunidas e conecta as coisas habitualmente separadas.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 123). Assim, Menocchio ora separa a ciência da religião, ora as

une, e também realiza o encontro da cultura popular com a cultura erudita, através da circularidade cultural; desses contatos nascem conflitos, algo esperado, afinal, quando os diferentes se tocam, o que cria, segundo Didi-Huberman, a partir de citações de Ernest Bloch, um “abalo” e um “movimento”, conforme excerto abaixo:

Ela cria um abalo e um movimento: “O abalo. Estamos fora de nós. O olhar vacila e, com ele, o que fixava. As coisas exteriores não são mais familiares, elas se deslocam. Algo ali tornou-se leve demais, vai e vem”. A explosão tendo acontecido, é um mundo de poeira – trapos, fragmentos, resíduos – que, então, nos envolve. Mas “a poeira levantada pela explosão do não contemporâneo é mais dialética que a da distração: ela própria é explosível”, maneira de dizer que oferece de agora em diante um material, em suma, muito sutil, para os movimentos históricos, as revoluções futuras. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 123)

Um “abalo” porque a mudança sempre provoca um desconforto, mas ao mesmo tempo o “movimento” oferece novidades que aguçam a criatividade humana, além de dar mais sentido à vida. Domenico Scandella buscava nos desafios (abalo), que se figuravam em uma não aceitação por parte daquela sociedade, um estímulo para conquistar seu objetivo, a cada dificuldade ficava mais forte, flexível para poder ser quem ele realmente era, um sujeito crítico e pensante.

A montagem se refere a esses “abalos”, também conhecidos como encontro dos diferentes através do processo de “Potência de colisão”, pelo qual Didi-Huberman “[...] esclarece como as coisas e tempos são colocados em contato, o que resultará numa “historicidade das coisas”, conforme explicação abaixo:

Essas são potências da imagem. Essa é, da mesma forma, sua fragilidade essencial. Potência de *colisão*, em que as coisas, os tempos são colocados em contato, “são telescopados” [téléscopés], diz Benjamim, e desagregam-se nesse mesmo contato. Potência de relâmpago, como se a fulguração produzida pelo choque fosse a única luz possível para tornar visível a autêntica historicidade das coisas. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 127)

Ao mesmo tempo em que une, “desagrega”. A “Potência de colisão” representa uma maneira de contar determinada história, ao aceitar seus aspectos intensos ou não. Esse tema pode se enquadrar no campo da disciplina, lenda ou ficção. Para o objeto dessa pesquisa seria a primeira opção, pois representa a aplicabilidade da micro-história.

Dessa “Potência de colisão”, também pode surgir o “irracionalismo estetizante”, aquele que não se enquadra nos padrões habituais. Nesse contexto surgem as “vítimas da exclusão social”, que desenvolvem o seu discurso carregado de ideias contrárias ao sistema vigente, mas nem por isso sem imaginação; essa última, direcionada através de um sentido criativo. Segundo Didi-Huberman, “A imaginação não é fantasia [...], é uma faculdade, que percebe as relações íntimas das coisas” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 135), aspecto esse associado à montagem, que busca no fundamento das pessoas, coisas ou fatos a novidade, aquilo que pode melhorar as relações. Menocchio colaborava para um melhoramento de vida dos populares, ao aumentar a possibilidade de reflexão desse povo, diante dos poderosos, através de seu exemplo de luta em defesa do seu pensamento. Segundo Didi-Huberman, “a imaginação é uma montadora por excelência”, afinal organiza o novo, reúne as informações necessárias à construção de uma ideia criativa apta ao aprendizado, conforme excerto abaixo:

A imaginação, a *montadora* por excelência, desmonta a continuidade das coisas somente para melhor fazer surgir “afinidades eletivas” estruturais. A imagem evidencia uma ordem de conhecimento essencial ao teor histórico das coisas. Mas “nesse domínio, a ordem é apenas flutuação acima do abismo”. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 135)

Nessa concepção da montagem, a ordem não é tão relevante quanto o resultado final; pois este se apresentará em forma de imagem preservada pela memória, além de oferecer um “pensamento por imagens”:

A ideia de um atlas, no pensamento de Warburg, remontava em 1905. Em 1924, porém houve algo a mais, algo como um *raptus*: de repente, revelou-se uma forma que, a seu ver, não era apenas um “resumo em imagens”, mas um *pensamento por imagens*. Não apenas um “lembrete”, mas *uma memória no trabalho*. Em outras palavras, a memória como tal, a memória “viva”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 383)

Uma memória em constante transformação, “viva” no sentido de movimento, experiências e novidades, explicada através das montagens, por meio de quadros com fotografias. Segundo Didi-Huberman, “O atlas warburgiano forma um ‘quadro’ sobretudo no sentido *combinatório* – uma “série de séries”, como tão bem o definiu

Michel Foucault – pois cria conjuntos de imagens, os quais em seguida relaciona entre si (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 385).

A montagem de Aby Warburg “[...] foi uma das atividades mais intensas do Instituto Warburg, até 1929 onde a montagem de exposições tinha a função de devolver a força teórica aos próprios arquivos [...]” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 387). Um dos objetivos de Warburg era descobrir as possibilidades ainda não reveladas. E para tanto era necessário que o mesmo fosse flexível, aberto a outras visões. Com isso “Warburg havia compreendido que devia *renunciar a fixar as imagens*, assim como um filósofo precisa saber renunciar a fixar suas opiniões. O pensamento é uma questão de plasticidade, de mobilidade, de metamorfose” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 389).

No período histórico em que vivia Menocchio, começava a “estourar” alguns primeiros “foguetes”, que, assim como o moleiro, foram estimulados por movimentos como a Reforma, que se caracterizavam em contestar a visão presente, que era fixa, tradicionalista e padronizada; um claro ambiente propício ao nascimento e instauração do ato de montar. Pode ser considerado um desses foguetes François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire:

Voltaire - homem das luzes - gostava dessa palavra e a usou. Mas foi Baudelaire - homem dos claro-escuros - quem lhe conferiu sua verdadeira dignidade estilística, ao intitular de *Foguetes* uma coletânea de pensamentos erráticos, profundos em termos filosóficos e pouco dogmáticos em seu tom intimista. Ali encontramos toda uma concepção da cultura e das sobrevivências pagãs que Warburg certamente não renegaria; Baudelaire sugere, entre outras coisas, que o sagrado sobrevive a tudo, até e principalmente a inexistência de Deus; que o panteísmo sobrevive à modernidade; que a magia sobrevive na língua, até e sobretudo nas locuções populares, nas tiradas despercebidas; e que, por fim, o homem da civilização não se acha em menos “estado selvagem” do que um índio do continente americano. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 395)

De acordo com a citação acima, percebem-se as influências de Warburg, de que todos os homens são importantes, a partir dos respectivos critérios de sua cultura. A partir dessa visão, para Warburg é inteligível montar e não descartar, pois assim evita-se a perda de saberes. A montagem nasce nesse quadro, em que diante de muitas contradições busca-se chamar de “laboratório” “o local destinado a observação dessa dialética?” (DIDI-

HUBERMAN, 2013, p. 399). Didi-Huberman propõe a adoção de um protocolo “experimental”, que pode funcionar na estrutura de uma biblioteca, arquivo ou qualquer outro recurso que organiza o saber por meio da ciência: “Era preciso mostrar que os fluxos são feitos apenas de tensões, que os feixes amontoados acabam explodindo, mas também que as diferenças desenham configurações e que as dessemelhanças criam [...] coerência (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 399). Por isso a relevância da circularidade entre culturas: apesar de suas discrepâncias é possível alcançar pontos de convergência. E, exatamente nesse instante, “o momento coerente” é que Didi-Huberman denomina como Montagem:

A montagem - pelo menos no sentido que nos interessa aqui - não é a criação artificial de uma continuidade temporal a partir de “planos” descontínuos, dispostos em sequências. Ao contrário, é um modo de *expor visualmente as descontinuidades do tempo* que atuam em todas as sequências da história. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 400)

Assim, a montagem cumpria seu papel criativo, utilizando-se de ferramentas “conotativas” como o atlas, que aumentava as possibilidades dos pensadores, ao organizarem suas ideias segundo uma orientação mais rica em conhecimento. Domenico Scandella buscava em suas leituras, vivências e agrupamentos de suas ideias a instauração de um novo pensamento.

2.2 O queijo e os vermes e a montagem

O livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, é significativo porque Ginzburg estuda a história de um agente popular, participativo e corajoso. Com o seu pensamento, ele acredita que pode melhorar sua vida, de sua família, além de outros camponeses e seguidores da igreja que passavam por muitas dificuldades financeiras. Foram trabalhados ao longo deste texto os trinta capítulos iniciais que resgatam mais fidedignamente a realização do trabalho desse moleiro numa lógica da Montagem, aquela que une e proporciona interação entre os agentes de uma arte, História ou outras concepções.

O 1º capítulo do livro de Ginzburg é denominado *Menocchio* e nele o historiador apresenta Domenico Scandella. Há um destaque para sua personalidade forte e que tende a defender sempre sua opinião:

Chamava-se Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Nascera em 1532 (quando do primeiro processo declarou ter 52 anos), em Montereale, uma pequena aldeia nas colinas do Friuli, a 25 quilômetros de Pordenone, bem protegida pelas montanhas. Viveu sempre ali, exceto dois anos de desterro após uma briga (1564-65), transcorridos em Arba, uma vila não muito distante, e numa localidade não precisada da Carnia. Era casado e tinha sete filhos; outros quatro haviam morrido. Declarou ao cônego Giambattista Maro, vigário-geral do inquisidor de Aquileia e Concordia, que sua atividade era "de moleiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro e outras coisas". Mas era principalmente moleiro; usava as vestimentas tradicionais de moleiro – veste, capa e capuz de lã branca. E foi assim, vestido de branco, que se apresentou para o julgamento. (GINZBURG, 2006, p. 31)

Suas ideias não dependiam da afirmação clerical, mas sim de seu lugar de afirmação, a cultura popular; assim como as constelações estão para os planetas na explicação da montagem, conforme o excerto abaixo:

As ideias são para as coisas o que as constelações são para os planetas. Isso significa primeiro o seguinte: elas não são nem o conceito nem a lei das coisas. Em consequência, elas não ganham sentido de suas *posições* respectivas, maneira de dizer que elas não dependem nem da universalidade nem da razão classificatória, mas sim de seu lugar afirmado na *montagem* dada. (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 120)

Portanto, “dialética e montagem são indissociáveis nessa desconstrução do historicismo” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 120) também na história de Menocchio, pois o moleiro desconstrói o olhar tipicamente clerical acerca das coisas. Em *O queijo e os vermes*, é possível observar a figura de Menocchio como um suposto ingênuo, que ao final do processo é visto pela igreja como um autêntico influenciador de seu pensamento inédito. Em pleno século XVI esse sujeito foi muito perseguido pela Inquisição, por disseminar ideias de natureza anticlerical e de tendência humanista.

Num primeiro momento, não acreditavam que essas ideias fossem suas. No 11º capítulo, “Opiniões... saíram da minha própria cabeça”, ainda é discutido de quem são as ideias e qual foi a inspiração que motivou esse homem. Segundo Ginzburg, o moleiro chegou a declarar: “O diabo ou outra coisa qualquer me tentava” (GINZBURG, 2006, p.

65). Esse era um jeito de Menocchio se isentar um pouco de tanta perseguição, porém não abria mão de sua opinião e indicava livros.

Considerado um multiculturalista de um período ainda muito marcado pelos preceitos medievais, Domenico Scandella como também era conhecido o moleiro, tinha a necessidade de denunciar as injustiças sociais cometidas naquele período histórico, entregava principalmente as mazelas cometidas pela igreja, no que diz respeito à exploração e ausência de ajuda para com os mais humildes daquela sociedade, por exemplo, os camponeses. Esse homem do povo buscava em sua memória lembranças de saberes adquiridos, a partir da leitura de vários livros. Os que foram mencionados no primeiro processo e no segundo são os seguintes:

1. a Bíblia em língua vulgar, ‘a maior parte em letras vermelhas’ (trata-se de uma edição não identificada);
2. *Il Fioretto della Bibbia* (tradução de uma crônica medieval catalã que misturava fontes diversas, entre as quais, além da Vulgata, naturalmente, o *Chronicon*, de Isidoro, o *Elucidarium*, de Honório d’Autun, e um respeitável número de evangelhos apócrifos; essa obra, que teve grande circulação manuscrita entre os séculos XIV e XV, possui cerca de vinte edições conhecidas com vários títulos – *Fioretto della Bibbia*, *Fiore di tutta la Bibbia*, *Fiore novello* – reimpressos até meados do século XVI);
3. *Il Lucidario* (ou *Rosario?*) *della Madonna* (que pode ser identificado com o *Rosario della gloriosa Vergine Maria*, do dominicano Alberto da Castello, também reimpresso muitas vezes no decorrer do século XVI);
4. *Il Lucendario* (sic, por *Legendario*) *de santi* (tradução da bastante difundida *Legenda aurea*, de Jacopo da Varagine, organizada por Niccolò Malermi, com o título *Legendario delle vite de tutti li santi*);
5. *História del Giudicio* (trata-se de um poeminha anônimo do século XV, em oitavas, que circulava em muitas versões, de tamanho variável);
6. *Il cavallier Zuanne de Mandavilla* (tradução italiana, reimpressa muitas vezes até o final do século XVI, do famoso livro de viagem, escrito em meados do século XIV e atribuído a um fantasmagórico sir John Mandeville);
7. ‘um livro que se chamava *Zampollo*’ (na verdade, *Il sogno dil Caravia*, impresso em Veneza em 1541).

A esses títulos devemos acrescentar os citados durante o segundo processo:

8. *II Supplimento delle cronache* (trata-se da tradução em vulgar da crônica escrita em fins do século XV pelo ermitão bergamasco Jacopo Filippo Foresti, várias vezes reimpressa, com atualizações até o final do século XVI, que saía com o título *Supplementum supplementi delle croniche...*);

9. *Lunario al modo di Italia calculato composto nella città di Pesaro dal eccmo dottore Marino Camilo de Leonardis* (também do *Lunario* são conhecidas inúmeras reimpressões);

10 *Decameron*, de Boccaccio, em edição não censurada;

11. um livro sem maiores identificações que um dos testemunhos, como vimos, supôs ser o Alcorão (em 1547, sai em Veneza uma tradução italiana). (GINZBURG, 2006, p. 68).

E a partir dessas leituras o principal personagem do livro traçava uma linha de pensamento, com tendência bem renascentista, pois realizava contestações lógicas e científicas, que muitas vezes rivalizavam com a perspectiva clerical da igreja. Uma das indagações se refere a não crença à virgindade de Maria mãe de Jesus; o moleiro indagava “como pode uma mulher passar por um processo de parto e continuar virgem?”.

No 16º capítulo, intitulado “O templo das virgens”, explica-se sobre esse espaço, que era conhecido por ser uma espécie de espaço preparatório de mulheres, antes do casamento. Maria mãe de Jesus, segundo o moleiro, era chamada de “Virgem Maria” exatamente por ter frequentado esse local, e não pela concepção da Igreja Católica de ter sido escolhida, por meio de um milagre do Divino Espírito Santo. Segundo Ginzburg o moleiro tinha lido essa informação no livro *Lucidario dela Madonna*, como pode ser observado na citação abaixo:

Esse livro, que em outra situação disse ser o *Rosario*, tem grande probabilidade de ser o *Rosario dela gloriosa Vergine Maria*, do dominicano Alberto da Castello. Nele pudera ler: “Contempla aqui, alma fervorosa, como, depois de oferecer o sacrifício a Deus e ao sacerdote, são Joaquim e sant’Ana deixaram sua dulcíssima filhinha no templo de Deus, onde deveria ser preparada com as outras virgens, que eram oferecidas a Deus. Nesse lugar, ela vivia em contemplação das coisas divinas, em sublime devoção, e era visitada pelos santos anjos, sendo sua rainha e imperatriz, sempre em oração” (GINZBURG, 2006, p. 73).

Esse tema também está presente no capítulo 3º, o qual corresponde ao primeiro interrogatório em que o moleiro questionava se Maria era virgem ou não, porém alegava que não forçou ninguém a acreditar nessas ideias, falava da força de Deus, mas também

expôs “sua singularíssima cosmogonia, da qual o Santo Ofício já ouvira comentários confusos” (GINZBURG, 2006, p. 36), conforme citação abaixo:

Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, ele também criado daquela massa, naquele mesmo momento, e foi feito senhor com quatro capitães: Lúcifer, Miguel, Gabriel e Rafael (GINZBURG, 2006, p. 95).

Como pode ser observado na citação acima, o pensamento de Menocchio era bem criativo, pois compara a criação do mundo com o preparo de um queijo, assim como a lógica do Atlas Mnemósine, um “atlas de imagens que seria, mais exatamente, o compêndio visual de uma memória inquieta *transformada em saber*, seja no plano do pensamento histórico, da atividade artística...” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 263).

E essa arte na lógica do Atlas Mnemósine se realizava por meio das pranchas de Warburg, que lhe possibilitam novas abordagens: conforme se organiza uma seleção de imagens, ao final do processo, alcança-se determinada conclusão, que se realiza na abordagem cultural:

Poderíamos legitimamente entender o atlas Mnémósine como um instrumento para recolha ou a “amostragem”, por meio de imagens, do grande caos da história. Em suma, através das *pranchas* negras do atlas consteladas de figuras de todos os gêneros, tratar-se ia de criar *planos* de inteligibilidade capazes de operar determinados “cortes do caos”, com vista a constituir uma espécie de arqueologia ou “geologia cultural” que torne aparente a imanência histórica das imagens. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 157)

Os “cortes do caos” representam o itinerário em busca da arqueologia, responsável por fazer entender as danças, comidas, religiões, enfim, toda a estrutura de itens que correspondem ao conceito de Cultura. Didi-Huberman (2003) revela esse objeto, o Atlas, como um objeto que contém muitos cortes do caos, entretanto, assim como o queijo, também resulta de um “caos” de ingredientes em putrefação, no pensamento do moleiro, resultará na formação do mundo.

Assim, esse personagem transitava entre o seu mundo, tipicamente popular, e o mundo erudito e clerical que era para ele algo novo, mas não uma verdade universal. Se lhe fosse permitido unir pelo menos um pouco dessas duas culturas, teria inúmeras

novidades em saberes. De forma semelhante Warburg esticava suas molas, e dispunha seu acervo, de forma que nascia dessa organização mais interpretações, multiplicando a possibilidade de saberes.

A importância do “olhar” da montagem de Didi-Huberman acerca da disposição dos saberes pode elucidar as discussões que aqui se propõem. A citação de Maristela Muller (2018) auxilia nessa elucidação:

Para adentrar no complexo mundo da montagem necessita-se recorrer à imagem, à arte e à história da arte que foi contada e recontada cronologicamente a maior parte do tempo. Para falar de conhecimento por montagem extrapola-se o tempo cronológico, a visualidade e o espaço para perceber outras possibilidades de olhar a arte, objetos e situações. Não mais cronologicamente, mas anacronicamente, em uma “arqueologia crítica” (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 35), em um encontro e confronto heterogêneo entre imagens, objetos, saberes e reflexões que problematizam a perspectiva estritamente historiográfica da arte (MULLER, 2018, p. 13).

Em o *Queijo e os vermes*, de acordo com a análise que Ginzburg realiza, pode-se pensar que Domenico Scandella “monta” um pensamento por meio da variada leitura que faz, o que não era aceito pela sociedade da época. Os caminhos os quais um saber tende a enfrentar com o objetivo de se afirmar são vários. Questões ideológicas, religiosas, políticas e econômicas contribuem para ele se sobressair ou até mesmo conviver com outros saberes. A montagem é como um jogo de encaixe, que precisa ser reunido, isto é, uma união das diferentes peças que almeja alcançar uma imagem (neste caso, uma imagem pensativa – aquela que mostra uma intenção ou reflexão), a que o espectador não passa indiferente. Segundo Jacques Rancière a expressão “imagem pensativa” não é intuitiva.

Em geral, o que qualificamos de pensativos são os indivíduos. Esse adjetivo designa um estado singular: quem está pensativo está “cheio de pensamentos”, mas isso não quer dizer que os pensa [...]. Não se supõe que uma imagem pense. Supõe-se que ela é apenas objeto de pensamento (RANCIÈRE, 2012, p. 103).

E diante das imagens formadas em *O queijo e os vermes*, é possível perceber a montagem, exercendo um trabalho de conexão, do pensamento que prevalecia naquele contexto, tipicamente clerical e erudito, num processo de circularidade com o pensamento diferente e de origem popular do principal personagem dessa obra, processo

esse reconhecido como “Circularidade Cultural” por Ginzburg, conforme excerto abaixo:

Em consequência, uma investigação que, no início, girava em torno de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo aparentemente fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular – e, mais precisamente, sobre a cultura camponesa – da Europa pré-industrial [...]. Pode-se ligar essa hipótese àquilo que já foi proposto, em termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo, “circularidade”: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo. (GINZBURG, 2006, p. 16)

O pensamento de Menocchio não se encerrava na concepção clerical, imposta pelo estamento vigente daquele século XVI, e sim apresentava novas narrações; uma dentre várias era a questão do evangelho, não acreditava naquelas palavras. “Para Menocchio, os Evangelhos, com suas discordâncias, estavam também distantes da simplicidade e brevidade da palavra de Deus: “A respeito das coisas dos Evangelhos, acho que parte delas é verdadeira e noutra os evangelistas puseram coisas da cabeça deles” (GINZBURG, 2006, p. 44). Desta maneira uma nova versão surgia desse representante popular, talvez, não mais a palavra sagrada seria a única a prosperar naquele ambiente medieval, por isso foi tão perseguido pela inquisição e essa multiplicidade de versões pode ser justificada no entendimento do atlas warburgiano, conforme o excerto abaixo:

O atlas warburgiano objetiva possibilitar narrativas. Para além de um trabalho de síntese, o atlas é, antes de mais nada, um *working process*, um meio, um processo em constante realização feito sobre uma mesa, um suporte, em que arranjos, montagens e colocações são estabelecidos conforme os objetos disponibilizados. Como resultado, sempre leituras distintas. Assim, o atlas passa a ser encarado por mim não mais como um objeto-produto, mas como um meio, uma ferramenta, um modo de ver e compreender, um dispositivo motriz (JACQUES, 2018, p. 57-58).

A montagem nesse contexto é muito relevante, pois através dela as relações acontecem, os desencontros surgem e a possibilidade de convivência dos diferentes, isto é, letrados e não letrados, pode acontecer, dependendo do contexto histórico. “Desse somatório entre a estética e o saber, o atlas surge como um método sem limites, sem

certezas preestabelecidas, ‘como uma teoria do conhecimento exposta ao perigo do sensível e a uma estética exposta ao perigo da disparidade⁹’” (JACQUES, 2018, p. 58-59).

Disparidades porque realiza o encontro da diversidade – popular, erudito, científico, religioso e ficcional. Para o principal personagem do livro *O queijo e os vermes*, a partir de leituras como o capítulo IV do *Fioretto*, é possível entender, por exemplo, “Como Deus criou o homem a partir dos quatro elementos” (GINZBURG, 2006, p. 96). “Menocchio explicava que segundo seu pensamento e crença tudo era um caos” (GINZBURG, 2006, p. 97). Conforme citação abaixo:

[...] e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os outros, anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, *ele também criado daquela massa, naquele mesmo momento...*”. Aparentemente, ao passar de boca em boca, o discurso de Menocchio havia sido simplificado e distorcido. Uma palavra difícil como “caos” desaparecera, sendo substituída por uma variante mais ortodoxa (“No princípio este mundo era nada”). A sequência queijo-vermes-anjos-santíssima majestade-Deus, o mais potente dos anjos-homens, tinha sido reduzida, durante a trajetória, a outra, queijo-vermes-homens-Deus, o mais potente dos homens. (GINZBURG, 2006, p. 97)

Essa sequência demonstra bem o trabalho da montagem, o modo como ela opera no pensamento desse moleiro, mas também como operava no pensamento de Aby Warburg, com as pranchas do “Atlas Mnemosyne”. Segundo Muller (2018), conforme excerto abaixo:

[...] a montagem envolve arte, história, anacronismos, aproximações e conflitos entre imagens, possibilidades de conhecer através da montagem de tempos heterogêneos que se cruzam. Didi-Huberman e Warburg buscam vestígios, sintomas, um “saber montagem” que recusa esquemas evolutivos, mas sim uma história da arte anacrônica em meio a elementos destoantes. (MULLER, 2018, p. 17)

Na história de Ginzburg os “elementos destoantes” são circunstanciais na medida em que se repetem, quando o moleiro faz diferente, isto é, pensa o que a sociedade medieval não desejaria que fosse falado, enfrenta a oposição e às vezes volta

9 DIDI-HUBERMAN, 2013, p.12.

atrás para não ser liquidado totalmente, como uma estratégia de retomar seu pensamento. O tempo também é uma constância privilegiada para a análise da montagem nessa pesquisa, quando uma realidade medieval, extremamente tradicionalista e de caráter estamental, “cruza” com um pensamento inovador, oriundo de um representante do povo, conforme explica melhor a citação abaixo:

Didi-Huberman é um estudioso de Warburg. Através de seus trabalhos, também percebe a possibilidade de compreender uma história da arte na qual a imagem escapa à historicidade e é atravessada pelo elemento anacrônico. Por mais que Didi-Huberman (2008, p. 31) tenha a consciência de que diante de uma imagem estamos diante do tempo, do mesmo modo, ocorrem paradoxos inexplicáveis, já que no anacronismo quase não existe a concordância de tempos, pois atravessa todas as contemporaneidades. (MULLER, 2018, p. 14-15)

Por isso o moleiro é um sujeito à frente de seu tempo; apesar de estar situado num período ainda muito marcado pelos preceitos medievais, não se prendia a parâmetros estamentais, dava liberdade ao seu pensamento, arriscava e não tinha medo de ser diferente; sua forma de agir tende a contribuir para que movimentos como a Reforma e a imprensa cresçam, principalmente quando outros sujeitos populares seguem o seu exemplo.

A palavra historicidade está ligada à realidade histórica de pessoas e eventos, principalmente a do moleiro que, apesar de pertencer a um período medieval, apresentava ideias bastante atuais para aquele contexto histórico. Um evento explica de certa forma essa audácia do moleiro, a Reforma Protestante, conforme excerto abaixo:

Dois grandes eventos históricos tornaram possível um caso como o de Menocchio: a invenção da imprensa e a Reforma. A imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras para organizar o amontoado de ideias e fantasias que nele conviviam. A Reforma lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores – mesmo não tendo conseguido dizer tudo diante do papa, dos cardeais e dos príncipes, como queria [...]. Mas a convergência entre as aspirações de uma parte da alta cultura e as da cultura popular já tinha sido declarada de maneira definitiva mais de meio século antes do processo de Menocchio quando Lutero condenara com ferocidade os camponeses em revolta e suas reivindicações. (GINZBURG, 2006, p. 25-26)

Essa discussão se encontra presente no capítulo 28º, “O monopólio do saber”, onde há uma discussão sobre o que possibilitou a um simples moleiro expressar suas ideias, primeiro a Reforma depois a Imprensa. A primeira possibilitou que ele expressasse sua “cultura *diversa*” e a segunda pôs a disposição um maior vocabulário de palavras para que pudesse criar sua cosmogonia. Neste texto também é retomada a denúncia do Latim, como uma língua usada principalmente para enganar os mais pobres. Com a Contrarreforma as minorias foram ainda mais reprimidas, “[...] e o próprio Menocchio foi queimado” (GINZBURG, 2006, p. 26). Nesse contexto da era Medieval era muito difícil ter um pensamento diferente, afinal, o controle dos estamentos era estabelecido por meio da obediência de seus integrantes.

A Inquisição representa o principal obstáculo para a concretização do objetivo de Menocchio; de natureza perseguidora ela tenta calar o moleiro e um dos instrumentos utilizados pela mesma corresponde à violência, que pode ser tanto psicológica quanto física. Nesse estudo predominará o olhar sobre a inquisição italiana, Segundo Francisco Bethencourt, “As Inquisições são estudadas geralmente não como um problema, mas como um tema consagrado de pesquisa”. De acordo com esse estudioso as inquisições correspondem a:

Um tema que se justifica por si próprio, permitindo todos os cortes espaço-temporais e todas as apropriações discursivas. Assim os tribunais da fé costumam ser ‘explorados’ na escala da aldeia, da cidade ou da região; eles são seccionados por períodos limitados, em função de ritmos repressivos, de acontecimentos políticos institucionais ou mesmo da dimensão das séries documentais; eles figuram como cenário sugestivo para o estudo da Cultura ou da religião “populares”. (BETHENCOURT, 2004, p. 9)

Para os inquisidores era improvável que Menocchio formulasse aquelas ideias, acerca da Ciência e sua Cosmogonia; como poderia um sujeito, com tão modestas condições financeiras e sem formação acadêmica, conseguir refletir seu cotidiano a partir da leitura de alguns livros?

Perguntou-se às testemunhas se Menocchio “falara sério ou brincando ou se imitara alguém”; pediu-se a Menocchio que revelasse os nomes dos “companheiros”. Porém em ambos os casos a resposta foi negativa. Menocchio, em particular, declarou resolutamente: “Senhor, nunca encontrei alguém que tivesse essas opiniões. As minhas opiniões saíram da minha própria cabeça”. (GINZBURG, 2006, p. 57)

De acordo com a citação acima, o moleiro não era levado a sério, os envolvidos nessa história, principalmente representantes de setores abastados daquele período, não acreditavam na capacidade dos agentes populares. Para os representantes da cultura erudita o saber só “brotava” a partir de indivíduos letrados oriundos da nobreza ou próximo a ela.

No 10º capítulo, “Um moleiro, um pintor, um bufão”, é atribuído esse tom de dúvida já no título, pois os inquisidores questionavam se realmente seria Menocchio o responsável por formular as ideias inéditas que se espalhavam naquele vilarejo, se seria ele mesmo o detentor de tais pensamentos. Afinal essa era uma sociedade conservadora, denominada no 7º capítulo como “Uma sociedade arcaica”, que duvidava de que um sujeito simples exprimia suas ideias naquele período. Segundo Ginzburg “o Friuli da segunda metade do século XVI era uma sociedade com características profundamente arcaicas. As grandes famílias da nobreza feudal ainda preponderavam na região (GINZBURG, 2006, p. 46). O aspecto tradicionalista era forte, apesar da economia friulana se encontrar em avançada decomposição.

E para colaborar no controle, junto a essa sociedade tinha a Inquisição italiana, que também fazia parte desse grupo de poder. Com relação aos seus tribunais da fé, segundo Bethencourt (2004) “as inquisições são [...] referidas no singular. Essa tradição exprime uma realidade: os diferentes tribunais da fé têm como fonte comum de legitimidade a delegação de poderes feita pelo papa [...]” (BETHENCOURT, 2004, p. 10). Assim constituíam um grupo preparado para a perseguição das supostas heresias, cometidas por “inofensivos” homens, como Menocchio.

Sua maior heresia era denunciar a opressão dos ricos contra os pobres, principalmente aquelas provocadas pelo Clero. Segundo Ginzburg (2006), “o discurso de Menocchio, embora partisse de seu caso pessoal, acabava por abarcar um âmbito muito mais vasto” que envolvia a igreja (GINZBURG, 2006, p. 41), conforme excerto abaixo:

A exigência de uma Igreja que abandonasse seus privilégios, que se fizesse pobre com os pobres, ligava-se à formulação, na esteira dos Evangelhos, de um conceito diferente de religião, livre de exigências dogmáticas, resumível a um núcleo de preceitos práticos: “Gostaria que se acreditasse na majestade de Deus, que fôssemos homens de bem e que se fizesse como Jesus Cristo recomendou, respondendo àqueles judeus que lhe perguntaram que lei se deveria seguir. Ele respondeu: “Amar a Deus e ao próximo””. Uma tal religião

simplificada não admitia, para Menocchio, limitações confessionais. (GINZBURG, 2006, p. 41)

Assim, esse personagem esperava a justiça humana, não importasse o estamento; quando isso não acontecia, ficava furioso e tentava combater a exploração através da fala (denúncia), mesmo diante da inexistência de um grupo que pudesse atendê-lo. Então exclamava: “E vocês, padres e frades, querem saber mais do que Deus; são como o demônio, querem passar por deuses na terra, saber tanto quanto Deus da mesma maneira que o demônio.” (GINZBURG, 2006, p.42). No entanto, a Igreja era considerada uma das instituições mais poderosas, pois tinha uma tradição forte relacionada às regras da sociedade, isto é, “o bom viver”, a maneira ideal de conduta de cada indivíduo, aquele que não acatasse essas regras seria banido e julgado. Algumas destas normas de conduta estão presentes no excerto abaixo:

A Religião sempre marcou profundamente a sociedade com suas normas, orientações e formas de organização. Com isso, havia fortes implicações em âmbitos diversos, a saber: no plano político a religião serve como instrumento político a serviço da identidade nacional, de unificação, de fortalecimento do patriotismo; no plano educativo a religião instrui, constitui meio de paz social e de freios às paixões, compelindo o homem à moralidade e à boa conduta. (SILVA *et al.*, 2011, p. 62)

O moleiro foi preso em Roma por quase dois anos no Cárcere da Concórdia; diferentemente de suas declarações anteriores, em um momento ele se mostrou arrependido, segundo Ginzburg orientado por um advogado e em função do sofrimento de sua família. “Em 18 de janeiro de 1586, Ziannuto, seu filho, apresentou, em nome dos irmãos e da mãe, uma súplica ao bispo Matteo Sanudo e ao inquisidor de Aquileia e Concordia, que era então o frade Evangelista Peleo” (Ginzburg, 2006, p. 149). No entanto essa era uma tarefa bem difícil, ciente de que segundo Bethencourt (2004) “o alvo da nova organização do Santo ofício estava pautado na eliminação da heresia”, justamente o que mais tinha praticado o moleiro, conforme melhor explica a citação abaixo:

A Inquisição romana não foi objeto de uma verdadeira refundação, mas sim de uma reorganização, em 4 de julho de 1542, através da bula *Licet ab initi*. Ao contrário dos motivos invocados para o estabelecimento das inquisições na Espanha e em Portugal, onde a difusão do judaísmo justificava a organização do tribunal, aqui era a heresia protestante, o alvo da nova configuração do “Santo Ofício”.

No preâmbulo da constituição papal, encontramos explicitadas as seguintes motivações: o desejo de conservar a pureza da fé contra a heresia; a paralisia das instituições de controle devido às expectativas de abjuração e de regresso dos hereges à Igreja católica. (BETHENCOURT, 2004, p. 27)

Uma das heresias cometidas pelo moleiro foi a condenação dos sacramentos, ao colocar incertezas quanto à veracidade dos mesmos, ao questionar a exploração de papas, cardeais e padres para com os mais pobres. Segundo Menocchio ‘não existe diferença alguma entre clérigos e leigos: o sacramento da ordenação é uma ‘mercadoria’’. Assim como todos os outros sacramentos e Leis da Igreja [...] graças a elas os padres engordam (GINZBURG, 2006, p. 51).

Ainda na intenção de tentar libertar o moleiro, no capítulo 2º, “A aldeia”, pessoas deram o conselho para que Menocchio não fosse falando tão direto suas ideias, consideradas heréticas. “Giovanni Povoledo, dirigindo-se ao vigário-geral, arriscou uma definição, embora genérica: Tem má fama e tem opiniões erradas, como aquelas da seita de Lutero” (GINZBURG, 2006, p. 33). Aquilo que era diferente era considerado um erro.

Segundo C. Silva (2011), “a partir do ano 1000, pulularam heresias ligadas aos dogmas [...], seja da parte dos populares, seja dos eruditos, num clima de choque entre as tendências de clericalização e de laicização da Igreja” (SILVA *et al.*, 2011, p. 64). Um embate recorrente, pois durante o processo de educação a Ciência laica, tipicamente experimental, põe a prova muitos costumes do Clero, o que provocou recorrentes conflitos.

O 6º capítulo da obra de Ginzburg, “Falar muito contra os superiores”, inicia-se com uma denúncia de opressão dos ricos contra os mais pobres através da utilização do Latim nos tribunais; com isso as pessoas que desconheciam esse idioma eram facilmente enganadas. Menocchio entendia que o uso de uma língua não popular era proposital com o objetivo de impedir a reflexão da maioria da população medieval.

Diante desse poderio e controle da Igreja, como um simples moleiro poderia contestar a visão de tal instituição, suprema e tradicional, além de tentar combater as injustiças sociais nessa realidade, tão presentes nos aglomerados populares daquele século XVI? Esse era um dos objetivos do moleiro, que constantemente denunciava alguns integrantes da igreja, que segundo ele eram “hipócritas”, isto é, aproveitavam da ignorância das massas para manter e perpetuar o poder em suas mãos. Essa

observação pode ser vista no emprego do latim, que segundo ele estava carregado de má-fé, conforme se expõe no excerto a seguir:

Não se limitou, portanto, a denunciar a “traição dos pobres” pelo uso de uma língua burocrática (e sacerdotal) como o latim. O horizonte de sua polêmica era mais amplo. “O que é que você pensa, os inquisidores não querem que nós saibamos o que eles sabem”. (GINZBURG, 2016, p. 105)

Pelo contrário, Igreja e Política sabiam muito bem de seus interesses e ambições, “caminhavam juntas” e pertenciam a uma mesma condição estamental, eram “os donos do poder” e unidos conseguiam controlar ainda mais as massas, tornando-as mais homogêneas:

Diante das grandes desordens causadas pelas heresias e da pressão popular ante a elas, o papa insistia com os príncipes em remediar os males. O princípio político era de unir o Direito Penal à religião, a fim de cimentar a nação num todo coeso e uniforme. Busca-se, através de uma fé comum, unificar o povo e fortalecer-lhe o patriotismo. A religião se converteu em instrumento político a serviço da identidade nacional. (SILVA, 2011, p. 69)

Identidade essa que buscava um diálogo, e para os poderosos, Religião e Política, não havia espaço para outra cultura que não a erudita; a voz do moleiro aí se destaca, pois através do diálogo apresenta sua visão de mundo. Segundo José Luiz Fiorin, a partir do pensamento de Mikhail Bakhtin, essa identidade nacional corresponde exatamente “a um discurso e, por isso, ela, como qualquer outro discurso, é constituída dialogicamente” (FIORIN, 2009, p. 117). O dialogismo é desenvolvido por Bakhtin em seu livro *Estética da Criação Verbal*, um conceito que se aproxima da “circularidade cultural”, também desenvolvida por ele e já citada no início desse capítulo; os dois conceitos convergem para um mesmo princípio útil a essa pesquisa, “o influxo da cultura popular com a erudita” (GINZBURG, 2006, p. 10) que se concretiza por meio das ações de um sujeito ativo, Menocchio, o principal personagem do livro analisado neste trabalho. E nessa perspectiva, os livros lidos por esse indivíduo, então, representam a face letrada desse processo, enquanto o aspecto popular da vida desse homem corresponde a um viés de cultura oral, que corresponderia ao “olhar” inovador do moleiro. Segundo Fiorin, essa identidade:

É construída, dialogicamente, a partir de uma autodescrição da cultura. Dois grandes princípios regem as culturas: o da exclusão e o da participação. Com base neles, elas autodescrevem-se como culturas da mistura ou da triagem. (FIORIN, 2009, p. 115)

Há capítulos na obra de Ginzburg que retratam bem esses aspectos citados acima, como o 25º capítulo, “O Caos”, no qual volta a ser discutida a cosmogonia de Menocchio, que se afasta da concepção ortodoxa (princípio da exclusão), representando o cruzamento da cultura escrita com a oral, esta última por meio do livro *Fioretto della Bibbia*. Enfim, a concepção sobre a criação do mundo, ao passar de grupo em grupo, aparece de diferentes maneiras:

Partindo da ideia de harmonizar a Bíblia com Ovídio, Foresti acabou por expor uma cosmogonia mais ovidiana que bíblica. A concepção de um caos primordial, de “grande e indigesta matéria”, atingiu profundamente Menocchio. Daí ele extraiu, depois de muito pensar, “as outras coisas [...] sobre o caos [...] da sua própria cabeça”. Menocchio tentou comunicar essas “coisas” aos seus conterrâneos: “Eu ouvi ele dizer que no princípio este mundo era nada, que a água do mar foi batida como a espuma e se coagulou como o queijo, do qual nasceu uma infinidade de vermes; esses vermes se tornaram homens, dos quais o mais potente e sábio foi Deus e os outros lhe dedicaram obediência”. (GINZBURG, 2006, p. 96-97)

E no final dessa parte é informada a confusão em que o inquisidor se encontrou. O capítulo 26º, intitulado “Diálogo”, descreve um interrogatório entre o inquisidor e o moleiro em que eles discutem sobre o Espírito Santo, e quem criou o mundo. Há uma tentativa de esclarecer essa confusão dos “donos do poder” daquele período ainda muito marcado pelos preceitos medievais. Também um momento de construção a partir do “dialogismo” que ora exclui, ora participa, mas não elimina o resultado final, a construção de uma nova ideologia, a partir do pensamento do moleiro.

No capítulo 27º, “Queijos místicos e queijos reais”, são tratadas novamente as versões com base na cosmogonia do moleiro, e Ginzburg destaca que esse personagem “[...] estava reproduzindo, sem saber, mitos antiquíssimos, remotos. Num mito indiano, mencionado já nos *Veda*, a origem do cosmo é explicada pela coagulação semelhante à do leite [...] (GINZBURG, 2006, p.102-103). É salientado o fato de a cosmogonia de Menocchio se caracterizar por meio de uma “transmissão oral”, além de adquirir fortes traços resultantes do encontro de diferentes leituras através das “migrações culturais” (GINZBURG, 2006, p. 103).

Diferente desse traço popular, a cultura letrada não admitia muita miscigenação, identificada como uma manifestação fixa e tradicional, de natureza conservadora; é muito preservada como parte da própria História da Humanidade. Tanto é que as grades de conteúdo acadêmico são tipicamente francesas, com forte herança europeia. Dessa forma não poderia ser diferente, respeitando essa tradição de uma cultura imaterial e primogênita. A cultura erudita segue apresentando formas ideais de Arte, História e até regras de comportamento, semelhantes às normas de conduta estabelecidas pela Igreja, e parâmetros considerados modelos de virtude para qualquer sociedade, sempre bem informados; um desses recursos se encontrava nos códigos de comportamento, que traziam o ensinamento das classificadas “Boas Maneiras”, isto é, a aprendizagem do controle dos extintos, um aspecto nada familiar a Menocchio, que de certa forma representava uma ameaça àquela sociedade tipicamente clerical voltada ao controle estamental, conforme excerto abaixo:

Até a Idade Média as principais normas de conduta chegavam às pessoas através de pequenas trovas ou provérbios fáceis de memorizar. Explorando esse gênero, alguns tratados manuscritos faziam referências sobre a arte da convivência. De acordo com Margaret Visser: “Os livros medievais sobre boas maneiras, primeiro em latim e, mais tarde, em italiano, francês, alemão e outros idiomas vernáculos, eram melodias simples e versos rimados, escritos para serem facilmente memorizados. É preciso lembrar que antes do advento da imprensa os livros eram bastante raros e caros, dificultando a sua aquisição. (PILLA, 2003, p.119-120)

Mesmo diante de tanta oposição e dificuldade para adquirir livros, entre outros obstáculos, o moleiro se entusiasmava, pois era a primeira vez que tinha contato direto com os representantes letrados; apesar de sofrer perseguição e discriminação, não desistia do seu ideal. Sua personalidade atuante lhe permitia alçar grandes voos, apesar de sua solidão. Ginzburg afirma já de início “que o seu moleiro é um personagem singular, não representativo” (GINZBURG, 2006, p. 193). Uma característica comum a muitos pensadores, o fato de estar sozinho propicia mais tempo para pensar e analisar outras opiniões.

Entretanto, seus filhos, mesmo contrariados com o risco em que o pai os colocava, não desistiam dele, e como descreve o 5º capítulo, “De Concórdia a Portogruaro”, um dos filhos do moleiro tenta de toda forma libertar seu pai. “[...] Ziannuto tentara socorrê-lo de várias maneiras: procurou um advogado, um tal de

Trappola, de Portogruaro; esteve em Serravalle para falar com o inquisidor; obteve da prefeitura de Montereale uma declaração a favor do prisioneiro [...] (Ginzburg, 2006, p. 38). Depois começou a falar da fé, na expectativa de se libertar. Menocchio era um pensador ativo, forte, que enfrentava os obstáculos e nesse processo de reflexão “o importante não é o que Menocchio leu ou recebeu – é como leu, é o que fez de suas experiências; o que diminui a distância que se costuma propor [...] entre uma postura passiva e outra ativa diante do conhecimento (GINZBURG, 2006, p. 194).

No 4º capítulo, intitulado “Possesso”, Ginzburg conta como Menocchio foi julgado como louco, devido a essas suas diferentes argumentações em relação à Igreja e à sociedade medieval; era um inquérito preliminar, um dos filhos queria defender essa hipótese da loucura, com o objetivo de isentar o seu pai de tais acusações, porém, não foi aceita, e o processo continuou. Nesse momento em que o moleiro era julgado como louco, além de ser muito perseguido, foi considerado um sujeito bem persistente e não aceitava ser silenciado. Continuava montando seu pensamento. No excerto a seguir segue uma demonstração sobre esse “olhar” acerca de Menocchio.

Durante o inquérito preliminar, diante das estranhas opiniões referidas pelas testemunhas, o vigário-geral perguntara primeiramente se Menocchio estava falando “sério” ou “brincando”; em seguida, se era são de mente. Em ambos os casos a resposta foi muito clara: Menocchio estava falando “sério” e “dentro de sua razão [...] não estava louco”. Depois de já iniciado o interrogatório, um dos filhos de Menocchio, Ziannuto, por sugestão de alguns amigos do pai (Sebastiano Sebenico e um não identificado Lunardo), espalhou pela cidade o boato de que o pai era “louco” ou “possesso”. Mas o vigário não lhe deu atenção e o processo continuou. Pensou-se em liquidar as opiniões de Menocchio, em especial sua cosmogonia, fazendo-as passar por um amontoado de extravagâncias ímpias porém inócuas (o queijo, o leite, os vermes-anjos, o Deus-anjo criado do caos), mas tal ideia foi abandonada. (GINZBURG, 2006, p. 37-38)

Menocchio dizia que o mundo surgiu da putrefação do queijo, e a partir desse raciocínio montou um pensamento baseado em suas leituras, o qual era antagônico ao da Igreja. Sua base era cientificista e a leitura era uma “ferramenta” de resistência perante o sistema. Sua filosofia não reconhecida correspondia a uma:

Cosmogonia substancialmente materialista e tendencialmente científica. A doutrina da geração espontânea da vida a partir do inanimado, compartilhada por todos os intelectuais do tempo (e continuaria sendo até os experimentos de Francesco Redi, mais de um século depois), era, de fato, mais científica que a doutrina da Igreja no

que concerne à criação, baseada no Gênese. Walter Raleigh, em nome de “experiências sem arte”, pôde relacionar a mulher que faz o queijo (queijo!) e o filósofo natural: ambos sabem que o coalho faz coagular o leite na batedeira, mesmo não sabendo explicar por quê. (GINZBURG, 2006, p. 102).

Esse era um pensamento não ligado à religião, um comportamento que atingiu os experimentos de Francesco Redi,¹⁰ e era considerado mais científico do que a doutrina clerical. Segundo Ginzburg, “essa constatação não era óbvia para Menocchio” (GINZBURG, 2006, p. 102); ele realizava a sua própria montagem a partir de fatos ainda não concretos para ele, ou seja, realizava suas associações a partir da diversidade. Assim como a batedeira mistura os ingredientes, também o moleiro reunia suas ideias e montava sua concepção de como surgiu o mundo.

O 9º capítulo, “Luteranos e anabatistas”, explica a relação de Menocchio com os grupos conectados com a Reforma e suas ideias. A Reforma trazia uma natureza parecida com a do moleiro: anticlerical, renascentista e empírica, características semelhantes dos anabatistas:

Aquela que poderemos chamar de eclesiologia de Menocchio, reconstruível com base nas afirmações feitas por ele durante os interrogatórios de Portogruaro, tem uma fisionomia bem precisa. No complexo quadro religioso da Europa do século XVI ela nos remete, principalmente e em mais de um ponto, às posições dos anabatistas. A insistência na simplicidade da palavra de Deus, a negação das imagens sacras, das cerimônias e dos sacramentos, a negação da divindade de Cristo, a adesão a uma religião prática baseada nas obras, a polêmica pregando a pobreza contra as “pompas” da Igreja, a exaltação da tolerância, são todos elementos que nos conduzem ao radicalismo religioso dos anabatistas. É verdade que Menocchio não é um defensor do batismo para os adultos. Mas sabe-se que muito cedo os grupos anabatistas italianos chegaram a recusar também o batismo, bem como todos os outros sacramentos, admitindo além disso um batismo espiritual, baseado na regeneração interior do indivíduo. Menocchio, por sua conta, considerava o batismo absolutamente inútil: “Acho que, quando nascemos, já estamos batizados, porque Deus, que abençoa todas as coisas, já nos batizou”. (GINZBURG, 2006, p. 53)

Ao final desse capítulo é apresentada uma comparação do movimento da Reforma com a Cosmogonia elaborada pelo moleiro, os pontos em comum dizem

10 Um dos primeiros a contestar a geração espontânea. Um médico italiano que provou que larvas teriam vindo de moscas. (*Experimentos de Redi*. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/experimentos-de-redi>>. Acesso em: 20 jan. 2020)

respeito ao rompimento da unidade religiosa na conjectura social. E quando há esse rompimento tais visões são substituídas muitas vezes por ideias tiradas de livros.

No 12º capítulo, em que são destacados os livros lidos pelo moleiro, Ginzburg informa que “infelizmente não temos a lista completa de seus livros. No momento da prisão, o vigário-geral mandou que revistassem sua casa. Foram encontrados alguns volumes, mas não eram livros proibidos [...]” (GINZBURG, 2006, p. 67). Essas leituras contribuíam para aumentar seus saberes, que se manifestavam nas atitudes desse moleiro, um sujeito audacioso que não aceitava ser silenciado.

No 14º capítulo “Folhas impressas e ‘opiniões fantásticas’” são destacados alguns livros que tentam explicar as ideias polêmicas do moleiro; de início esse capítulo informa que a maioria dos exemplares adquiridos por Menocchio foram emprestados. O livro que foi comprado por ele foi *Fioretto della Bibbia*, uma obra que se tornou sua referência de cabeceira. Segundo Ginzburg, “A indiscriminada fome de leituras, mais do que um interesse específico, foi o que levou o livro para as mãos de Menocchio. Isso provavelmente vale para todos os livros que Menocchio teve a sua disposição [...]” (GINZBURG, 2006, p. 70).

No entanto o moleiro não escolheu esses títulos específicos, e sim correspondiam àqueles a que ele teve acesso. “[...] isso explica o predomínio de textos religiosos – seis entre onze, mais da metade, portanto.” (GINZBURG, 2006, p. 70-71). Assim as leituras não dão indicação direta acerca da formulação de suas ideias, mas fornecem alguns indícios de seu conhecimento:

[...] esse punhado de títulos, um conjunto fragmentado e parcial, nos permite algumas considerações. Ao lado da Escritura, encontramos livros de piedade, reelaborações da Escritura em verso e prosa, vida de santos, um almanaque, um poema semi-satírico, um livro de viagens, uma crônica, uma antologia de contos (*O Decameron*), todos em língua vulgar (como já foi dito, Menocchio não sabia muito mais de latim do que aprendera ajudando a missa), escritos dois ou três séculos antes, muito difundidos e consumidos por pessoas de várias classes sociais. O Foresti e O Mandeville, por exemplo, faziam parte da biblioteca de um outro "homem desconhecedor das letras", quer dizer, desconhecedor do latim, ainda que muito diferente: Leonardo da Vinci. E a *Historia del Giudicio* figura entre os livros de um famoso naturalista, Ulisse Aldovandi (que por sua vez tivera problemas com a Inquisição em virtude de suas relações, quando jovem, com grupos heréticos). É evidente que o *Alcorão* se sobressai nessa lista (caso Menocchio de fato o tivesse lido [...]). Os outros são títulos bastante óbvios, aparentemente incapazes de nos dar indicações sobre o modo

como Menocchio chegou a formular o que um conhecido seu definiu como “opiniões fantásticas”. (GINZBURG, 2006, p. 70).

Um ponto recorrente na obra de Ginzburg, não apropriado, acredita-se, é o uso da expressão classe social, num contexto ainda muito marcado pelos preceitos medievais, em que não havia mobilidade social; o ideal seria estamento. Segundo Francisco J. C Falcon, “o tipo de sociedade [...] que corresponde ao Antigo Regime e tem como característica principal o fato de ser uma “sociedade de ordens”, quase sempre identificada com o conceito weberiano de sociedade estamental [...] (FALCON, 1990, p. 25) não admite mobilidade social, se uma pessoa nasceu camponês estará fadada por toda a sua vida a permanecer neste estamento. Conforme citação abaixo:

Bem mais grave, porém, é a natureza mesma da sociedade que tal expressão pretende denotar – a chamada sociedade de ordens. Com efeito, embora nem todos se deem conta do fato, a caracterização em termos de sociedade de ordens ou estamental envolve, habitualmente, uma negação formal a respeito da possibilidade teórica ou da validade histórica de se analisar essa sociedade em termos de classes sociais. (FALCON, 1990, p. 25)

Um dos livros lidos pelo principal personagem da obra destacada acima foi o *Decameron* de Boccaccio, que também permite uma montagem de um contexto histórico da Idade Média, a peste negra, um momento muito crítico, em que se retratava um pouco a difícil realidade desses sujeitos populares, conforme excerto abaixo:

Na introdução do *Decameron*, Boccaccio pintou um quadro impressionante da peste negra e dos seus estragos na sociedade medieval: “Devo acrescentar que os cidadãos fugiam uns dos outros e que ninguém se preocupava com o seu vizinho? O desastre tinha lançado tanto terror no coração dos homens e das mulheres que o irmão abandonava o irmão, o tio o sobrinho, a irmã o irmão, muitas vezes mesmo a mulher o marido... os pais e as mães, como se os filhos já não fossem seus, evitavam ir vê-los e ajudá-los. Alguns expiravam de dia ou de noite na via pública; e muitos outros, embora mortos no domicílio, transmitiam primeiro aos vizinhos a notícia de sua morte pelo cheiro infecto da sua carne corrompida. Depois mandavam-se vir os caixões. (GIMPEL, 1976, p. 205)

Assim, o moleiro torna-se consciente da situação crítica em que vivia, ele e os outros camponeses, e a partir daí começa a gerar suas ideias. Essas questões foram um chamariz para Carlo Ginzburg; um dos primeiros aspectos salientados corresponde “a uma das acusações feitas a um réu que era a de que ele sustentava que o mundo tinha

sua origem na putrefação”. Essa frase atraiu a curiosidade de Ginzburg no mesmo instante (GINZBURG, 2006, p. 9). Apesar de ele estar mais curioso por aspectos fantásticos como bruxas, curandeiros, entre outros, a persistência e força desse sujeito chamou a atenção desse autor.

No 15º capítulo, “Beco sem saída”, Menocchio dá indícios de ter um pensamento luterano, com perspectivas anabatistas; a possibilidade de ser louco já tinha sido descartada, e segundo Ginzburg “a proposta de inserir as ideias e crenças de Menocchio numa veia profunda de radicalismo camponês trazida à luz pela Reforma [...] parece ter sido ostensivamente contradito pela lista de leituras reconstruída no estudo de Ginzburg (GINZBURG, 2006, p. 72). A cultura oral do moleiro “esbarrava” com as páginas impressas e desse encontro ora harmonioso, ora desarmonioso surgia suas ideias.

Martinho Lutero escreveu noventa e cinco teses que alertam sobre questões impostas pela Igreja, que explorava os mais pobres através da cobrança exagerada de indulgências, a pregação de uma paz inexistente, entre outras, conforme as teses 69 e 70 que advertem os padres e bispos para que não permitam que homens preguem “fantasias” consideradas como heresias nessa sociedade do século XVI:

69. Os bispos e curas devem advertir os comissários das indulgências apostólicas com toda a reverência. 70. Mas, ainda mais, obrigados estão a abrir os olhos e ouvidos, para que esses homens não preguem suas próprias fantasias em lugar da comissão do papa. (PEREIRA, 1977, p. 19-25)

Como o pensamento do moleiro era considerado uma “fantasia” que poderia prejudicar a ordem clerical vigente, ele foi combatido pela inquisição italiana, além de ter sido confundido com um sujeito louco. No 17º capítulo, “Funeral de Nossa Senhora”, Ginzburg conta que Menocchio acredita que a imperatriz é mais importante do que Nossa Senhora. Como já tinha feito acusações contra a Igreja, para os religiosos mais crentes, uma afirmação como essa chegava a ser uma ofensa. Fala de um louco mesmo. Em vários outros capítulos de seu livro Ginzburg destaca o traço de personalidade audacioso do moleiro, responsável pelo desenvolvimento do seu pensamento crítico.

Menocchio não acreditava que Deus, eterno e poderoso, pudesse se deixar prender e crucificar, muito menos nascer de uma mulher virgem; para esse personagem Cristo era um homem nascido como todos nós. Assim era montado o seu novo

pensamento, diferente do tradicional relatado pela Bíblia Sagrada. O 19º capítulo, “O dia do juízo final”, discute sobre os evangelhos apócrifos e canônicos: para Menocchio “os dois eram colocados no mesmo nível e considerados textos meramente humanos [...]”, (GINZBURG, 2006, p. 77), apesar de entre essas duas esferas haver diferenças. Em sequência, no 20º capítulo, “Mandeville”, o personagem alega que suas palavras foram responsabilidade da leitura desse autor; segundo Ginzburg (2006) “[...] o leitor de Mandeville podia adquirir uma série de conhecimentos pormenorizados tanto dos lugares sagrados e da localização das principais relíquias ali conservadas como dos usos e costumes dos habitantes (GINZBURG, 2006, p. 83-84).

No 21º e 22º capítulo, “Pigmeus e canibais” e “Deus da natureza”, Ginzburg mostra como Menocchio se impressionou com as histórias do livro, sobretudo quanto ao canibalismo. Segundo Ginzburg, “Com um tom de sóbrio distanciamento, quase etnográfico, Mandeville registra realidades ou crenças exóticas, mostrando como por trás de suas monstruosidades ou absurdos se ocultava um núcleo racional”. (GINZBURG, 2006, p. 90). Assim Ginzburg explica a influência desse livro no pensamento do moleiro:

Isso emerge com clareza no interrogatório de 22 de fevereiro. O vigário-geral perguntou pela enésima vez: "Diga-me quais eram seus companheiros de ideias". Menocchio respondeu: "Senhor, nunca encontrei ninguém com estas opiniões, as minhas opiniões saíram da minha própria cabeça. É verdade que li um livro que foi emprestado pelo nosso capelão, *Messer Andrea da Maren*, que hoje vive em Monte Real, intitulado *Il cavallier Zuanne de Mandavilla*; acredito que fosse francês, impresso em língua italiana vulgar. Ele me emprestou há uns cinco ou seis anos, mas eu já o devolvi há dois anos. Esse livro tratava da viagem para Jerusalém e de algumas divergências entre gregos e o papa; tratava também do grande Khan, da cidade da Babilônia, do Preste João, de Jerusalém e de muitas ilhas, cada uma vivendo a sua maneira. [...] Logo em seguida, retomou o discurso interrompido: "Esse mesmo livro do cavaleiro Mandavilla dizia também que, quando os homens estavam doentes, próximos da morte, procuravam o padre, e o tal padre consultava um ídolo que lhe dizia se o doente devia morrer ou não; caso sim, o padre o sufocava e junto com outros o comia; se o sabor era bom, não tinha pecados; se era ruim, tinha muitos pecados e tinham feito muito mal em deixá-lo viver tanto. E dali tirei minha opinião de que, morto o corpo, a alma também morre, já que existem muitos e diversos tipos de nações, uns acreditando de um modo, outros de outro". (GINZBURG, 2006, p. 92-93)

Em virtude do que Menocchio elaborou a partir da leitura desse livro e também do *Cento novelle*, de Boccaccio, Ginzburg argumenta que o moleiro não era simplesmente um reproduzidor de ideias e pensamentos, “Seu modo de lidar com os livros, suas afirmações deformadas e trabalhosas são sem dúvida sinais de uma reelaboração original. É evidente que esta não partira do nada. Cada vez com mais nitidez, vemos como ali se encontram, de modos e formas a serem ainda precisados, correntes cultas e correntes populares.” (GINZBURG, 2006, p. 93)

No 24º capítulo, “Cultura escrita e cultura oral”, o autor retoma a discussão de como esse personagem lia seus livros, e conta que o resultado dessas leituras, somados a influência da cultura oral resultava numa “mistura explosiva”, pelo qual constituía o pensamento anticlerical, que tanto afrontava a ordem social vigente daquele século XVI. No capítulo 29º, “As palavras do *Fioretto*”, por sua vez, são destacados aspectos da obra *Fioretto della Bibbia*, que segundo Ginzburg (2006) foi comprado em Veneza por e nele “Menocchio encontrara os termos eruditos que desfilavam em suas confissões ao lado de palavras empregadas no dia a dia.” (GINZBURG, 2006, p. 105). Neste adendo é destacada a mistura de palavras sofisticadas com humildes, justamente, de forma que o moleiro capta o novo erudito e a ele soma seu conhecimento de origem popular. Busca-se na religião os princípios básicos da natureza, como salienta esse trecho a seguir: “Pela combinação do homem e da mulher, [a natureza] engendra as criaturas e, através de Júpiter, outras criaturas são geradas de acordo com a ordem da natureza. Entretanto, [...] a natureza está sujeita a Deus [...]” (GINZBURG, 2006, p. 106). A conclusão do pensamento do moleiro se orienta conforme um “materialismo elementar, instintivo, de gerações e gerações de camponeses”. (GINZBURG, 2006, p. 107)

Menocchio tende a reduzir a religião a fatos mais mundanos, sua tendência seria orientar-se mais por meio dos evangelhos apócrifos. Segundo ele, a realidade muitas vezes está separada da Igreja e pode se ligar a fatos mais científicos que se cruzam por meio da cultura, conforme excerto abaixo:

Naturalmente nada nos leva a supor que Menocchio conhecesse o *Ragioni del perdonare*. Contudo, existia na Itália do século XVI, nos ambientes mais heterogêneos, uma tendência (captada com perspicácia por Crispoldi) em reduzir a religião a uma realidade puramente mundana – a um vínculo moral ou político. Essa tendência era expressa por diferentes linguagens, partindo de pressupostos diversos. E, apesar disso, nesse caso talvez seja possível perceber uma

convergência parcial entre os círculos mais avançados da alta cultura e os grupos populares de tendência radical. (GINZBURG, 2006, p. 82)

Domenico Scandella era do estamento dos camponeses, que tinham uma rotina já estabelecida, como cuidar dos moinhos, arar os campos, isto é, realizar serviços domésticos que preencheriam todo o tempo. Porém, o moleiro era uma exceção, além do serviço de rotina, também fazia leituras e enriquecia seu pensamento. Segundo Paola Berenstein Jacques, há uma explicação dessa forma de raciocinar, que foi decifrada no Atlas pelo próprio Aby Warburg, conforme excerto abaixo:

A “forma de pensar”¹¹ e a concepção da história (ele considerava os historiadores e os sábios ‘sismógrafos hipersensíveis’) de Warburg operam por montagens e imagens consteladas de detalhes (vestígios, reminiscências, gestos). O processo de montagem, desmontagem e remontagem compõem diferentes constelações. Trata-se de uma forma complexa, de “caráter híbrido”, de produzir conhecimento “contra toda pureza epistêmica”, uma compreensão sinóptica que cruza diferentes campos e disciplinas e que não pode ser engessada (JACQUES, 2018, p. 212).

Há uma busca pelo pensamento livre, sem fronteiras, concepções variadas que não se prendem a uma verdade única. Era um enorme desafio contestar o pensamento vigente, tipicamente clerical. O conceito de montagem torna-se potente como ferramenta teórica de entendimento da construção e desconstrução de novos pensamentos:

Contra toda pureza epistêmica, o Atlas introduz no saber a dimensão sensível, o diverso, *o caráter lacunar* de cada imagem. Contra toda pureza estética, ele introduz o múltiplo, o diverso, *o caráter híbrido* de toda montagem [...]. Ele é uma ferramenta, não de esgotamento lógico de possibilidades dadas, mas da inesgotável abertura aos possíveis ainda não dados (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 13).

Esse caráter híbrido aproxima-se da diversidade de leituras que o moleiro realizava e de como as realizava, normalmente textos proibidos pela igreja. A montagem seria uma forma de organizava seu pensamento e de narrar e escrever a sua cosmogonia,

11 “Ora, só a montagem – como forma de pensamento - permite espacializar essa ‘desterritorialização’ dos objetos de conhecimento. [Mnemosine] é um objeto intempestivo, por se atrever, na era do positivismo e da história triunfal, a funcionar como um quebra-cabeça ou um jogo de cartas de tarô [...]. Mnemosine [Warburg] é, portanto, o objeto anacrônico por excelência, mergulha no imemorial (a astrologia babilônica das primeiras pranchas) para ressurgir no futuro [...] (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 406).

afinal, se orientava de fragmento em fragmento, tentando criar um raciocínio que ligasse as diferentes leituras:

Mas como eram lidos pelo público de então? Em que medida a cultura predominantemente oral daqueles leitores interferia na fruição do texto, modificando-o, remodelando-o, chegando mesmo a alterar sua natureza? As referências de Menocchio às suas leituras nos dão um exemplo claro desse tipo de relação com o texto, a qual diverge por inteiro da dos leitores cultos de hoje. Tais referências nos permitem medir a defasagem, justamente hipotetizada por Bollème, entre os textos da literatura “popular” e o modo como eram lidos por camponeses e artesãos. No caso de Menocchio a defasagem aparece com uma profundidade decerto pouco comum (GINZBURG, 2006, p. 22).

O ato de o personagem reunir vários fragmentos de leitura e com isso criar sua cosmogonia, seria uma forma de utilizar aquilo que sobrou, que foi desconsiderado pelos estudiosos letrados, uma maneira de usar os restos desconsiderados da História que são tão valorizados pela micro-história. As afirmações de Menocchio não foram resultado de influências passivas, como pode ser observado na citação abaixo:

A defasagem entre os textos lidos por Menocchio e o modo como ele os assimilou e os referiu aos inquisidores indica que suas posições não são redutíveis ou remissíveis a um ou outro livro. Por um lado, elas reentram numa tradição oral antiquíssima; por outro, evocam uma série de motivos elaborados por grupos heréticos de formação humanista: tolerância, tendência a reduzir a religião à moralidade etc. Trata-se de uma dicotomia só aparente, que remete na verdade a uma cultura unitária em que não é possível estabelecer recortes claros. Mesmo que Menocchio tenha entrado em contato, de maneira mais ou menos mediada, com ambientes cultos, suas afirmações em defesa da tolerância religiosa, seu desejo de renovação radical da sociedade apresentam um tom original e não parecem resultado de influências externas passivamente recebidas. As raízes de suas afirmações e desejos estão fincadas muito longe, num estrato obscuro, quase indecifrável, de remotas tradições camponesas (GINZBURG, 2006, p. 23).

A camada dominante dessa ideologia clerical, que prevalecia nesse período ainda marcado pelos preceitos medievais, sente-se ameaçada com essa nova cultura unitária de Menocchio e o persegue por isso, no intuito de desmontar e desconsiderar essa nova visão de mundo mais humanista. A montagem então aparece como uma maneira de saber histórico, no momento em que ela reconhece essa nova versão dos fatos. A maioria dos textos que Menocchio personagem lia era distante da sua realidade, por isso

tinha algumas dificuldades, acompanhava o ritual da missa sagrada e ao mesmo tempo “ruminava” o evangelho. A partir desse ponto concordava com alguns aspectos religiosos, mas também discordava de outros. O resultado desse processo era a montagem de alguns saberes que, segundo o próprio moleiro, não passavam de uma banal “ vaidade” originada a partir da sua própria pessoa; afinal, segundo o moleiro cada pessoa tem uma opinião própria, porém, não se sabe quem é o correto. É possível entender melhor essa afirmação através do excerto extraído de um interrogatório utilizado por Ginzburg, que toma a religião como um modelo em que ninguém sabe, qual é a correta.

Tentou de imediato tomar a dianteira, procurando inverter o mecanismo do interrogatório: “Façam o favor de me escutar, senhores...”. Através da lenda dos três anéis, Menocchio reforçou a doutrina da tolerância, que já formulara no primeiro interrogatório. Ali, porém, a argumentação era religiosa: todas as fés se equivalem (incluídas as heresias), já que “Deus deu o Espírito Santo a todos”. Agora, entretanto, a ênfase era na equivalência entre as várias igrejas como realidades ligadas à vida social. “Senhor, eu acredito sim que cada um ache que a sua fé seja a melhor, mas que não se saiba qual é a correta: mas, porque meu avô, meu pai e os meus são cristãos, eu quero continuar cristão e acreditar que essa seja a melhor fé”. (GINZBURG, 2006, p. 164)

Como ninguém encontrou a verdade, a mesma pode surgir de quaisquer fontes, até mesmo a partir do olhar do ingênuo. Exatamente quando alguém enxerga com toda a ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber, executa descobertas, muitas vezes, de extrema relevância para o indivíduo e/ ou para seu grupo social. Determinada revelação acredita-se, pode nascer, também, de fontes ainda não exploradas, conforme a proposição de Didi-Huberman (2017), ao comentar o personagem Carlitos, da obra de Chaplin, no fragmento a seguir.

O personagem de Carlitos aparece como uma figura paradigmática da ingenuidade. Mas Chaplin mostra-a de tal maneira que do olhar do ingênuo possa nascer, no entanto, um verdadeiro pensamento dialético. E mais ainda que o gesto do ingênuo possa encontrar seu sentido e sua eficácia numa autêntica tomada de posição, tanto ética quanto política. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 203)

Esse olhar ingênuo parece estar também na figura do moleiro de *O queijo e os vermes*, quando este expõe suas ideias, contrárias à realidade social da época. Um

personagem com poucas condições financeiras, autodidata, com origem popular que ousa criar um pensamento próprio. Na obra de Ginzburg o pensamento dialético atinge a questão cultural.

Menocchio cita o Alcorão, trechos da Bíblia e demonstra com essa ação uma grande coragem diante de uma sociedade muito rigorosa e estamental, em que as punições para aqueles considerados transgressores eram bastante severas. O moleiro tenta se aproximar da Igreja, devido ao temor e à perseguição; com uma família para sustentar e pouquíssimas condições, se arrepende, mesmo com as ideias fervilhando em sua cabeça. A citação abaixo demonstra esse momento crítico em que o moleiro tentava retornar à igreja:

Evitado pelos filhos, que o consideravam um peso, uma desonra para a aldeia, uma ruína para a família, Menocchio procurava com afã ser reintegrado à Igreja que por uma vez já o afastara, marcando-o visivelmente como réprobo. Por isso fazia o patético gesto de reverência aos “superiores”: “inquisidores” (em primeiro lugar, o que é compreensível) e depois “bispos, vigários, párocos, capelães, curas”. Um ato de reverência inútil, em certo sentido, porque, no momento em que fora escrito, as investigações do Santo Ofício ainda não haviam recomeçado. Porém, o impulso irrefreável de “procurar as coisas grandes” atormentava Menocchio, deixava-o “confuso”, fazia que se sentisse culpado e como alguém “que caiu em desgraça ante o mundo”. (GINZBURG, 2006, p. 168)

Nesse contexto conturbado, é difícil estabelecer uma harmonia entre esse personagem e os representantes clericais, afinal os pensamentos são diferentes, e essa cultura popular que “aflora”, mesmo que timidamente, cercada de vários receios em relação à inquisição e outros poderosos, assusta os donos do poder daquele século XVI. No pensamento de Menocchio, segundo o que argumenta Ginzburg, observa-se o fenômeno da circularidade cultural, um trânsito entre a cultura erudita e a popular, que ora se encontram, ora se desencontram, e assim afirmam o início de uma convergência de diferentes pensamentos, que se estabelecem num processo de montagem. No excerto abaixo é possível perceber a busca de Menocchio por esse patrimônio erudito que tanto o atrai, o qual não pode ser lido sem o rastro da cultura popular que o moleiro carrega:

Menocchio comprara o *Fioretto della Bibbia*, mas também pedira emprestado o *Decameron* e as *Viagens* de Mandeville; afirmara que a escritura poderia ser resumida em quatro palavras, todavia sentira a necessidade de se apropriar ainda do patrimônio de conhecimentos de seus adversários, os inquisidores. Percebe-se, portanto, no caso de Menocchio, um espírito livre e agressivo, decidido a acertar contas

com a cultura das classes dominantes; no caso de Scolio, a posição é mais reservada, esgotando a própria carga polêmica na condenação moralista da cultura urbana, no desejo vago de uma sociedade igualitária e patriarcal. (GINZBURG, 2006, p. 179)

Esse espírito livre do moleiro foi muito reprimido pelas autoridades daquele período, num momento em que propunha algo diferente, que poderia comprometer a hierarquia dominante vigente. Diante dessa realidade, segundo Ginzburg, “muitas vezes vimos aflorar, através das profundíssimas diferenças de linguagem, analogias surpreendentes entre as tendências da cultura camponesa que tentamos reconstruir e as de setores mais avançados da cultura quinhentista.” (GINZBURG, 2006, p. 189).

Essa visão sobre o encontro das diversas culturas fica mais compreensível quando comparada ao excerto abaixo em que Didi-Huberman, a partir do texto “O ensaio como forma”, de Theodor Adorno, e do pensamento de Walter Benjamin em “Paris, capital do século XIX”, procura pensar a “legibilidade das coisas”:

É assim que o ensaio produz seu trabalho fundamental, que é um trabalho de leitura, um desenvolvimento da *Legibilidade das coisas*. Lembrem-se da hipótese formulada nos anos trinta por Walter Benjamin: “A imagem que é lida – quero dizer a imagem no Agora da conhecimentabilidade – carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, que é o fundo de toda leitura”. (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 109)

É no pensamento do moleiro que se revelava essa “conhecimentabilidade” que carregava uma crítica, algo perigoso àquele sistema vigente. O ensaio, portanto, levaria à criação e à reflexão, à criação com reflexão, que é o pensamento em si, muito semelhante à forma de pensar do moleiro, que busca no indizível, respostas para várias perguntas e cria sua própria cosmogonia. Segundo Ginzburg, “uma cultura quase exclusivamente oral como a das classes subalternas da Europa Pré-industrial tende a não deixar pistas, ou então deixar pistas distorcidas” (GINZBURG, 2006, p. 189). E é nesse momento que se observa a eficiência desse personagem ao montar o dizível. Segundo o trabalho de Adorno:

A tenacidade com que esse esquema sobrevive seria tão enigmática quanto sua carga afetiva, não fosse ele alimentado por motivos mais fortes do que a penosa lembrança da falta de cultivo de uma cultura que, historicamente mal conhece o *homme de lettres*. Na Alemanha o ensaio provoca resistência porque evoca aquela

liberdade de espírito que, após o fracasso de um Iluminismo cada vez mais morno desde a era leibniziana, até hoje não conseguiu desenvolver adequadamente, nem mesmo sob as condições de uma liberdade formal, estando sempre disposta a proclamar como sua verdadeira demanda a subordinação a uma instância qualquer. O ensaio [...] em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram. (ADORNO, 1973, p. 16)

O moleiro representaria essa “criança”, no momento em que ousa quebrar algumas normas, e cria sua Cosmogonia, com isso, se aproxima do diferente e se orgulha ao estar próximo desses sujeitos reconhecidos. No entanto, não é tão bem recebido pelos grupos abastados, conforme o excerto abaixo; tende a surgir com esse processo uma espécie de reforço em relação à distinção entre as culturas.

Portanto, há um valor sintomático num caso-limite como o de Menocchio. Ele repropõe, com força, um problema cuja importância só agora se começa a perceber: as raízes populares de grande parte da alta cultura europeia, medieval e pós-medieval. Figuras como Rabelais e Bruegel não foram, provavelmente, exceções notáveis. Todavia, fecharam uma época caracterizada pela presença de fecundas trocas subterrâneas, em ambas as direções, entre a alta cultura e a cultura popular. O período subsequente, ao contrário, foi assinalado tanto por uma distinção cada vez mais rígida entre cultura das classes dominantes e cultura artesanal e camponesa como pela doutrinação das massas populares, vinda de cima. Podemos localizar o corte cronológico entre esses dois períodos na segunda metade do século XVI, que coincide significativamente com a intensificação das diferenças sociais sob a influência da revolução dos preços. (GINZBURG, 2006, p. 18-190)

Nessa condição da diferença entre cultura erudita e popular, “o importante não é o que Menocchio leu ou recebeu – é como leu, é o que fez de suas experiências; o que diminui a distância que se costuma propor entre leitura e escrita, entre uma postura passiva e outra ativa diante do conhecimento” (GINZBURG, 2006, p. 194). Ele não aceitava as coisas passivamente, ia em busca do saber e mesmo perseguido não desistia do seu ideal, adquirir conhecimento e acrescentar a ele sua opinião; assim ia criando sua própria “arqueologia do saber”, e realizar essa reflexão, segundo Didi-Huberman (2012) representa:

Sempre arriscar-se a por uns junto a outros, traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, posto que vêm de lugares separados e tempos desunidos por lacunas. Esse risco tem por nome *imaginação e montagem*. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 211-212)

Domenico Scandella era múltiplo, não tinha apenas uma profissão, a de moleiro, era também carpinteiro, marceneiro, pedreiro, entre outras; além disso, lia o que lhe caía às mãos e fazia conexões muitas vezes impensáveis, a partir de uma montagem de textos. Além disso, ele dizia: “Quem pensa que sabe muito é quem nada sabe [...]. Acho que a lei e os mandamentos da Igreja são só mercadorias e que se deve viver acima disso” (GINZBURG, 2006, p. 42). Menocchio achava que quando nascemos já estamos batizados, porque “Deus, que abençoa todas as coisas, já nos batizou. O batismo é uma invenção dos padres, que começam a nós comer a alma antes do nascimento.” (Ginzburg, 2006, p. 42). É também nesse sentido que seu pensamento se volta para a montagem:

A montagem será precisamente uma das respostas fundamentais a esse problema de construção da historicidade. Porque não está orientada simplesmente, a montagem escapa às teleologias, torna visíveis as sobrevivências, os anacronismos, os encontros de temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto. Então, o historiador renuncia a contar “uma história”, mas ao fazê-lo consegue mostrar que a história não é senão todas as complexidades do tempo, todos os estratos da arqueologia, todos os pontilhados do destino. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 212)

Essa teoria de natureza dinâmica proporciona o nascimento de muitas interpretações acerca da História, além de um entrecruzamento de disciplinas. Na pesquisa de Ginzburg, há um emprego da etnografia, na perspectiva de conhecer melhor os traços culturais desse moleiro, além de implicações sociais que tendem a interferir no cotidiano de outros sujeitos pertencentes ao seu estamento inicial. Ao destacar Bruegel e Rabelais, Ginzburg apresenta características da cultura popular naquele século XVI:

Segundo Bakhtin, essa visão de mundo, elaborada no correr dos séculos pela cultura popular, se contrapõe, sobretudo na Idade Média, ao dogmatismo e à seriedade da cultura das classes dominantes. Apenas levando-se em consideração essa diferença é que a obra de Rabelais se torna compreensível. A sua comicidade se liga diretamente aos temas carnavalescos da cultura popular. Portanto temos, por um

lado, dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI. (GINZBURG, 2006, p. 15)

Didi-Huberman nos alerta sobre uma história mais ampla, que abrange mais sujeitos históricos, exemplos de resistência como o principal personagem de Ginzburg, um exemplo de luta, que torna visível a sobrevivência de uma cultura desvalorizada pelos donos do poder. Além de argumentar sobre a circularidade cultural a partir do pensamento de Bakhtin, Ginzburg, no início de seu livro, alerta para um ponto importante: “[...] os termos do problema mudam de forma radical ante a proposta de estudar não a ‘cultura *produzida* pelas classes populares’, e sim a ‘cultura *imposta* às classes populares’. Foi o que Robert Mandrou tentou fazer com a fonte Literatura de Cordel.” (GINZBURG, 2006, p. 13).

Por meio da montagem se estrutura uma “teia” de saberes, que ora se ligam, ora se desligam, tendo como resultado um produto, o conhecimento. Segundo Jacques, “A montagem aparece, então, como forma de conhecimento histórico no momento em que ela também caracteriza o objeto desse conhecimento [...]” (JACQUES, 2018, p. 217). Menocchio monta com os resíduos das diferentes culturas e dos diferentes tempos:

[...] o historiador cata e monta com os fragmentos que sobram porque estes têm a capacidade tanto de desmontar a história “oficial” ou “hegemônica” do presente, quanto de remontar outros tempos heterogêneos. (JACQUES, 2018, p. 217).

A montagem se revela orientada a partir da sua lógica dinâmica de montar e desmontar. Semelhante a tarefa realizada por Menocchio, esse moleiro possuía seus “objetos” de criação, responsáveis também pela elaboração de sua cosmogonia; pelo qual permitiam contestar as injustiças e mazelas que atingiam todo aquele contexto do século XVI, por meio da sua imaginação inesgotável no sentido de persistência e criatividade quanto a defesa da existência de uma realidade exploratória, que prejudicava principalmente a população pobre daquela época. A defesa de uma nova cultura observada como uma releitura de mundo. E essa imaginação inesgotável se orienta por meio dos “objetos do moleiro, o caminho pelo qual se orientou em busca de sua cosmogonia, assim como “os objetos do saber warburgiano”, segundo Didi-Huberman 2013:

Os objetos do saber warburgiano, portanto, menos aparecem como objetos passados que como *Urphanomonte*: “fenômenos originários”, observados em suas sobrevivências. Eles estão sempre em movimento e, tal como certos animais marinhos, disseminam a sua volta um rastro de tinta, uma nuvem de escuridão que dificulta sua medição exata e seu exame com serenidade. Não têm limites precisos. Projetam uma energia sombria ao seu redor e até nosso foro íntimo. Fantasmas calcificados, ficções cristalizadas, corais de memória, eles são, nas águas turvas do tempo, eminentemente fantasmáticos. Os objetos da história warburgiana_ as imagens- de modo algum são objetos, portanto. Reduzi-los a essa condição é negar sua própria “vida”, ou seja, sua capacidade de se metamorfosearem e se moverem num meio do qual sua própria matéria participa, [...] Warburg o expressou, meses antes de morrer, ao afirmar que a história das imagens deve ser compreendida como uma “história de fantasmas para gente grande”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 426)

Assim o objeto utilizado tanto por Warburg quanto por Menocchio, só que através de uma abordagem diferente, diz respeito a imagem, o primeiro a usava no sentido real, como um objeto, isto é, figura concreta, por exemplo: fotografias históricas integrantes de sua coleção. Em antemão o moleiro expressava a imagem em sentido figurado, através de ações quanto a insatisfação do sistema vigente. Suas falas, pensamento e reflexões que de uma maneira ou outra conspiravam à formação de uma tão sonhada imagem, e ou realidade estamental, mais digna a esfera de todos, principalmente dos populares.

Essa figura que denuncia a soberba doutrinal, condena o latim como sendo uma opressão aos mais pobres e com essa atitude objetiva ter mais liberdade, não apenas para si, mas para os outros que como ele nasceram em “berços simples” e precisam lutar para serem ouvidos, para terem suas opiniões e suas manifestações artísticas e históricas reconhecidas, e a partir daí, transmitidas de geração em geração, por meio da sua própria identidade, seja ela escrita ou oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi motivada pela carência de reflexão acerca dos sujeitos não canonizados da História. Ela apresenta como objetivo geral a realização de um estudo sobre o livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, de Carlo Ginzburg, partindo da premissa de que a narrativa exalta a cosmogonia criada por Menocchio e questiona a não ratificação de alguns saberes discordantes do saber legitimado. Para tanto, utilizou-se um *corpus* teórico transdisciplinar, que abrange teorias dos campos da História, Filosofia, Sociologia, Geografia. O livro analisado conta a história de Menocchio, que viveu durante um período ainda marcado pelos preceitos medievais, e essa história foi lida por Ginzburg a partir do conceito de circularidade cultural de Bakhtin. Esta dissertação procurou acrescentar o conceito de montagem, de Didi-Huberman às discussões do historiador.

Por que há reduzidos estudos dos sujeitos não canonizados pela História Oficial? Essa foi a pergunta que norteou o início da pesquisa. Para responder a essa indagação, foi necessário pesquisar autores e filósofos como Michel Foucault, Boaventura de Souza Santos, Carlo Ginzburg, Mikhail Bakhtin e Jacques Rancière, Georges Didi-Huberman, pois realizaram trabalhos, entre outras abordagens, ligados aos seguintes temas: “Saber e poder”, “Ecologia de saberes”, “Cultura erudita e cultura popular”, “Circularidade Cultural” e “Emancipação intelectual”.

No primeiro capítulo desenvolve-se um estudo do conceito de saber e a sua ligação com o poder na obra de Ginzburg, que conta a história de Menocchio, sujeito que foi perseguido pela Inquisição italiana, e diante das ameaças continua a denunciar a corrupção da Igreja e Estado através da divulgação de seu pensamento. Ele denuncia o Latim, como um artifício de enganação daqueles que desconheciam essa língua. Domenico Scandella, como também era conhecido o moleiro, tramitava pelos núcleos eruditos e populares, fenômeno que Ginzburg reconheceu como “Circularidade cultural”. Assim, esse homem possuía uma rica “bagagem” de conhecimentos, resultado de sua formação educacional básica, que lhe possibilitou realizar a leitura de alguns livros que adquiriu ou tomou emprestado ao longo de sua vida, e de seu contato com a cultura oral.

Menocchio reunia informações dessas leituras, relacionadas a sua experiência de vida, acrescentados os contatos com grupos eruditos, e a partir dessa experiência criou uma Cosmogonia sobre “a origem do mundo”. No entanto, não eram todos os discursos que podiam ser proferidos. Segundo Michel Foucault, “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada [...], por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]”. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9). Apesar dessa dificuldade, o moleiro insistia e revelava seu pensamento; mancomunava-se com os seguidores do protestantismo, enfim pensadores que não permitiam serem cerceados pelo poder clerical.

Havia também outros influenciadores de Menocchio, como os representantes do humanismo, agnósticos, ateus, entre outros, que defendiam outras concepções além daquela, referente a Igreja e ao Estado. Novas ideias surgiam nesse contexto do século XVI, o que fazia “fervilhar” as relações entre os civis e aqueles que detinham o poder. Para entender melhor essas transposições de saberes, adotou-se aqui o conceito de Transdisciplinaridade, termo que, segundo Domingues, é um recurso que possibilita uma melhor compreensão da “dinâmica dos saberes”, além de também permitir a ocorrência dos pontos de contato entre diferentes temas, oriundos de diversas culturas. Quando ocorre essa organização, identifica-se a ausência de muitos saberes, muitos de origem popular, e essa supressão Boaventura de Sousa Santos denomina “Política dos saberes”. Assim, uma relação extremamente desigual de saber-poder pode conduzir à supressão de muitas formas de conhecimento próprias daqueles não ligados ao poder legitimado. Santos usa a expressão “epistemologias do sul” para tratar de algumas dessas supressões (SANTOS; MENEZES, 2009, p. 508).

Com esse raciocínio, Santos reivindica a legitimação de muitos saberes, além de entrar em equilíbrio com o raciocínio de Michel Foucault quanto à confirmação de que o saber pressupõe o poder de um grupo sobre o outro. Pode haver convivência, desde que haja uma conscientização de respeito às diferentes culturas. E para tanto, no âmbito do estudo do livro de Ginzburg, realizou-se uma reflexão acerca dos conceitos de liberdade e repressão segundo Hissa, para quem “a liberdade é um luxo” e todos deveriam ter o direito de desfrutar dela.

Menocchio luta em busca dessa liberdade, para si e seus iguais, não se intimida diante dos obstáculos, e passa a ser considerado um multiculturalista de seu tempo. Seus pensamentos se dão a partir da montagem, conceito que é trabalhado no segundo

capítulo desta dissertação, a partir das reflexões de Didi-Huberman, que sustentam a análise da presente obra. O moleiro apresentado por Ginzburg constrói e desconstrói pensamentos, elabora uma nova visão sobre a “origem do mundo” e não aceita as imposições da Igreja.

De início foi apresentado o conceito base da montagem segundo o pensador francês, que corresponde à “disposição das coisas”, através dos trabalhos de Aby Warburg com pranchas fotográficas; conseqüentemente a aplicabilidade dessa lógica de organização para o pensamento. Um aspecto que se destacou foi a não obediência à sucessão normal dos acontecimentos. Isso permite uma revisão das verdades; no momento em que se aceitam novas possibilidades, torna-se possível reconstruir pensamentos que melhor se adaptem a cada contexto social, priorizando o bem-estar entre diferentes culturas.

Nesse quadro medieval a imagem representa um símbolo do pensamento, uma constante dinâmica, a qual permite várias reflexões. Segundo Jacques Rancière, ancorado no pensamento de Roland Barthes, essa é a “imagem pensativa”, aquela que possibilita recursos à configuração de uma crítica social, econômica ou política. O moleiro representava uma espécie de filósofo espontâneo, afinal fazia de suas observações uma crítica ao sistema estamental vigente, por realizar reflexões consideradas “marginais” e não aceitas pelo Estado e Igreja. Esse homem via a corrupção da igreja, lia seus livros, escutava variadas opiniões e, a partir desse momento, elaborava um mapa imaginário, que, de certa forma, funcionava como uma espécie de fotografia.

Menocchio comprometeu sua vida pessoal, mas não permitiu ser silenciado, “montou” a possibilidade de uma nova imagem para aquela sociedade fechada e estamental. Um lugar com mais liberdade de expressão, uma imagem um pouco mais flexível, em que o Clero não seria o único a prosperar, desejo esse tão antigo, mas ao mesmo tempo extremamente contemporâneo, já que em pleno século XXI prevalecem resquícios de uma humanidade pouco flexível, que padece ainda devido à grande desigualdade social, aos preconceitos e às ditaduras, ciente de que a salvação, em qualquer contexto histórico, não “habita” apenas no pensamento livre, e sim na dignidade humana.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura*. Trad. Augustin Wernet. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 1991.
- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BALANGUER, Vicente. *Comprender los evangelios*. Eunsa, Pamplona, 2005.
Disponível em: <opusdei.org/pt-br/article/quai-são-as-diferenças-entre-os-evangelhos-canonicos-e-os-apocrifos>. Acesso em 27 out. 2019.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Dialogismo, polifonia e enunciação*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Mágia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas, v. 1.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução e coordenação de Willy Bolle. São Paulo; Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado/Editora UFMG, 2006.
- BETHENCOURT, Francisco. *História das inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p.179-192, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Trad. Luiz B. L Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Antônio M. Cavalcanti. Porto: 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013.

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou a gaia ciência inquieta: o olho da história III*. Trad. Renata Correia Botelho e Rui Pires Cabral. Lisboa: KKYM, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou le gai savoir inquiet: Loeil del' histoire 3*. Paris: Les éditions de minuit, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Trad. Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. *Pós*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição: o olho da história I*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido*. Trad. Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p.109.
- DOMINGUES, Ivan. *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- DOMINGUES, Ivan. *Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- FALCON, Francisco J. C. *Mercantilismo e transição*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem. 2009.
- FONSECA, Krukemberge. *Experimentos de Redi*. Portal São Francisco. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/experimentos-de-redi>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Trad. Manoel Barros da Mota. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete, 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIMPEL, Jean. *A revolução industrial da Idade Média*. Portugal: Éditions du Seuil, 1975.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: _____. *O fio e o rastro: verdadeiro, falso, fictício*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 249-279.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

JACQUES, Paola Barenstein. Pensar por montagens. In: JACQUES, Paola Barenstein; PEREIRA, Margareth da Silva. *Nebulosas do pensamento: modos de pensar*. Salvador: EDUFBA, 2018.

LEITE, Francisco Benedito. *Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <www.unigrangrio.br/mikhailmikhailovichbakhtin:brevebiografiaealgunsconceitos>. Acesso em: 10 ago 2019.

LIRA, Frank Wyllis Cabral Lira. *Adorno e o ensaio como forma*, 2013. Disponível em: <https://medium.com/@frankwcl/adorno-e-o-ensaio-como-forma-a890a4ceeb53>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MAIA, Aline; MEDEIROS, Cynthia; FONTES, Flávio. O conceito de sintoma na psicanálise. *Estilos da Clínica*, São Paulo, n. 1, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100004>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MATOS, Olgária Chain Féres. Ethos e amizade: a morada do homem. In: DOMINGUES, Ivan. *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do sul*. Coimbra: G.C., 2009.

MENEZES, Raniere. *Anabatismo, o movimento mais radical e o mais perseguido da reforma protestante*. 2011. Disponível em: <<http://monergismo.com/raniere/anabatismo-o-movimento-mais-radical-e-mais-perseguido-da-reforma-protestante/>>. Acesso em: 8 out. 2020.

MORIN, Edgar. Articulando os saberes. In: ALVES, N. e GARCIA, R. (Org.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro, DP e A, 1999.

MULLER, Maristela. Conhecimento por montagem: aproximações e diferenças em Didi-Huberman, Warburg e Eisenstein. *Revista da Fundarte*. Montenegro, ano 18, n. 35, jan/jun. 2018. Disponível em: [http://.seer.fundarte.rs.dou.br/index.php/Revista da Fundarte/index](http://.seer.fundarte.rs.dou.br/index.php/Revista_da_Fundarte/index). Acesso em: 18 jun. 2018.

PARAIN, Charles. A evolução do sistema feudal. In: SANTIAGO, Theo. *Do feudalismo ao capitalismo: uma discussão histórica*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

- PEREIRA, Tércio Moraes. *A Reforma Protestante do século XVI*. Rio de Janeiro: Divulgadora Cultural Brasileira, 1977.
- PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Manuais de civilidade, modelos de civilização. *História em Revista*, Pelotas, v. 9, n. 6, dez. 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Monica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Ed. 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lílian do Valle. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. Trad. Anne-Marie Milon de Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, set/dez, 2010.
- SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: princípios para resgatar o elo perdido. *Revista Brasileira de Educação*, v.13, n. 37, jan./abr. 2008.
- SILVA, Antônio Nardison C. *et al.* Aspectos da Inquisição Medieval. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 19, n. 73, p. 59-88, jan./mar. 2011.
- SILVA, Drance Elias *et al.* De Lutero aos povos indígenas: Movimento Protestante no Brasil. *Revista de Teologia e Ciências da Religião Universidade Católica de Pernambuco*, Recife, v. 6, n. 2, p. 323-324, jul./dez. 2016.
- VEIGA, Luiz Maria. *A grande navegação de Fernão de Magalhães*. São Paulo: Ática, 1993.